AVENTURAS NA HISTÓRIA

PARA VIAJAR NO TEMPO

EDIÇÃO 41 JANEIRO 2007

Veja a segunda das

7 Maravilhas do Mundo

Capoeira *in* Rio

A luta das gangues de escravos para delimitar seu espaço nas ruas cariocas do século 19

Maria Antonieta

Quem foi essa rainha que terminou degolada mas continua na moda? Conheça as verdades e mentiras sobre a personagem mais famosa da Revolução Francesa



R$ 9,95



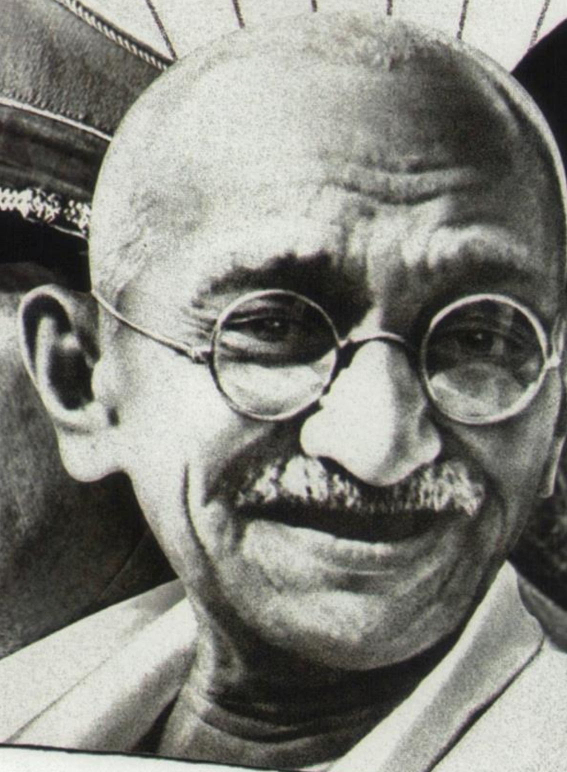
Descubra a trajetória de objetos tão famosos quanto seus donos, como a **guitarra de Jimi Hendrix**

Um país para chamar de seu

Armênios, curdos, palestinos. A vida dos povos sem nação

Guerra do Peloponeso

A briga entre Atenas e Esparta selou o destino grego


DIAS QUE ABALARAM O MUNDO 3

EDITORA Abril

Fundador: VICTOR CIVITA (1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente-Executivo: Giancarlo Civita

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Jose Roberto Guzzo

Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora Corporativa de Publicidade: Thais Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretora de Núcleo: Helena Bagnoli

AVENTURAS NA HISTÓRIA

Redatora-chefe: Patricia Hargreaves
Editora de Arte: Débora Bianchi **Editores de Texto:** Cláudia de Castro Lima e Fábio Peixoto **Designers:** Bernardo Borges e Fabio Otubo **Atendimento ao leitor:** Alessandra Mennel **Estagiária:** Michele K. Quaresma (arte) e José Vicente Bernardo (revisão) **NÚCLEO DE INTERNET: Redatora-chefe:** Goretti Tenório **Editor-colaborador:** Felipe van Deursen **Webmasters:** Johnny Higuto e André Luiz Pereira **Estagiárias:** Fabiane Zambon e Karina Bedacchi (arte) **CTI - UN II:** Aldo Macedo (chefe), Aldo Teixeira, Regina Sano, Rodrigo Lemes e Rogério da Veiga

www.aventurasnahistoria.com.br

Apoio Editorial: Beatriz de Cássia Mendes, Carlos Grassetti **Serviços Editoriais:** Wagner Barreira **Depto. de Documentação e Abril Press:** Grace de Souza

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Marcos Peregrina Gomez, Mariane Ortiz, Robson Monte, Sandra Sampaio **Executivos de Negócio:** Eliani Prado, Letícia di Lallo, Luciano Almeida, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Marcia Soter, Nilo Bastos, Pedro Bonaldi, Sueli Cozza,Virginia Any, Vlamir Aderaldo, Willian Hagopian **PUBLICIDADE REGIONAL: Diretor:** Jacques Baisi Ricardo **PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO: Diretor:** Paulo Renato Simões **PUBLICIDADE NÚCLEO CULTURA: Gerente :** Fernando Sabadin **Executivos de Negócio:** Alessandra Damaro, Analucia Bertola, João Eduardo Dias, Larissa Ceravolo, Luis Fernando Lopes, Luiz Carlos Rossi, Nanci Garcia, Vera Robles Reis. **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing:** Valeska Scartezini **Gerente de Publicação:** Louise Faleiros **Eventos:** Anna Christina Franco e Denise Zuanazzi **Gerente de Circulação Avulsas:** Mauricio Paiva **Gerente de Circulação Assinaturas:** Sergio Ricci **Licenciamento:** Paulo Alves e Vanessa Weitman **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES: Diretor:** Auro Iasi **Gerente:** Victor Zockun **Analista:** Silvio Fontes **Processos:** Fabiano Valim **ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 8º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000, fax (11) 3037-6334 **Publicidade São Paulo** www.publiabril.com.br, **Classificados** tel. 0800-7012066, Grande São Paulo tel. 3037-2700 **ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL : Central-SP** tel. (11) 3037-6564 **Central-SP** tel. (11) 3037-6564 **Bauru** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378, e-mail: gnottos@gnottosmidia.com.br **Belém** Midiasolution Belém, tel (91) 3222-2303, email: simone@midiasolution.net **Belo Horizonte** tel. (31) 3282-0630, fax (31) 3282-0632 **Blumenau** M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820, email marchimauro@uol.com.br **Brasília** Escritório: tels. (61) 3315-7554/55/56/57, fax (61) 3315-7558; Representante: Carvalhaw Marketing Ltda., tels (61) 426-7342/3223-0736/3225-2946/3223-7778, fax (61) 321-1943, e-mail : starmkt@uol.com.br **Campinas** CZ Press Com. e Representações, telefax (19) 3233-7175, e-mail: czpress@czpress.com.br **Campo Grande** Josimar Promoções Artísticas Ltda. tel. (67) 3382-2139 e-mail: melissa.tamaciro@josimarpromocoes.com.br **Cuiabá** Agronegócios Representações Comerciais, tels (65) 9235-7446/9602-3419, e-mail: lucianooliveir@uol.com.br **Curitiba** Escritório: tel. (41) 3250-8000/8030/8040/8050/8080, fax (41) 3252-7110; Representante: Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (41) 3234-1224, e-mail: viamidia@viamidiapr.com.br **Florianópolis** Comercial Via Lagoa, Lagoa da Conceição, tel. (48) 3232-1617, fax (48) 3232-1782, e-mail: interacao@brturbo.com **Fortaleza** Midiasolution Repres. e Negoc. em Meios de Comunicação, telefax (85) 3264-3939, e-mail: midiasolution@midiasolution.net **Goiânia** Middle West Representações Ltda., tels. (62) 3215-5158, fax (62) 3215-9007, e-mail: publicidade@middlewest.com.br **Joinville** Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (47) 3433-2725, e-mail: viamidiajoinvillle@viamidiapr.com.br **Manaus** Paper Comunicações, telefax (92) 3656-7588, e-mail: paper@internext.com.br **Maringá** Atitude de Comunicação e Representação, telefax (44) 3028-6969, e-mail: marlene@atituderep.com.br **Porto Alegre** Escritório: tel. (51) 3327-2850, fax (51) 3327-2855; Representante: Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., telefax (51) 3328-1344/3823/4954, e-mail: ricardo@printsul.com.br; Multimeios Representações Comerciais, tel.(51) 3328-1271, e-mail: multimeiosrepco@uol.com.br **Recife** MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax (81) 3327-1597, e-mail: multirevistas@uol.com.br **Ribeirão Preto** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel (16) 3911-3025, email gnottos@gnottosmidia.com.br **Rio de Janeiro** pabx: (21) 2546-8282, fax (21) 2546-8253 **Salvador** AGMN Consultoria Public. e Representação, tel. (71) 3341-4992/1765/9824/9827, fax: (71) 3341-4996, e-mail: abrilagm@uol.com.br **Vitória** tel. ZMR-Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952, e-mail: samuelzambrano@intervip.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais **Negócios e Tecnologia:** Exame, Info, Info Canal, Info Corporate, Você S/A **Núcleo Consumo:** Boa Forma, Elle, Estilo, Manequim **Núcleo Comportamento:** Ana Maria, Claudia, Nova, Faça e Venda , Sou Mais Eu!, Viva! Mais **Núcleo Bem-Estar:** Bons Fluidos, Saúde!, Vida Simples **Núcleo Jovem:** Bizz, Capricho, Mundo Estranho, Superinteressante **Núcleo Infantil:** Atividades, Disney, Recreio **Núcleo Cultura:** Almanaque Abril, Aventuras na História, Bravo!, Guia do Estudante **Núcleo Homem:** Men's Health, Playboy, Vip **Núcleo Casa e Construção:** Arquitetura e Construção, Casa Claudia, Claudia Cozinha **Núcleo Celebridades:** Contigo!, Minha Novela, Tititi **Núcleo Motor Esportes:** Placar, Quatro Rodas **Núcleo Turismo:** Guias Quatro Rodas, National Geographic, Viagem e Turismo **Núcleo Fundação Victor Civita** Nova Escola

AVENTURAS NA HISTÓRIA ISSN 18062415, janeiro de 2007, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **AVENTURAS NA HISTÓRIA** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112
Demais localidades: 0800-704-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: 3347-2121
Demais localidades: 0800-701-2828 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP: 02909-900, São Paulo, SP





Abril

Presidente do Conselho de Administração e Presidente Executivo: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Deborah Wright, Douglas Duran, Eliane Lustosa, Marcio Ogliara
www.abril.com.br

CAPOEIRA

Além do "paranauê"

Ouça hinos das vertentes angola e regional

Na década de 1930, quando o mestre Bimba sistematizou um conjunto de 52 golpes e contragolpes de capoeira e passou a ensiná-los em sua academia, na Bahia, o jogo ganhou um novo estilo, chamado regional. Desde então, essa vertente, que hoje é mais difundida que a capoeira angola, ganhou ritmos próprios para suas rodas. Por ser acrobático e acelerado, o regional usa mais instrumentos nos cantos, como "Falso Capoeira", "Dalila Está me Chamando" e "Folha Seca". Já a capoeira angola, mais próxima da que os escravos praticavam, tem uma levada lenta e sincopada, que pode ser percebida em hinos tradicionais como "Senhor Amigo Meu" e "A Cor da Pele". Essas músicas, que vão bem além do famoso verso "paranauê paraná" – pertencente a uma das cantigas mais populares da capoeira –, estão disponíveis no site.

MAIS NO SITE **aventurasnahistoria.com.br**
Outros destaques de nosso conteúdo online

A REVOLUÇÃO JAPONESA
Saiba por que o toyotismo, criado nos anos 1950, tornou a produção ainda mais eficiente que a que seguia o método do consultor americano Frederick Taylor, primeiro guru do mundo empresarial.

BOM HUMOR X DITADURA
Como um grupo de idealistas se aproveitou de uma brecha no regime comunista da antiga


©1

Iugoslávia para criar, em 1989, a rádio B92, que ajudou na queda do ditador Slobodan Milosevic. Ouça também, em inglês e sérvio, trechos da entrevista com Veran Matic *(ao centro)*, um dos fundadores da B92.

CIGANOS SEM-TERRA
Eles estão espalhados pelo mundo e, ao contrário de dezenas de povos, não fazem questão de um território.

UM BATERISTA NA GUERRA
©2
João Barone, colunista de *Grandes Guerras* e baterista dos Paralamas do Sucesso, lançou *Um Brasileiro no Dia D* em novembro, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Confira no site fotos do evento e trechos do DVD.

POR ONDE ANDAM
Os endereços na internet dos locais onde estão o divã de Freud, a espada de Napoleão, o revólver com que Getúlio Vargas se matou e outros objetos famosos.

ELES MANDARAM NO BRASIL
Saiba quem foram os homens (e a cidade em que nasceram) que se sentaram na cadeira de presidente, como Juscelino Kubitschek *(ao lado, em sua cidade natal, a mineira Diamantina)*.


©3

SUMÁRIO

©4

MATÉRIAS

SEÇÕES

Pré-História



©5

Olá, leitor. Sou Patricia Hargreaves, carioca, 38 anos, jornalista há 17. Tricolor de Laranjeiras. Até outubro, era redatora-chefe da *Contigo!* no Rio de Janeiro. Nos últimos 13 anos fui testemunha de centenas de casamentos, batizados, separações, nascimentos e mortes de celebridades. Ajudei a relatar a vida de muita gente.

A missão agora não é diferente da anterior. Praticar o bom e velho jornalismo. Entregar boas histórias, bem escritas, bem retratadas, bem ilustradas, bem paginadas. Histórias que estão em gavetas, prateleiras, arquivos, livros e memórias. Dar luz a fatos distantes ou próximos, que compõem o passado da humanidade. Tarefa absolutamente sedutora.

Para isso, preciso de você, leitor. Opine. Mande e-mail, carta. Telefone.

A idéia é fazer uma revista interessante, cativante, necessária, como HISTÓRIA sempre foi. E buscar sempre melhorar. Inovar.

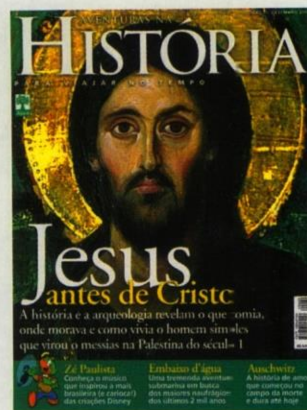
Boa leitura,

PATRÍCIA HARGREAVES
phargreaves@abril.com.br
REDATORA-CHEFE



CAPA: JUBRAN
© 1 DIVULGAÇÃO 2 FELIPE BORBA
3 REPRODUÇÃO 4 HECTOR GÓMEZ
5 MARCELO TABACH 6 SATTU

MISSIVAS



"Já que documentos sobre Jesus são muito limitados, escrever sobre a vida na Palestina foi uma ótima forma de abordar o assunto"

JOSÉ OLIVEIRA , MOGI DAS CRUZES – SP

1779 Cartas e e-mails recebidos no mês passado

JESUS HISTÓRICO

Sou uma estudiosa de religiões já há muito tempo. Por isso, antes de ler a matéria "Jesus antes de Cristo" (pág. 26), imaginei que veria apenas mais e mais linhas tratando sobre o que a maioria das pessoas já sabe. No entanto, me impressionei muito quando comecei a ler e vi que se tratava do ser humano que Jesus realmente deve ter sido, uma pessoa próxima de nós, não um santo inatingível.
Paula Altieri
Por e-mail

Não está especificado de quem é o osso de um calcanhar perfurado por um prego na matéria de capa. Vocês supõem que seja o de Jesus?
Daisa Aparecida Emiliano de Aguiar
Por e-mail

Daisa, nossa intenção ao publicar a foto foi mostrar que a crucificação era uma pena de morte comum na Palestina do século 1. Geralmente ela era aplicada a criminosos e rebeldes, que tinham seus braços amarrados em uma cruz ou simplesmente em uma árvore. O osso do calcanhar da foto foi encontrado em 1968, com pedaços de madeira grudados nele, quando arqueólogos escavavam uma caverna a nordeste de Jerusalém. Ele pertencia a Yehohanan ben Hagkol, que tinha entre 24 e 28 anos quando foi morto. Após a execução, seu corpo foi retirado da cruz, provavelmente por familiares, e colocado em um ossário – por isso ele pôde ser identificado.

A matéria de capa é muito interessante, já que oferece uma visão contextualizada dos costumes da Palestina no século 1. Mas toda a reportagem, assim como os livros de referência indicados no fim dela, partem da premissa de que Jesus de fato tenha existido. Faltou um contraponto crítico a essa posição, registrando a visão daqueles que colocam em dúvida a existência dele.
Celso Antonio Pereira
Por e-mail

ROMANCE NO HOLOCAUSTO

O relato de Israel Arbeiter na entrevista "O amor nos tempos de Auschwitz" (pág. 52) mostra o quanto a força do amor é capaz de superar as maiores atrocidades praticadas pela humanidade. Seu relato é muito importante e serve de exemplo para todos nós que não vivemos os horrores da guerra e ainda reclamamos da vida. Uma verdadeira lição de moral aos leitores.
Odair Guerra Junior
São Paulo – SP

Incrível a história do casal que se conheceu em um campo de concentração nazista. A vontade de viver e a determinação são inacreditáveis. É uma história linda e triste ao mesmo tempo. Como Israel Arbeiter mesmo disse, é bom relembrar, porque em dez ou 20 anos não existirão mais sobreviventes do holocausto e as próximas gerações não podem esquecer que um dia seres humanos não foram tratados como humanos.
Christiani Porto Gonçalves
Joinville – SC

NA INTERNET



Sou assinante de HISTÓRIA e só agora percebi o maravilhoso site que a revista tem também! Esperava mais divulgação dele na revista, pois os conteúdos e as imagens disponíveis são interessantíssimos.
Luziane Maria Silva de Oliveira
Por e-mail

WWW.AVENTURASNAHISTORIA.COM.BR

RESPONDA NA INTERNET
Houve justiça na execução de Maria Antonieta na guilhotina?

PROMOÇÃO NO SITE
Em nosso site, os leitores de HISTÓRIA podem ganhar livros toda semana. Para isso, basta participar da promoção Ganhe Livros. As instruções estão no próprio site.

FARRA DO TOURO
A maior parte de nossos leitores respondeu na última enquete que as touradas são um ritual sádico *(resposta identificada pelo número 1 ao lado)* – e não uma tradição respeitável *(2)*.



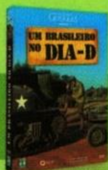
ESCREVA E GANHE

CARTA DO MÊS

AULA COM HISTÓRIA

Sou professora de História e tenho a assinatura da revista desde quando cursava a faculdade. Fiz recentemente um trabalho com meus alunos sobre a seção **Como Fazíamos Sem...** Pedi para que cada aluno escolhesse um objeto e transferisse a idéia da seção para um painel. O retorno que obtive foi maravilhoso. Os alunos se envolveram de tal forma com as matérias que foi uma surpresa. No fim, esse painel foi exposto para todos os alunos da escola e a procura foi geral. Este não é o primeiro trabalho que realizo com a revista, mas foi o que mais agradou aos alunos.

Mirian Maria Coelho Santos
Campo Largo – PR



ESCREVA E GANHE
A leitora acima ganhará um DVD da coleção HISTÓRIA.

ZÉ PAULISTA

A cada mês vocês me surpreendem. A matéria do Zé Carioca, na verdade paulista, está fantástica ("Zé Carioca era paulista", pág. 38). Tanto que, assim que a li, corri para a loja e comprei os DVDs *Alô, Amigos* e *Você já Foi à Bahia?*. Voltei a ser criança! Só que notei que houve uma inversão de informações na matéria. Vocês citaram que o músico Zezinho, em *Alô, Amigos*, tocou as músicas "Os Quindins de Iaiá" e "Na Baixa do Sapateiro". Na verdade, isso foi no outro filme, *Você já Foi à Bahia?*. E ele tocou "Aquarela do Brasil" e "Tico-tico no Fubá" em *Alô, Amigos*, e não o contrário.

Luiz Antonio Setti de Almeida Filho
Sorocaba – SP

*Luiz, você está coberto de razão. Trocamos as bolas! A correção está ao lado, em **Errata**.*

BELÉM OU MANAUS?

Qual foi mesmo a Paris dos Trópicos? Não tenho nada contra Belém, nem entro nessa rivalidade entre a cidade em questão e a capital do meu estado, Amazonas. Mas, nos idos da *belle èpoque*, Manaus, sim, ficou conhecida com essa alcunha. A reportagem "Paris tropical" (novembro, pág. 40) poderia pelo menos ter mencionado esse fato. O teatro Amazonas, construído no apogeu do ciclo da borracha, também não figura na reportagem..

Rogevan Oliveira dos Santos
Manaus – AM

Rogevan, como você bem disse, Manaus também foi chamada de Paris dos Trópicos. No entanto, o auge de sua exuberância foi posterior ao de Belém.

HISTÓRIA ORIENTAL

Vocês dariam uma tacada de mestre se fizessem mais matérias relacionadas aos povos e à cultura oriental, assuntos pouco abordados nos livros e nas escolas.

Jeana Zago
Por e-mail

ERRATA

- Publicamos o e-mail de Selma Celegati assinado por outro leitor na edição 40. Abaixo, a carta da leitora:
Com "Polacas no Brasil" (edição 38), vocês mataram uma curiosidade que tinha desde pequena: quem eram as polacas? Lembro de umas moças que moravam em nossa rua que meu pai e meu avô chamavam de polacas. Mal nos permitiam passar em suas calçadas. Diziam baixinho: "Essas mulheres não valem nada". Quando queríamos ofender uma mulher era só chamá-la de "polaca". Aprendi que não podia ter amizade com elas. Agora pude perceber como fomos injustos, julgando as pessoas sem nem saber os motivos que as levaram a ter uma vida que denegriu tanto suas imagens. Como sempre, HISTÓRIA está presente, fazendo parte da minha história de vida.

- O músico José do Patrocínio Oliveira tocou "Os Quindins de Iaiá" e "Na Baixa do Sapateiro" no filme *Você já Foi à Bahia?*. E "Aquarela do Brasil" e "Tico-tico no Fubá" fazem parte do filme *Alô, Amigos* ("Zé Carioca era paulista", pág. 38).

- A Academia Militar do Realengo foi desativada em 1944. O marechal Henrique Lott e o ex-presidente Castello Branco não foram colegas de turma na academia militar (o primeiro era instrutor, o segundo, aluno). As disputas pelas melhores notas entre os dois só foram acontecer na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, onde ambos entraram em 1924. Lott terminou como primeiro da turma. Castello foi o segundo. ("Em nome da ordem", outubro, pág. 40).

Erros detectados na revista (incluindo os da edição que ainda está nas bancas) são corrigidos no site: www.aventurasnahistoria.com.br

FALE COM A GENTE

LEITORAS E LEITORES!
Escreva suas perguntas, críticas e sugestões para a redação de HISTÓRIA – av. das Nações Unidas, 7 221, 8º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP. Se preferir, fale com a Alessandra Mennel por e-mail (sem esquecer de citar seu nome e o da sua cidade): aventhistoria@abril.com.br

ASSINE JÁ
Site: www.assineabril.com.br
E-mail: abril.assinaturas@abril.com.br
Av. Otaviano Alves de Lima, 4 400, 4º andar, CEP 02909-900, São Paulo, SP.
Tels.: (11) 3347-2121 – Grande São Paulo; 0800-7012828 – outras localidades. De 2ª a 6ª, das 8h às 22h
Fax: (11) 5087-2100

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(Dúvidas sobre envio, pagamentos, reclamações sobre sua assinatura e para renovar.) Site: www.abrilsac.com.br
E-mail: abrilsac@abril.com.br
Av. das Nações Unidas, 7 221, 6º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP
Renova fácil: (11) 5087-2145
Tels.: (11) 5087-2112 – Grande São Paulo
0800-7042112 – outras localidades
De 2ª a 6ª, das 8h às 22h
Fax: (11) 5087-2100

EXEMPLARES EM LOTE
Para comprar HISTÓRIA em lotes especiais, fale com Simone Carreira, e-mail: sicarreira@abril.com.br

VENDA DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução dos textos e imagens publicados em HISTÓRIA em livros, jornais, revistas e sites, fale com Mayume Icimoto pelo e-mail micimoto@abril.com.br ou pelo fax (11) 3037-6920

MARKETING
Para conhecer as soluções de comunicação que temos para seus produtos e sua empresa ou para nos propor negócios, fale com a Louise Faleiros, nossa gerente de produto: lfaleiros@abril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Solicite ao seu jornaleiro. O valor cobrado será o preço de capa acrescido da tarifa de postagem quando a edição pedida for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade de estoque). Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. – Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

PARA ANUNCIAR
Fale com Fernando Sabadin, e-mail fernando.sabadin@abril.com.br
Tels.: (11) 3037-5189 – Grande São Paulo
(21) 2546-8100 – Rio de Janeiro
(11) 3037-5759 – outras localidades
(11) 3037-5000 – vendas diretas

IDENTIDADE NACIONAL

Movimento dos sem-nação

Vários povos tentam o que judeus conseguiram: um Estado para chamar de seu

Ano após ano, por dois milênios, os judeus repetiam na Páscoa: "Ano que vem em Jerusalém". A frase simbolizava o desejo de voltar a Israel, a Terra Prometida, de onde foram expulsos pelos romanos em 70 d.C. O desejo virou realidade em 1948, quando a Organização das Nações Unidas decretou a criação do Estado de Israel.

O problema da criação de um Estado nacional estava resolvido para os judeus. Mas para os palestinos, que habitavam a região desde o século 12, ele apenas começava. Até a criação de Israel, os palestinos não reivindicavam para si uma identidade nacional própria. "Eles só se deram conta de que eram um povo e de que queriam um Estado nacional quando viram os judeus conseguirem o deles", diz o historiador Jaime Pinsky, organizador do livro *Questão Nacional e Marxismo*. A idéia da ONU era dividir a Palestina em um país judeu e um palestino, mas na época os árabes não aceitaram. Muitas guerras, protestos e atentados depois, o proclamado Estado nacional palestino ainda não foi criado.

Como os palestinos, outros povos lutam para ter um território reconhecido. É o caso dos curdos, a maior nação sem Estado do mundo, com cerca de 26 milhões de pessoas. "Reconhecido, o Curdistão teria abundância de petróleo, o chamado 'ouro negro', e de água, o 'ouro azul'", diz o geógrafo Nelson Bacic Olic, autor de *Oriente Médio e a Questão Palestina*. Afinal, o território curdo fica entre o norte do Iraque, abudante em petróleo, e oeste da Turquia, onde nascem o Tigre e o Eufrates, principais rios de uma região escassa em água. Além dos povos que brigam há anos por uma nação, existem os que tiveram seu problema acentuado após a Guerra Fria, como os albaneses de Kosovo e os chechenos. Na maioria dos casos, os conflitos continuam. E a solução parece distante.

JEANNE CALLEGARI

SAIBA MAIS

MAIS NO SITE — Enquanto muita gente briga por causa de território, há um povo nômade que está espalhado por todos os cantos, mas não liga para isso. Quem? Os ciganos

Na luta por um país

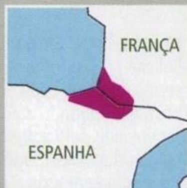
Estes povos estão organizados e têm identidade nacional, mas não são reconhecidos como Estado

1
700 mil pessoas
Mais de 80 anos de conflito



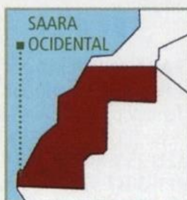
CATÓLICOS IRLANDESES
O **Eire**, ou República da Irlanda, é independente e tem maioria católica. O restante, o chamado Ulster, de maioria protestante, está sob domínio do Reino Unido. Os católicos do **Ulster** querem a independência, mas abandonaram a luta armada.

2
2 milhões de pessoas
Mais de 100 anos de conflito



BASCOS
Com língua e cultura próprias, lutam pela independência da **Espanha**. Em 1959, durante a ditadura franquista, criaram a organização separatista ETA, que perdeu força com o passar dos anos e agora está em trégua com o governo.

3
260 mil pessoas
31 anos de conflito



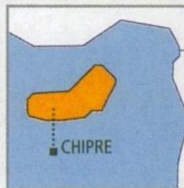
SAARAUÍS
Habitam o **Saara Ocidental**, abandonado pela Espanha em 1975. Como tem as maiores jazidas de fosfato do mundo, o Marrocos o reivindicou para si. Desde 1991 a ONU tenta decidir a situação, mas até agora não há um acordo.

4
2 milhões de pessoas
Mais de 100 anos de conflito



ALBANESES DE KOSOVO
Os albaneses separatistas da província de **Kosovo**, na **Sérvia**, foram massacrados pelas tropas do presidente iugoslavo Slobodan Milosevic. Em 1999, a Otan interveio na região, que está sob administração provisória da ONU.

5
210 mil pessoas
Mais de 30 anos de conflito



TURCOS-CIPRIOTAS
Em 1974, os turcos invadiram a ilha do **Chipre**, dividindo-a entre os turcos-cipriotas do norte e os gregos-cipriotas do sul, que já a habitavam. Surgiu a República Turca de Chipre do Norte – que, no entanto, só é reconhecida pela Turquia.

6
3,8 milhões de pessoas
58 anos de conflito



PALESTINOS
Habitantes da Palestina (que é uma região, e não um país) reivindicam um Estado desde a criação de **Israel**. Nem com a retirada de 8 500 colonos judeus da **Faixa de Gaza**, em 2005, os atentados e retaliações tiveram fim.

EUROPA

ÁSIA

ORIENTE MÉDIO

ÁFRICA

OCEANO ÍNDICO

1 2 4 5 6 7 8 9 10 11 12

7

26 milhões de pessoas

Mais de 80 anos de conflito



CURDOS

Estão presentes na **Síria**, no **Irã**, na **Armênia**, no norte do **Iraque** e no oeste da **Turquia** – que não pretendem ceder território. Iraque e Turquia apóiam partidos políticos rivais para enfraquecer o movimento de independência.

8

200 mil pessoas

Mais de 15 anos de conflito



ABECAZES E OSSETIANOS

Na **Geórgia**, dois povos brigam. A **Abkházia** quer independência desde 1992 – tem até presidente. Os ossetianos do sul querem se integrar à **Ossétia do Norte** (divisão da Federação Russa) e declararam independência em 1990, que não foi reconhecida.

9

900 mil pessoas

Mais de 15 anos de conflito



CHECHENOS

República de maioria muçulmana, a **Chechênia** é oficialmente parte da **Rússia**. Após o fim da União Soviética, os chechenos proclamaram independência, que, embora não reconhecida, gerou (e gera ainda) embates com os russos.

10

145 mil pessoas

Mais de 15 anos de conflito



ARMÊNIOS

Enclave armênio no **Azerbaijão**, o **Nagorno-Karabakh** é motivo de conflito. Em 1991, a região declarou-se independente e foi bombardeada pelo governo azeri. Os rebeldes continuam a luta pela independência, só reconhecida pela Armênia.

11

3 milhões de pessoas

60 anos de conflito



CAXEMIRES

A **Caxemira** é dividida entre **Índia** e **Paquistão**. Muçulmanos da parte indiana querem a independência ou a anexação ao Paquistão. As nações quase chegaram à guerra, mas um terremoto no lado paquistanês em 2005 causou uma trégua.

12

3,3 milhões de pessoas

Mais de 30 anos de conflito



TÂMEIS

De origem indiana e religião hindu, querem a independência do governo do **Sri Lanka**. Em 1983, teve início a luta armada contra os cingaleses (com uma trégua após o tsunami de 2004). Hoje, tentam um consenso para acabar com a briga.



©1

Mesmo durante o cruel regime os alemães contavam piadas

PIADA NAZISTA

Você conhece aquela do Hitler?

Livro mostra que alemães mantinham o bom humor durante o nazismo

Hitler, Goebbels e Goering, os homens fortes do nazismo, estão num navio em alto-mar. Durante uma tempestade, o barco afunda. Quem se salva? A Alemanha.

A piada, que você poderia ter ouvido num bar ontem à noite, rolava em plena Alemanha nazista. Pode até parecer coisa de mau gosto. Mas, durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães em geral tinham tempo e estômago para fazer graça contando anedotas – sobre o nazismo!

No livro *Heil, Hitler – Das Schwein Ist Tot!* ("Heil, Hitler – O porco está morto!", sem versão em português), o roteirista e escritor alemão Rudolph Herzog mostra que o humor estava muito mais presente do que se imagina no III Reich. Herzog escreveu o livro depois de fazer um documentário em que entrevistou 20 pessoas que viveram o período. Herzog identificou dois momentos. No primeiro, logo no início do nazismo, as piadas eram mais ingênuas. No segundo, durante a guerra, as anedotas ficaram mais sarcásticas – como a que abre esta nota.

Algumas piadas tinham teor crítico. Outras, enaltecedor. Havia as que envolviam judeus e outros povos perseguidos. Segundo Herzog, o livro foi escrito com o intuito mais de ajudar a esclarecer a difícil relação do atual povo alemão com sua própria história – pela visão do humor inimaginável naquele momento – que de provocar gargalhadas nos leitores. As recentes gerações de alemães sofrem com o pesado estigma na hora de lidar com o fato de seus antepassados terem aceitado tantas atrocidades. Nesse quesito, *Heil, Hitler*... revela que o povo tinha, sim, alguma consciência dos crimes que aconteciam, embora sob o aparente transe hipnótico criado pela máquina nazista. E mostra que, mesmo com toda a censura e controle, o humor acaba sendo poderosa arma de protesto. Ou sobrevivência.

DANILA MOURA

© 1 CORBIS 2 AFP 3 REPRODUÇÃO

A cara do Estripador

Técnicas modernas revelam como era Jack

Rosto quadrado, testa alta, bigodão à la Freddie Mercury. Embora seja quase um clone do vocalista do Queen, esse aí ao lado é um dos assassinos mais famosos de todos os tempos. Uma equipe de pesquisadores britânicos divulgou no fim do ano passado o que diz ser a imagem mais fiel já obtida de Jack, o Estripador, feita 118 anos após a série de crimes que chocou Londres e o mundo.

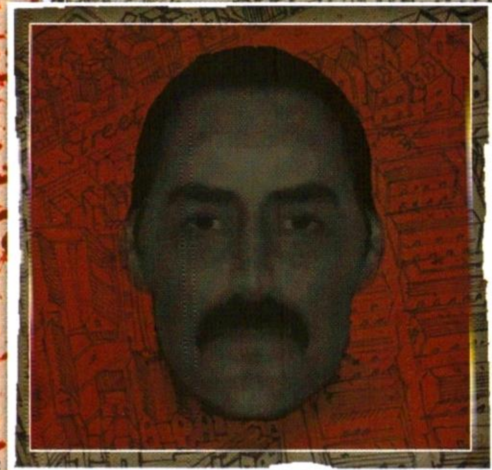
A psicóloga criminal Laura Richard, da Scotland Yard (a polícia britânica), e seu time tinham poucas evidências para recriar em computador, com modernas técnicas, o retrato de Jack. Ele foi elaborado a partir dos relatos de 13 testemunhas, feitos na época dos crimes. Segundo essas pessoas, o assassino tinha entre 25 e 35 anos, cerca de 1,70 metro de altura e era um tipo meio troncudo.

No documentário *Jack the Ripper: the First Serial Killer* ("Jack, o Estripador: o primeiro assassino em série", inédito no Brasil), exibido na TV britânica no fim de novembro, Laura mostra que também examinou uma carta que teria sido escrita por Jack. Ela indica que ele não era uma pessoa culta, com boa educação. "Ele não era nenhum Einstein", diz Laura no documentário. "Era um homem impulsivo, mas acabou passando despercebido porque sua aparência era muito normal. Esse é o grande ponto. Ele cometeu esses crimes terríveis, mas era provavelmente um homem comum." O estudo concluiu que o verdadeiro Jack era sociável, dotado de um "charme superficial" e de grande capacidade de se misturar à multidão. Além disso, apontou o provável endereço de Jack: as ruas Flower ou Dean, bem próximas dos locais onde ocorreram os crimes.

O matador é acusado de pelo menos cinco crimes, cometidos no outono de 1888 no bairro de Whitechapel, em Londres. Todas as vítimas, prostitutas e pobres, foram mortas de forma parecida: estrangulamento, cortes na garganta e mutilações no corpo. Algumas vezes, seus órgãos eram retirados. Os investigadores da Scotland Yard acreditam que o matador chegou a ser entrevistado pela polícia na época dos crimes. Foi mandado para casa por parecer um tipo muito comum. Exatamente como Jack era.

CLÁUDIA DE CASTRO LIMA





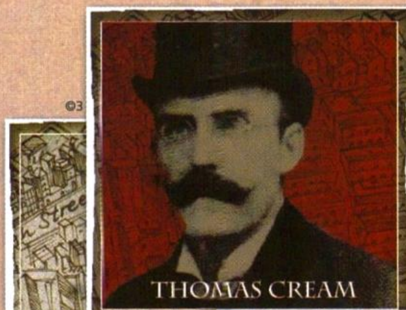
©2

Jack, o Estripador, como ele era: cá entre nós, a cara de Freddie Mercury

Jogo da memória

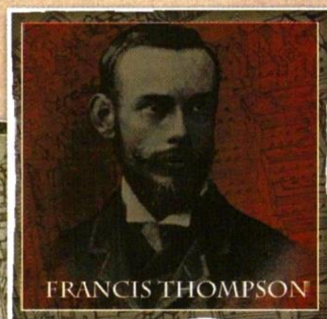
Qual dos suspeitos mais parece o homem do retrato?

A lista de suspeitos da polícia no século 19 tinha mais de 200 nomes, alguns famosos, como o príncipe Albert Victor e Lewis Carroll, autor de *Alice no País das Maravilhas*. Apesar do rosto de Jack agora ser conhecido, sua identidade ainda é mistério. Veja quem, por semelhança física, continua com potencial para ser Jack.

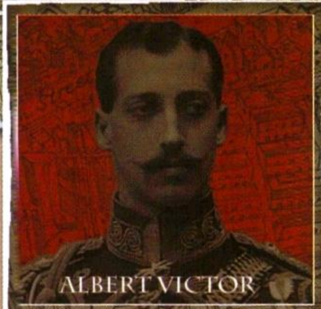


©3

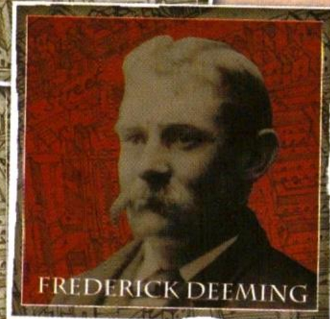




©3



©3



©3

GUERRILHA

O matador do Araguaia

Livro revela identidade de assassino de aluguel que assassinou uma guerrilheira e torturou José Genoino

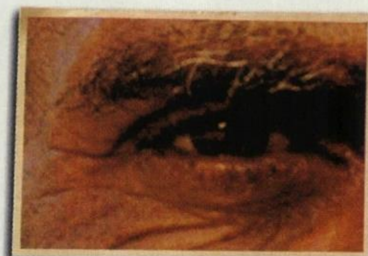
De agosto de 1971 até o último mês de junho, o maranhense Júlio Santana matou sob encomenda 492 pessoas. Apenas cinco delas não foram registradas num caderno que guardava até pouco tempo atrás, com data, local do crime, preço e nomes dos mandantes e vítimas.

Neste último tópico do caderno constam os nomes de José Genoino, ex-deputado federal, e da estudante secundarista Maria Lúcia Petit. Ele levou um tiro no braço. Ela foi morta. Ambos participavam da guerrilha do Araguaia, movimento organizado pelo Partido Comunista do Brasil contra a ditadura militar com o objetivo de criar um núcleo de guerrilha rural em 1972. Júlio, na época, tinha apenas 17 anos e se envolveu na história porque conhecia bem as matas onde os guerrilheiros estavam embrenhados.

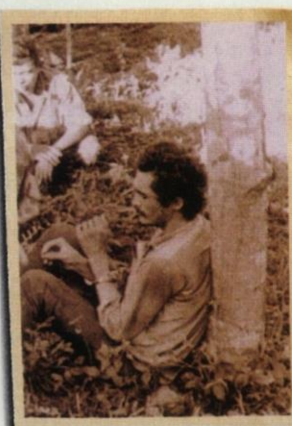
A história do matador de aluguel é contada no livro *O Nome da Morte* (Planeta), de Klester Cavalcanti, editor da revista *Vip*. O autor, que teve acesso ao "caderno das mortes", levou sete anos até convencer Júlio a revelar seu nome – condição para que escrevesse o livro.

Klester cruzou as informações do caderno com documentos de cartórios, delegacias e organizações não-governamentais. Assim, teve certeza de que ele era o assassino de Maria Lúcia Petit. Quanto a Genoino, o jornalista foi procurá-lo para conferir os dados. "Ele ficou muito emocionado com a riqueza de detalhes do relato de Júlio no dia da captura no Araguaia, principalmente a tortura que sofreu", diz Klester. "O matador confessou coisas que fez com Genoíno que este nunca tinha dito a ninguém."

PAULO ARAÚJO



Júlio só autorizou a foto do olho, para não ser identificado





José Genoino foi baleado e Maria Lúcia Petit, morta na guerrilha

GOOGLE EARTH

O mundo em perspectiva

Programa de computador permite ver mapas antigos com tecnologia moderna



O mapa acima mostra as ruas de Nova York no começo do século 19

Você sabe como era Paris em 1716? E Nova York em 1836? Dá para ter uma boa idéia do desenho dessas cidades com um novo serviço do Google Earth, programa que, conectado à internet, possibilita a visão da superfície do globo terrestre em imagens feitas por satélite.

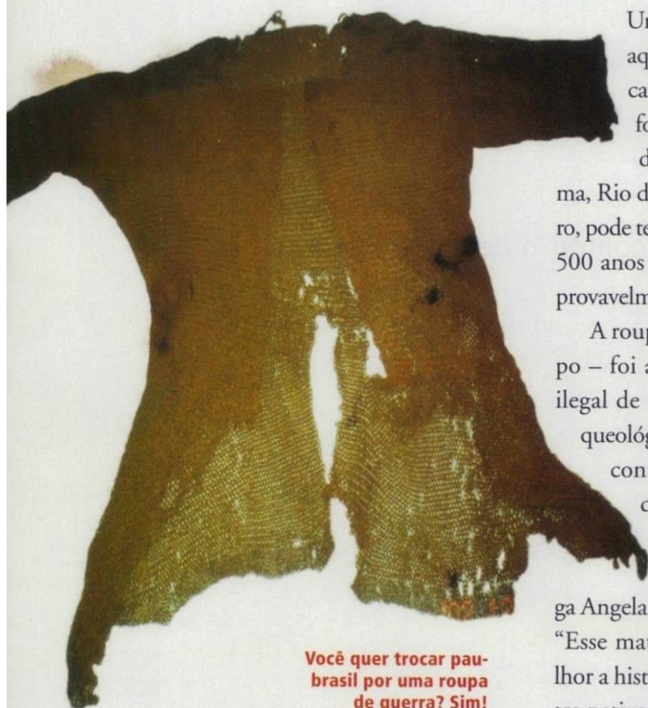
Desde o fim do ano passado, o programa oferece alguns mapas da coleção David Rumsey, um dos maiores arquivos particulares dos Estados Unidos, com documentos a partir do século 17. O mais bacana é que esses mapas são espécies de transparências que aparecem sobre as imagens de satélite. Dá para o internauta ver os contornos do mundo atual e de como ele era há 200 ou 300 anos. Entre os mapas digitalizados há, além do de Paris e Nova York, de Tóquio em 1680, Buenos Aires em 1892, São Francisco em 1853 e vários outros.

CLÁUDIA DE CASTRO LIMA

COMÉRCIO

Escambo pirata

Roupa francesa de 500 anos é achada em aldeia no Rio



Você quer trocar pau-brasil por uma roupa de guerra? Sim!

Uma cota de ferro do século 16 – aquela roupa de guerra usada por cavaleiros na Europa medieval – foi descoberta numa antiga aldeia de índios tupinambás, em Araruama, Rio de Janeiro. Feita com elos de ferro, pode ter sido trazida da França há quase 500 anos por piratas ou corsários – que provavelmente a trocaram por pau-brasil.

A roupa – rara e cara já naquele tempo – foi achada durante uma extração ilegal de areia, num dos 230 sítios arqueológicos da Região dos Lagos. "Encontramos também contas de vidro colorido e facas, oferecidas pelos brancos em troca do pau-brasil", diz a arqueóloga Angela Buarque, do Museu Nacional. "Esse material ajudará a conhecer melhor a história dos primeiros contatos entre nativos e europeus."

ISABELA FLÓRIDO

TESOURO

Jóia da rainha

Descoberta tela de Caravaggio na coleção real britânica

A coleção de arte da família real britânica ficou mais valiosa. Uma tela que era considerada uma cópia de obra renascentista, esquecida num empoeirado depósito por mais de um século, foi atestada como um autêntico Caravaggio. Após seis anos de análise, especialistas concluíram que se trata de *O Chamado de São Pedro e Santo André*, estimado em 50 milhões de libras (200 milhões de reais). Porém, por pertencer à nação, ele jamais poderá ser vendido. I.F.



O quadro vale cerca de 200 milhões de reais

ÚLTIMAS

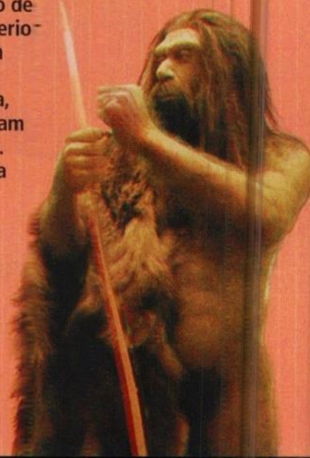
PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES
Arqueólogos peruanos e japoneses encontraram uma cidade pré-colombiana na costa central do Peru, a 120 quilômetros ao norte de Lima. O antigo burgo, denominado Las Shicras, teria existido há 4 850 anos, segundo testes de datação feitos com o método do carbono 14. Se confirmada sua remota existência, esse tesouro arqueológico se igualará a Caral, também no Peru, que está entre as primeiras civilizações do mundo, ao lado de Mesopotâmia, Egito, China e Índia.

VISITA AO BORDEL DE POMPÉIA



As ruínas de Pompéia, na Itália, têm nova atração desde que foram restaurados os afrescos eróticos de um de seus bordéis. A cidade romana, soterrada pela erupção do Vesúvio em 79, permitia o comércio sexual, geralmente exercido por escravos. O Lupanare – do latim *lupa* ("prostituta") – tinha dez quartos, onde são visíveis os nomes dos profissionais e de seus clientes nas paredes. Segundo arqueólogos, o preço cobrado era o equivalente ao de oito taças de vinho tinto.

CÉREBRO DAS CAVERNAS
Neandertais, os ancestrais do homem moderno, podem ter legado a nós, *Homo sapiens sapiens*, uma herança inestimável. Pesquisadores da Universidade de Chicago revelaram que, paradoxalmente, esses "homens das cavernas", conhecidos por seu baixo intelecto, contribuíram para o desenvolvimento de nosso cérebro superior. Mais do que terem dividido o mesmo território, a Europa, eles se miscigenaram com *Homo sapiens*. Dessa mistura teria surgido o gene microcephalin (ou MCPH1), que regula o tamanho do cérebro humano.



Promoção inédita de DVDs.

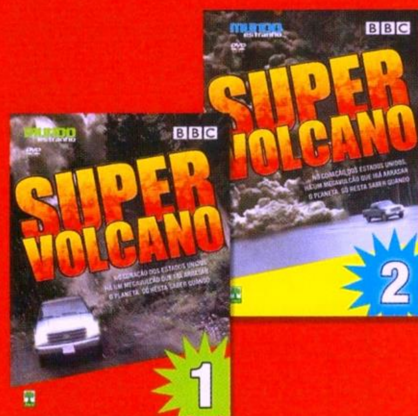
São vários títulos a partir de R$ 9,90 cada.

Mais de 20 DVDs!

Aproveite esta oportunidade única. Estoques limitados.
Acesse a Loja Abril agora e garanta já os seus DVDs!
Confira algumas das ofertas abaixo:

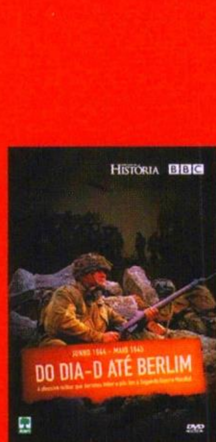


:: **COLEÇÃO DIAS QUE ABALARAM O MUNDO** Ed. 2

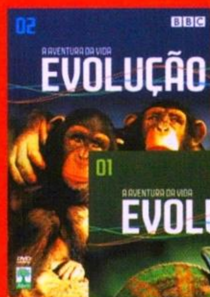


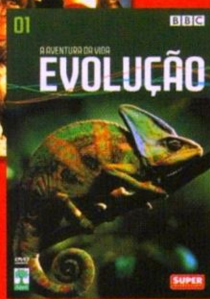
:: **KIT SUPERVOLCANO**

Apenas R$ 9,90 cada.

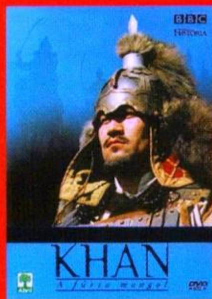


:: **DO DIA-D ATÉ BERLIM**

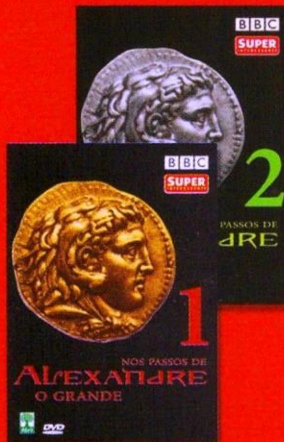




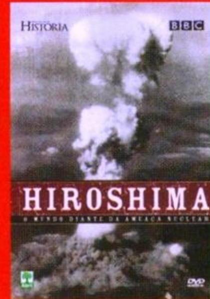
:: **EVOLUÇÃO, A AVENTURA DA VIDA**



:: **KHAN, A FÚRIA MONGOL**



:: **NOS PASSOS DE ALEXANDRE O GRANDE**



:: **HIROSHIMA**

Acesse já:

www.lojaabril.com.br/saldaodvd

e confira estas e muitas outras ofertas!

LojaAbril.com

Produtos sujeitos à disponibilidade de estoque. Reservamos-nos o direito de corrigir eventuais erros de impressão neste material publicitário.



©1

JANEIRO NA HISTÓRIA

Os índios, negros e mestiços eram chamados de cabanos porque viviam em cabanas nos vilarejos ribeirinhos

1835 A Cabanagem eclode na província do Grão-Pará unindo índios, negros e mestiços, chamados de "cabanos" por conta do tipo de casa em que viviam. Eles protestavam contra as condições ruins em que viviam e contra a nomeação do presidente da província do Grão-Pará, Bernardo Lobo de Sousa, feita pelo governo central – e não eleito pelo povo. Explorados como mão-de-obra para sustentar a economia da região, lutavam contra uma minoria formada principalmente por portugueses, vista como responsável pela miséria. Neste dia, os rebeldes mataram Lobo de Sousa e tomaram Belém. Permaneceram no controle da capital por um ano, mas, reprimidos por militares, fugiram para o interior. A resistência durou até 1840. Ao fim dela, dos 100 mil habitantes do Grão-Pará, cerca de 30 mil estavam mortos.
Dia 7, no Pará

MARIA CAROLINA CRISTIANINI

106 aC Em uma família rica, nasce o político e advogado romano Cícero. Foi o maior orador de Roma – vem de sua eloqüência a palavra "cicerone" como sinônimo de pessoa que conduz turistas, por conta de uma comparação com os efusivos guias turísticos de Roma. Seus ideais políticos o tornaram um defensor do regime republicano e da Constituição.
Dia 3, na Itália

533 Para que a Igreja Católica não tivesse um papa com o nome de um deus pagão, Mercúrio, eleito sumo pontífice, assume como João II. Ele foi o primeiro papa a trocar de nome na história.
Dia 2, em Roma

1297 Francisco Grimaldi, disfarçado de monge franciscano, entra nas fortificações de Gênova e toma uma de suas colônias, localizada entre a França e o Mediterrâneo. Estabelece assim a dinastia Grimaldi – que ainda hoje permanece no poder em Mônaco.
Dia 8, em Mônaco

LINHA DO TEMPO

O fim dos ditadores

Dez tiranos condenados ou depostos do cargo

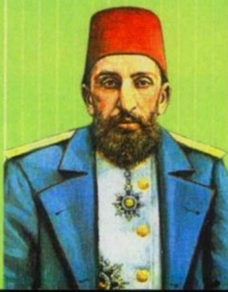
No sentido atual da palavra, ditador é aquele que comanda o governo em uma época de crise e assume para si todos os poderes, governando de forma absoluta. No contexto histórico, essa figura revela-se manipuladora, assassina e cruel. Mas nem sempre a Justiça funcionou com os ditadores. Aqui estão casos que terminaram com uma condenação no tribunal (ou popular) ou com uma deposição.
VITOR ORLANDO GAGLIARDO

510 A.C.

HÍPIAS
Governador ateniense entre 527 e 510 a.C., continuou a política de engrandecimento de seu pai, Pisístrato, que transformou a cidade-estado grega no maior centro urbano do mundo helênico. Mas deu também continuidade à tirania do pai. Após medidas impopulares, como o aumento de impostos, foi deposto por uma revolução e refugiou-se junto ao governo persa.

1909

ABDUL HAMID II
O sultão do Império Otomano, entre 1894 e 1896 teria executado 300 mil armênios. A justificativa: uma suposta colaboração deles com os russos, inimigos do império. Abdul foi deposto pelo Senado e morreu em prisão domiciliar.



©3

1945

MUSSOLINI
No poder na Itália a partir de 1922, Benito Mussolini instaurou a ditadura fascista e lutou ao lado de Hitler na Segunda Guerra. Em 1943, foi destituído e preso pelo rei Vittorio Emanuelle III. Os nazistas o livraram dois meses depois. Em 1945, tentou fugir dos aliados que haviam invadido a Itália, mas foi preso e fuzilado pela resistência italiana. Seu corpo foi exposto em praça pública.

1979

IDI AMIN DADA
Após assumir o poder em Uganda com um golpe militar, governou por oito anos. Durante esse tempo, expulsou 40 mil asiáticos do país e foi responsável pela morte de 100 mil pessoas. Foi deposto com a ajuda do presidente da Tanzânia e exilados, mas recebeu asilo da Arábia Saudita. Ficou lá até morrer, em 2003.



1521 Cerca de um mês depois de queimar a bula *Exsurge Domine*, do papa Leão X, que o ameaçava de excomunhão e condenava 41 de suas proposições, o teólogo e frade agostiniano Martinho Lutero é excomungado pela Igreja Católica.
Dia 3, em Roma

1750 Espanha e Portugal assinam o Tratado de Madri, que redefine as fronteiras entre os territórios na América, anulando o que havia sido estabelecido pelo Tratado de Tordesilhas. O novo acordo definiu de maneira geral as atuais fronteiras do Brasil.
Dia 13, em Madri

EU ME LEMBRO

"O primeiro e mais principal é que se assinalem os limites dos dois domínios, tomando por balizas as paragens mais conhecidas, para que em nenhum tempo se confundam nem dêem ocasião a disputas, como são a origem e curso dos rios e os montes mais notáveis. O segundo, que cada parte há de ficar com o que atualmente possui; à exceção das mútuas concessões que em seu lugar se dirão."

Trecho do preâmbulo do Tratado de Madri

1808 Após uma viagem iniciada no fim de novembro anterior, a família real portuguesa desembarca em Salvador, deixando para trás um país ocupado pelas tropas de Napoleão Bonaparte. Com a vinda da corte, o Brasil se tornaria a sede da monarquia de Portugal.
Dia 22, na Bahia

EU ME LEMBRO

"Tinha 16 anos e, como outros garotos da minha idade, sonhava com um mundo melhor e mais justo. A ditadura de Fulgêncio Batista era o símbolo da violência, corrupção e abandono do povo. A tomada de Havana abriu uma nova perspectiva para nós, jovens daqueles tempos."


©2

JAMIL MURAD, deputado federal, PCdoB-SP

1959 Rebeldes comandados por Fidel Castro tomam Havana e o ditador Fulgêncio Batista deixa o país. A revolução marcou o início da hegemonia de Fidel no poder. Ele fez sua entrada triunfal na capital da ilha uma semana depois.
Dia 1°, em Cuba

1971 O deputado federal Rubens Paiva, cassado pela ditadura, é preso em casa por militares. Ele seria morto e dado como desaparecido.
Dia 20, no Rio de Janeiro

1972 Soldados britânicos atiram em participantes de uma manifestação pelos direitos civis na cidade de Londonderry. O episódio, conhecido como "Domingo Sangrento" ("Bloody Sunday", da música da banda U2), deixou 14 mortos e desencadeou uma onda de violência.
Dia 30, na Irlanda do Norte

EU ME LEMBRO

"No sábado já havia uma tensão no ar pelo aumento da presença militar britânica. No domingo, acordamos com o barulho das viaturas passando. Ao entardecer, começaram a chegar as notícias da violência pelo rádio e pela TV. Estávamos acostumados a ver bombas explodindo, mas nunca tinham mostrado corpos como naquele dia. Acompanhamos em preto-e-branco na tela as imagens que o mundo inteiro viu e nunca mais esqueceu."


©2

LIAM GALLAGHER, irlandês, tradutor e professor de inglês

1979

SOMOZA
A dinastia Somoza governou a Nicarágua por mais de 40 anos. O último da ditadura, o general Anastásio Somoza Debayle, dissolveu a Assembléia Nacional e revogou a Constituição. Em 1978, foi acusado pela morte do opositor Pedro Chamorro – o que provocou uma guerra civil. Foi deposto pelos rebeldes em 1979 e fugiu para o Paraguai, onde foi assassinado no ano seguinte.

1990

AUGUSTO PINOCHET
O general, que tomou o poder no Chile em 1973, foi nomeado presidente no ano seguinte. Derrotado em um plebiscito, foi forçado a entregar o poder em 1990. Hoje, responde em prisão domiciliar a processos sobre contas secretas no exterior e continua sendo responsabilizado pela violação de direitos humanos.


©3

1998


©3

JEAN KAMBANDA
Em 1994, o primeiro-ministro do governo interino de Ruanda comandou, em menos de 100 dias, o massacre de mais de 1 milhão de pessoas da etnia tutsi. Da etnia hutu, ele foi preso e condenado à prisão perpétua – o primeiro chefe de governo condenado por genocídio.

1998

POL POT
Saloth Sar (seu nome verdadeiro) tomou o poder no Camboja em 1975 com apoio chinês. Foi acusado de perseguir intelectuais e de ser responsável por um genocídio – os números chegam a 3 milhões de mortos. Em 1979, o Vietnã invadiu o país e ele se escondeu na selva por 18 anos. Acabou capturado, julgado e condenado à prisão perpétua. Morreu em 1998, de ataque cardíaco.

2000

SLOBODAN MILOSEVIC
Após 11 anos no poder iugoslavo, foi deposto em 2000, quando milhares de pessoas invadiram o Parlamento exigindo que ele reconhecesse a derrota nas eleições. Foi preso em 2001 por acusações de genocídio, crime de guerra e crime contra a humanidade praticados na Croácia, Bósnia e Kosovo. Foi encontrado morto em 2006, enquanto esperava a sentença do julgamento.

2006

SADDAM HUSSEIN
Assumiu em 1979 no Iraque e foi acusado de ataque com gás a curdos e execuções sumárias. Preso em 2003 por uma coalizão liderada pelos Estados Unidos, foi condenado à forca pela morte de 148 xiitas no Iraque, em 1982. Seus advogados recorreriam no fim de 2006.


©3

COMO FAZÍAMOS SEM...

Cabide

Ele tem 4 mil anos, mas já foi trocado por baús por conta da moda medieval

O cabide tem mais de 4 mil anos, mas continua com a mesma carinha. Na primeira imagem que se conhece do acessório, ele está nas mãos da deusa Atena, grafado numa ânfora de 250 a.C. – e é bem parecido com o que a gente tem em casa. Hieróglifos extraídos de um sarcófago de 2000 a.C., atualmente em exposição no Museu do Cairo, já faziam referência ao objeto, presente no cotidiano das rainhas e dos reis egípcios.

O uso do cabide, no entanto, era diferente. A idéia não era manter a roupa pendurada, facilitando a escolha. Eles eram usados apenas como um recurso para ajudar a preservar as túnicas, cerzidas em tecidos muito delicados, como a seda. Dispostos na vertical e em local ventilado, os trajes acabavam durando mais.

Durante a Idade Média, porém, os cabides desapareceram. Como a moda era usar uma roupa que mais parecia um camisolão de lã, linho ou algodão, que não precisava de cuidados especiais, tudo era mantido em arcas. Segundo o historiador Philippe Ariès em *A História da Vida Privada*, a situação só começaria a mudar a partir do século 14, quando os móveis ganham um caráter mais permanente. Aos poucos, os baús passaram a ser tidos como objetos de arte até o momento em que, finalmente, cederiam lugar ao guarda-roupa, com suas prateleiras e suportes para pendurar.

Daí à popularização dos cabides, porém, foi uma longa jornada. Em 1903, o canadense Albert Parkhouse inventou o modelo mais popular já produzido até então. Segundo o Museu do Cabide (acervo online montado pela Auburn University, no Alabama), o departamento de patentes americano registrou cerca de 200 versões de penduradores na primeira década do século 20: para camisas, saias, casacos, modelos dobráveis e mais toda a sorte de variações que as necessidades puderam sugerir.

JULIANA PARENTE



A moda da Idade Média não exigia o uso de cabides



©2

Só cai a nossa ficha quando a conexão com o cérebro é feita

DITO E FEITO

"Cair a ficha"

Expressão é relativamente nova, mas já não faz sentido

Usada para descrever o momento em que conseguimos entender alguma coisa, "cair a ficha" pode soar natural para quem usou orelhão público até os anos 90. Mas, para as gerações acostumadas com celular, sua origem talvez não seja tão clara.

Os primeiros telefones públicos, da década de 1930, funcionavam com moedas de 400 réis. A instabilidade da moeda, porém, fez com que a Telebrás, em 1970, criasse fichas exclusivas para os orelhões. A tal ficha só caía após a ligação se completar e a conexão ser estabelecida. Está aí a origem da frase, embora não haja registro de quando ela foi usada pela primeira vez. A criação dos cartões telefônicos, em 1992, aposentou as fichas.

LÍVIA LOMBARDO

"Queimar o filme"

Tecnologia também deixou a frase obsoleta

Quando você destrói a reputação de alguém, costumamos dizer que você "queimou o filme" dessa pessoa. Ou seja, denegriu a imagem do infeliz. Assim como "cair a ficha", "queimar o filme" é uma gíria atual, mas que já não faz sentido devido aos avanços da tecnologia.

Até bem pouco tempo atrás, quando se ia tirar ou revelar uma fotografia, era preciso tomar cuidado para não expor o filme a um excesso de luz. Isso queimaria e destruiria a imagem da foto. Por isso nasceu "queimar o filme" de alguém – também não se sabe quando exatamente o termo começou a ser usado.

Quando em 1990 a Kodak lançou a primeira câmera digital comercialmente disponível, ela deu o pontapé inicial para acabar com a queimação de filme. Atualmente, poucas pessoas ainda conseguem queimar um filme – a Kodak anunciou inclusive no começo do ano a interrupção da fabricação deles. A maioria "deleta o arquivo". L.L.

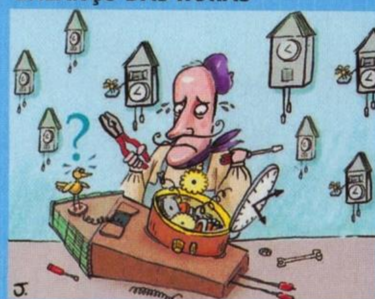
©2

HISTÓRIA MALUCA

GIRO DE 400 GRAUS

Os revolucionários franceses, depois de 1789, resolveram mudar tudo na França. Até a geometria. Em 1793, a Convenção, nome da legislatura nacional, aboliu o ângulo reto de 90 graus. Ele foi substituído pelo ângulo de 100 graus. Cada grau foi dividido em 100 minutos. Assim, o círculo ficava com um total de 400 graus em vez dos tradicionais 360.

BALANÇO DAS HORAS



©3

A mesma Convenção francesa, obcecada pelo sistema centesimal, determinou que 100 segundos seriam equivalentes a um minuto. E 100 minutos dariam uma hora. Alguns relojoeiros franceses chegaram a fabricar modelos novos. Mas, como eles tinham de operar a 10 mil segundos por hora, eram muito difíceis de ser construídos e acabaram não pegando.

MÍSSIL IMPOSSÍVEL



©3

A respeitada revista científica inglesa *Nature* publicou, em 1936, uma reportagem sobre o uso militar de foguetes. "A possibilidade de conseguir o vôo de foguetes explosivos apresenta dificuldades tão básicas que a idéia se mostra absolutamente inviável", concluiu. Apenas seis anos depois, na Segunda Guerra, os alemães mostraram o quanto a revista estava errada quando uma chuva de mísseis incendiou Londres. A falta de informação da *Nature* está num especial que a revista publicou com seus maiores equívocos nos últimos 90 anos.

CELSO MIRANDA

© 1 NEGREIROS 2 SAMUEL CASAL 3 JARBAS



©1

Foi Lucy Webb Hayes que popularizou o termo "primeira-dama"

VOCÊ SABIA?

Primeira-dama nasceu no século 19

Até então elas não tinham um nome específico

A expressão "primeira-dama", que hoje é usada para designar as esposas dos governantes, tornou-se popular apenas no governo do presidente americano Rutherford B. Hayes (1877-1881). Ela se referia à sua mulher, Lucy Webb Hayes, considerada a mais carismática primeira-dama americana no século 19. Até a chegada de Lucy à Casa Branca, as esposas dos presidentes não costumavam ser designadas por um nome específico, já que isso era considerado típico de governos monárquicos – em que as mulheres eram identificadas como rainhas, imperatrizes, princesas etc.

Ainda hoje o termo "primeira-dama" não é mencionado sequer uma vez na Constituição americana, assim como na maioria das constituições mundiais – inclusive a brasileira. Segundo os historiadores, é provável que a expressão tenha se originado da *prima-donna* das companhias de ópera italianas, a mais importante figura feminina na hierarquia dos espetáculos.

A primeira mulher a ser chamada dessa forma foi também a primeira a ter cursado uma faculdade. Lucy Webb Hayes se interessava por política e converteu o marido à causa abolicionista. A primeira-dama americana era considerada ainda uma grande anfitriã na Casa Branca – apesar de defender a abstenção alcoólica e fazer questão de servir limonada no lugar de vinhos ou bebidas destiladas.

RODRIGO CAVALCANTE

Sem poder, mas com influência

Mulher de presidente até despachou com ministros

Apesar de não possuírem poder oficial, algumas primeiras-damas tiveram influência direta no governo de seus maridos. Esse é o caso, por exemplo, da americana Edith Wilson, que chegou a despachar com os ministros da Casa Branca após o presidente Woodrow Wilson sofrer um derrame, em 1919.

Já Eleanor Roosevelt, primeira-dama no governo Franklin Rossevelt (1933-1945), representava seu marido em viagens e escrevia artigos polêmicos em defesa dos afro-americanos e dos pobres – isso décadas antes da popularização do movimento de direitos civis nos Estados Unidos. Outras, como Jacqueline Onassis, se eternizaram como símbolo de glamour, estilo e beleza, tornando-se referências na indústria da moda e da beleza até hoje. R.C.

E no Brasil...

Cada uma é lembrada por um motivo diferente

CONTRA OS CASSINOS

Carmela Leite, esposa do presidente Dutra, ficou famosa por ter influenciado o marido na decisão de proibir cassinos e outros jogos no Brasil, em 1946.

TUDO PELO SOCIAL

Sarah Kubitschek foi a primeira a se engajar diretamente em obras sociais, na década de 1950. A tradição é até hoje seguida pelas primeiras-damas.

NOSSA JACKIE

Maria Teresa Goulart, mulher de Jango, presidente entre 1961 e 1964, foi considerada a Jacqueline Kennedy do Brasil. Isso por causa de sua beleza.

DÚVIDA CRUEL

De onde saíram mais presidentes do Brasil?

Até hoje, políticos nascidos em nove estados chegaram ao posto mais alto da República

Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Cada um deles levou para a presidência cinco chefes do Executivo de forma democrática, desde a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. O primeiro mineiro a assumir o poder foi Affonso Penna, de Santa Bárbara, que tomou posse em 15 de janeiro de 1906. Já o primeiro gaúcho foi Hermes da Fonseca, de São Gabriel, o sexto presidente eleito.

Os dois estados elegeram cinco representantes cada um. Isso levando em conta candidatos escolhidos em votação direta ou indireta que chegaram a ser proclamados para o cargo – não necessariamente empossados –, segundo a lista oficial do governo. Essa lista contém 28 "períodos presidenciais" (e inclui, por exemplo, Tancredo Neves, que nunca tomou posse).

Se levarmos em conta a lista dos que foram eleitos (mesmo os que não assumiram a vaga) e os que ocuparam a cadeira de presidente, inclusive governantes provisórios, juntas militares e ditadores autoproclamados, Minas Gerais e Rio de Janeiro empatam com oito nomes cada um.

RODRIGO GALLO

MAIS NO SITE Conheça a lista com os nomes e os locais de nascimento de todas as pessoas que já ocuparam a cadeira de presidente do Brasil.

As cidades dos presidentes

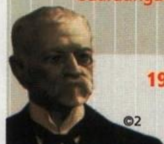
A lista inclui os eleitos ou indicados nos 28 períodos presidenciais – não necessariamente os chefes de Estado que tomaram posse

1891 MARECHAL MANOEL DEODORO DA FONSECA
Marechal Deodoro – AL

1894 PRUDENTE JOSÉ DE MORAIS E BARROS
Itu – SP

1898 MANOEL FERRAZ DE CAMPOS SALLES
Campinas – SP

1902 / 1919 FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES
Guaratinguetá – SP



1906 AFFONSO AUGUSTO MOREIRA PENNA
Santa Bárbara – MG



1910 MARECHAL HERMES RODRIGUES DA FONSECA
São Gabriel – RS

1914 VENCESLAU BRÁS PEREIRA GOMES
São Caetano da Vargem Grande – MG





1922 ARTHUR DA SILVA BERNARDES
Viçosa – MG

1926 WASHINGTON LUÍS PEREIRA DE SOUSA
Macaé – RJ

1930 / 1934 / 1937 / 1951 GETÚLIO DORNELLES VARGAS
São Borja – RS



1946 MARECHAL EURICO GASPAR DUTRA
Cuiabá – MT



1951 JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA
Diamantina – MG

1961 JÂNIO DA SILVA QUADROS
Campo Grande – MS

1964 MARECHAL HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO
Fortaleza – CE



1967 MARECHAL ARTHUR DA COSTA E SILVA
Taquari – RS

1969 GENERAL EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI
Bagé – RS



1974 GENERAL ERNESTO GEISEL
Bento Gonçalves – RS



1979 GENERAL JOÃO BAPTISTA DE OLIVEIRA FIGUEIREDO
Rio de Janeiro – RJ



1985 TANCREDO DE ALMEIDA NEVES
São João Del Rei – MG

1990 FERNANDO AFONSO COLLOR DE MELLO
Rio de Janeiro – RJ

1995 / 1999 FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Rio de Janeiro – RJ

2003 / 2006 LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Garanhuns – PE

SÉRIE 7 MARAVILHAS DO MUNDO

A estátua de Zeus

Um deus grego para a cidade que inventou a Olimpíada

Se havia uma cidade na Antiguidade que girava em torno do esporte, esse lugar era Olímpia. O local onde tiveram origem os jogos olímpicos até ganhou um monumento que se transformou numa das sete maravilhas do mundo.

A estátua de Zeus começou a ser feita em 440 a.C. por ordem do governante Péricles (495-429 a.C.), para incrementar o recém-construído templo dedicado ao deus. Afinal, Olímpia ganhava importância entre as cidades-estados gregas por conta dos jogos e merecia um templo melhor. A tarefa foi conferida ao escultor Fídias, amigo pessoal de Péricles. "A maior parte do que se sabe sobre a estátua se deve a Pausânias, viajante que registrou dados pitorescos sobre as regiões pelas quais passava", diz Rafael Fragata, professor de História da Universidade de São Paulo.

MARIA DOLORES DUARTE

Todo-poderoso do Olimpo

Monumento recebia visita de gente de toda a Grécia



SINAL DE ALERTA
Zeus era o deus mais poderoso da Grécia antiga. É provável que Fídias o tenha esculpido com a testa franzida por conta de uma lenda. Segundo ela, quando Zeus franzia a testa, fazia tremer o Olimpo (a morada dos deuses). Com isso, os gregos queriam dizer que estava sempre alerta.

MÃOS OCUPADAS
Fídias esculpiu uma imagem da deusa Nicéia, da vitória, na mão direita de Zeus. Na esquerda, um bastão com uma águia, símbolo de poder. Só que o escultor calculou mal o tamanho do monumento, que tem 15 metros de altura. Quando ele foi montado, quase bateu no teto do templo.

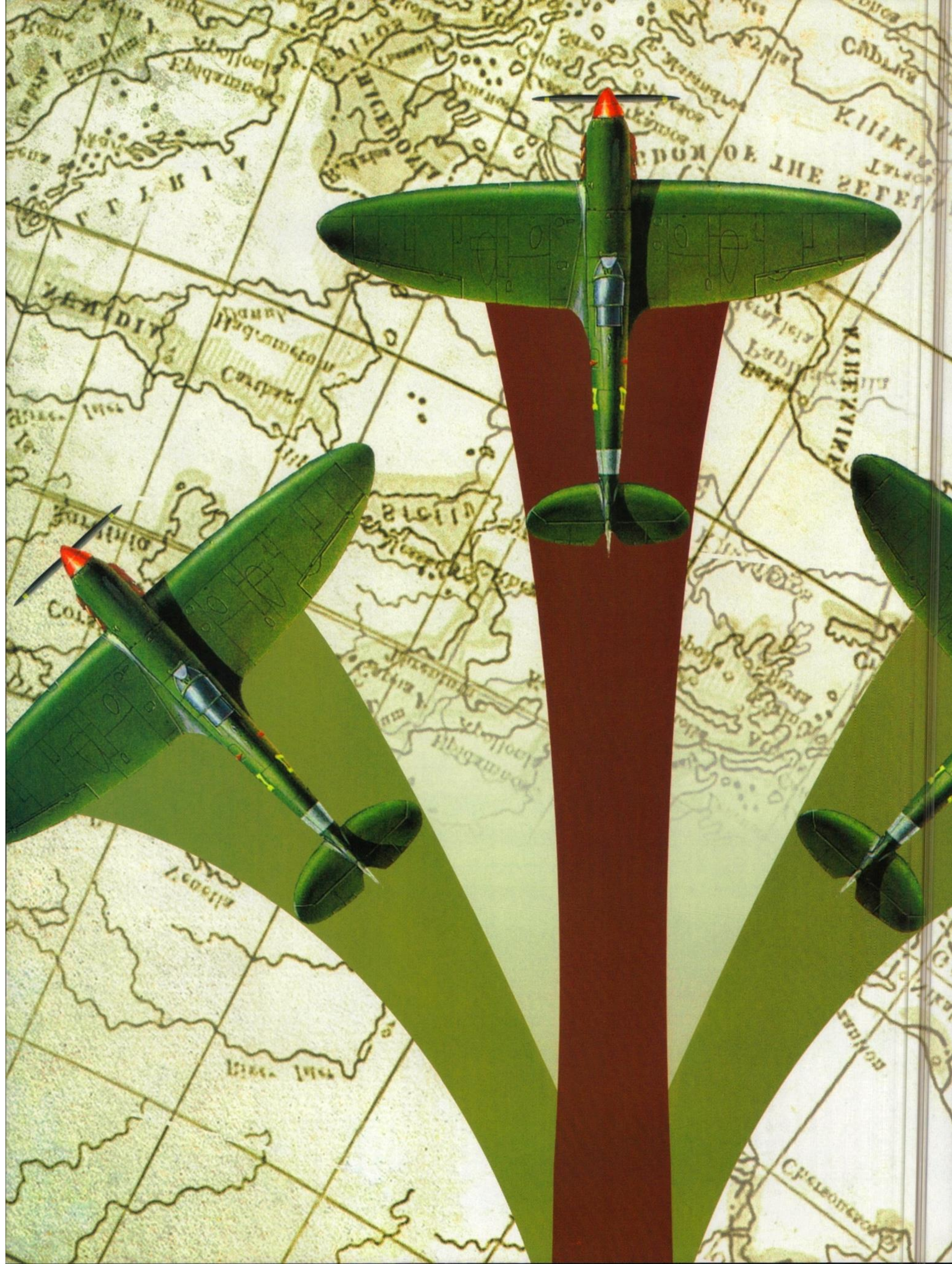
OLHO POR OLHO
Os olhos da estátua eram de turqueza, e havia outras pedras preciosas incrustadas em seu trono. A coroa de louro que ele trazia na cabeça era banhada em ouro, assim como suas sandálias e manto. Os materiais foram levados da Ásia e da África pelo Mediterrâneo.

DEUS DE ÉBANO
Quando Fídias foi chamado para esculpir Zeus, acabara de criar uma técnica para fazer grandes estátuas: a base era uma moldura de ébano, depois encapada com folhas de ouro e marfim. Fídias chegou a transferir sua oficina de Atenas para Olímpia para fazer a obra, que durou cerca de oito anos.

TEMPLO OLÍMPICO
O templo do Olimpo ficava em uma praça na planície do Peloponeso. Ali aconteceu a guerra homônima. Os soldados, no entanto, não atacavam o templo, que era sagrado para ambos os lados envolvidos na peleja. O local tinha a parte da frente toda aberta. Assim, Zeus podia ser visto de qualquer lugar da praça.

ROMARIA GREGA
As pessoas iam de todas as partes da Grécia e de regiões vizinhas venerar Zeus. Algumas levavam presentes para o todo-poderoso do Olimpo. O mais famoso foi uma cortina de lã com tramas assírias, ofertada pelo rei selêucida Antiochus IV.

GRÉCIA
Atenas
Olímpia
Mar Mediterrâneo




CAPA

A ÚLTIMA RAINHA

Menina austríaca que virou soberana da França, Maria Antonieta usou o luxo para se impor na corte de Versalhes. Mas, às vésperas da Revolução Francesa, seu mundo estava condenado a desaparecer

POR REINALDO JOSÉ LOPES **DESIGN** BERNARDO BORGES **ILUSTRAÇÕES** HECTOR GÓMEZ

Virar ícone de uma época – representar uma classe, um modo de pensar e de viver – é destino para poucas pessoas. Uma delas, sem dúvida, foi a austríaca Maria Antônia Josefa Johanna von Habsburg-Lothringen, ou simplesmente Maria Antonieta. O problema é que, dependendo de quem a julga, ela é vista de jeitos completamente diferentes. A controvérsia começou ainda na época de sua morte, no fim do século 18. De um lado, era tida como símbolo da arrogância e da insensatez da monarquia francesa. De outro, era admirada como uma mártir, quase uma santa, sacrificada por loucos que tinham se voltado contra a ordem sagrada das coisas.

Durante muito tempo, a discórdia prosseguiu e, no meio da briga, sobrava pouco espaço para quem queria conhecer a Maria Antonieta de carne e osso. Nos últimos anos, porém, historiadores têm se esforçado para trazer à tona uma imagem mais equilibrada da rainha. Os novos estudos mostram que Maria Antonieta não foi uma mulher fútil e ingênua, mas uma mestra em usar o glamour como arma para se firmar numa corte estranha e hostil.

"Maria Antonieta entendeu que ser uma rainha significava essencialmente interpretar um papel. Mais que isso, ela logo descobriu que, por meio de mudanças na moda, ela podia modificar esse papel e até fugir dele", afirma a pesquisadora americana Caroline Weber, especialista em cultura francesa do século 18 e autora de *Queen of Fashion* ("Rainha da moda", inédito em português). "Isso mostra que, até certo ponto, ela tinha uma percepção bem sofisticada e muito moderna do poder da imagem para mudar a realidade."

Mas toda a astúcia com que Maria Antonieta se firmou na corte de seu marido, o rei Luís XVI, não lhe serviu de nada quando estourou a Revolução Francesa, em 1789, que proclamou a liberdade e a igualdade para todos os cidadãos. Foi uma das maiores reviravoltas da história, considerada o marco que separa a Idade Moderna da Idade Contemporânea. Era o fim do que ficaria conhecido como o "Antigo Regime", em que os privilégios da nobreza estavam acima de tudo. Era o fim do mundo de Maria Antonieta.

Aos 14 anos, a bela Maria Antonieta chega a Versalhes, sede da corte francesa, para realizar o desejo da mãe e se casar com o neto do rei Luís XV

TUDO PARA TRÁS

A trágica saga de Maria Antonieta começa em Viena, Áustria, numa corte bem menos chique que a da França. Em 2 de novembro de 1755, a imperatriz Maria Teresa deu à luz uma menina pequenina, porém saudável. Era Maria Antônia, seu 15º bebê. O pai, Francisco I, era imperador do Sacro Império Romano-Germânico (que, naquela época, unia frouxamente algumas nações da Europa Central). Mas, apesar da pompa do cargo, não era ele quem mandava. A titular do comando do Império era Maria Teresa, que também era arquiduquesa da Áustria e rainha da Hungria e da Boêmia (hoje parte da Alemanha).

A imperatriz era uma brilhante estrategista política. Detestava perder tempo – aproveitou o parto de Maria Antonieta, por exemplo, para extrair um dente. Mas, apesar de ser viciada em trabalho, era uma boa mãe. Preocupava-se até com a forma- »

» ção musical dos filhos, que tinham contato com alguns dos músicos mais talentosos da Europa. Um deles foi o prodígio Mozart, recebido em Viena com apenas 7 anos. Reza a lenda que, ao andar pelo chão encerado do palácio, ele teria levado um tombo. Maria Antonieta, meses mais velha que ele, teria corrido para ajudá-lo e lhe dado um beijo na bochecha. "Você é bondosa. Quando crescer, quero me casar com você", teria dito Mozart.

Mas a mãe tinha outros planos para o futuro da menina. Com a morte de Francisco I, em 1765, Maria Teresa buscou se aproximar das outras cortes européias. Usou uma estratégia bastante comum na época: ofereceu suas filhas em casamento. Maria Antonieta se tornou, assim, pretendente de Luís Augusto, neto do rei francês Luís XV. Com a morte prematura dos pais, o rapaz havia se tornado o delfim, herdeiro do trono. A idéia de Maria Teresa era criar uma aliança duradoura com a França, que vivia entrando em conflito com a Áustria e outros membros do Sacro Império.

A corte francesa resistiu bastante à união com a família austríaca, mas, em 1769, veio a proposta oficial de casamento. As diferenças entre os noivos não poderiam ser maiores. Segundo os relatos da época, Maria Antonieta tinha uma impecável pele branca, boca carnuda, cabelos louros e olhos azuis. Caminhava e dançava com elegância. Já Luís Augusto, um ano mais velho que ela, parecia ter crescido demais para a idade. Era desengonçado, absurdamente tímido e considerado um palerma pela corte francesa. Seu único traço aparente de nobreza eram os belos olhos azuis (mas, como ele não levava mesmo jeito para a perfeição, era levemente míope).

O casamento aconteceu em abril de 1770, numa igreja de Viena. E teve toda a cara de arranjo político, já que foi feito por procuração. No altar, Maximiliano, irmão da noiva, fez o papel do delfim. Logo após a cerimônia, um cortejo com 57 carruagens se pôs a caminho da França. Por exigência da nova pátria, ao chegar à fronteira com a França, Maria Antonieta foi obrigada a deixar para trás tudo o que tivesse alguma relação com a Áustria. Não apenas seu enxoval e suas damas de companhia, mas até as roupas que usava. Maria Antonieta despiu-se e recebeu um vestido dourado para continuar a viagem.

Em território francês, a jovem conheceu Luís XV, então com 60 anos. Depois foi a vez do noivo. Luís Augusto, que tivera pouquíssimo contato com mulheres

Ao lado do marido, Maria Antonieta recebe convidados num baile em Versalhes. Assim que virou rainha, ela encheu a corte de gente jovem e bonita

e certamente era virgem, acabou dando apenas um beijo rápido no rosto de Maria Antonieta. Uma nova cerimônia de casamento foi celebrada em Versalhes, o subúrbio nos arredores de Paris onde residia a corte francesa. Sob os olhos atentos da nobreza, o casal se retirou para a cama. Ali aconteceu algo que iria se repetir durante anos: "Nada", como escreveu o delfim no seu diário, na manhã seguinte.

VERSALHES É UMA FESTA

Não foi fácil para a menina de 14 anos se adaptar à nova vida na França. Claro que Maria Antonieta apreciava estar vivendo no palácio de Versalhes, o mais esplendoroso da Europa. Mas as complicadas regras de etiqueta da corte francesa a irritavam um bocado. Para piorar, a privacidade era praticamente inexistente – em tudo o que fazia, ela era observada pelos membros da corte. Além disso, por ter sido criada num ambiente quase puritano, »

Estilo Antonieta

A rainha tinha até uma "ministra da Moda"

Quando queria dar um recado à corte, Maria Antonieta usava a moda para se expressar. Diariamente, a rainha recebia a visita da modista Rose Bertin, conhecida como "ministra da Moda". Desses encontros saíram roupas e acessórios que fariam os carnavalescos do Brasil se roerem de inveja. E que inspiram os estilistas até os dias de hoje.



SUPERCULOTES
Avessa aos espartilhos, a rainha gostava de destacar o colo, dando formas volumosas às ancas. Na cintura, cestos de palha, cobertos por anáguas, eram a estrutura desse visual

©1



A GALOPE
Maria Antonieta chocou a corte e os plebeus ao cavalgar pelos campos. Para facilitar o esporte ela passou a usar calças e foi a platéia que quase caiu do cavalo.

57 carruagens saíram de Viena levando a jovem e seu enxoval

400 000 livres*
preço estimado do enxoval de Maria Antonieta

2 000 a 5 000 livres
preço médio do guarda-roupa de um casal de nobres

13 livres
roupas de um plebeu

* SEGUNDO HISTORIADORES, UM LIVRE, A MOEDA CORRENTE DA ÉPOCA, É O EQUIVALENTE A ALGO ENTRE 40 E 65 REAIS


©2

DREADS

Na coroação de Luís XVI, o pior lugar foi atrás da rainha. Por causa de seu penteado, ninguém conseguia ver nada. A nobre exigia perucas novas e temáticas para cada ocasião.

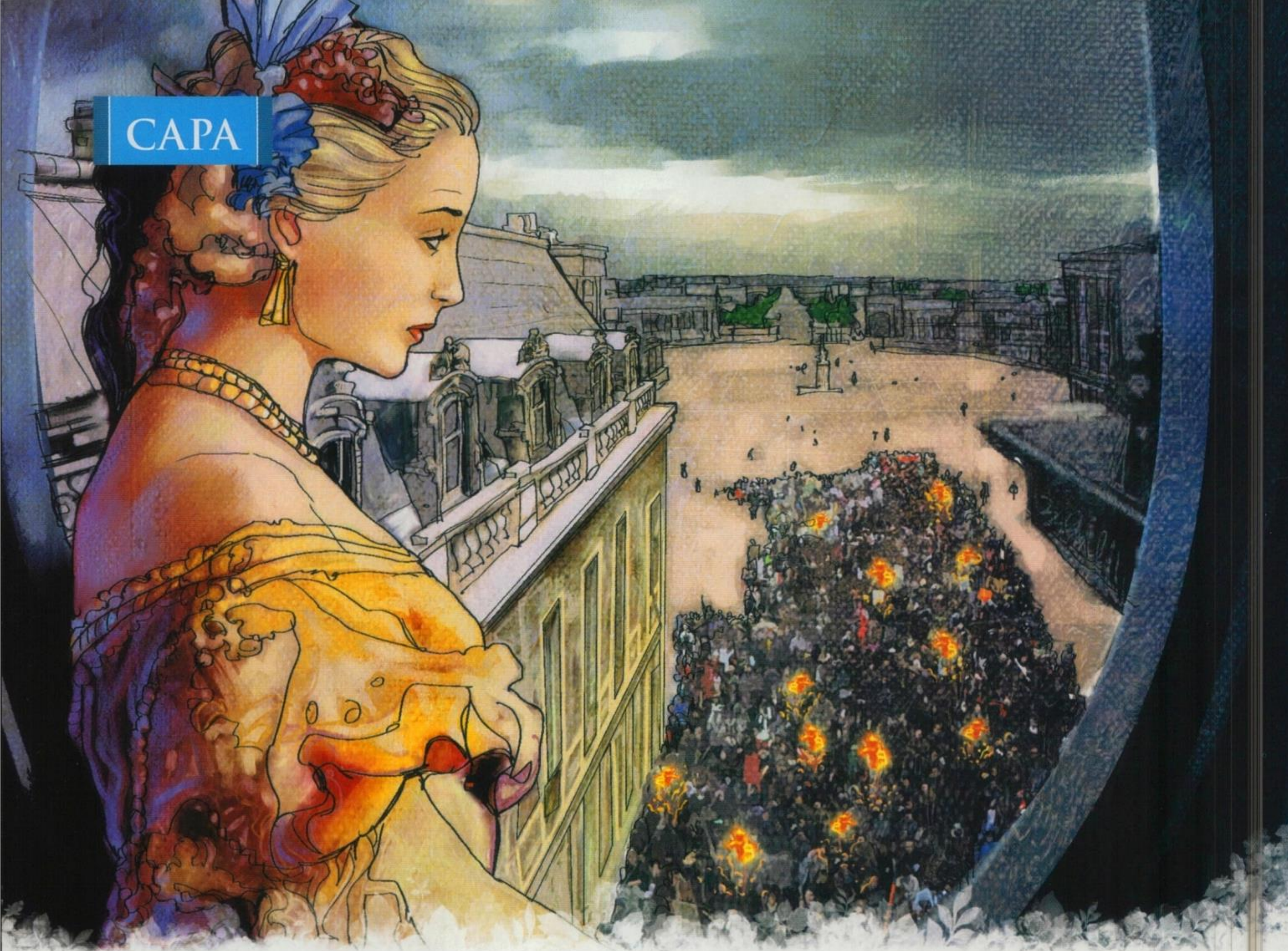
3 **quartos de Versalhes eram usados como guarda-roupa da rainha**

NA PASSARELA

John Galliano criou, em 2000, uma coleção inteira de alta-costura para a Christian Dior inspirado em Maria Antonieta


©3

© 1 OTHERIMAGES 2 GALERIA NYPL 3 JOHN GALLIANO/WDD



Quando estourou a Revolução Francesa, o povo cercou Versalhes e exigiu que a rainha e sua família se mudassem para Paris (onde acabaram presos)

» Maria Antonieta não engolia o costume dos nobres franceses de ter amantes "oficiais". Era o caso do próprio Luís XV, que, viúvo, levava às festas da realeza a ex-prostituta Madame du Barry.

O estranhamento da jovem com a nobreza francesa fez com que ela fosse apelidada, pejorativamente, de *l'Autrichienne*, "a Austríaca". "A parte mais antiga da corte considerava Maria Antonieta uma arrivista sem nenhum senso da civilidade, do refinamento e da elegância francesa", diz Caroline Weber. Por algum tempo, a princesa teve que suportar a má fama. Até que, em 1774, o rei morreu de varíola. Luís Augusto e Maria Antonieta viraram, assim, os soberanos da França. Num piscar de olhos, a rainha usou sua nova posição para criar uma vida de sonho. Dispensou boa parte das antigas damas de companhia, povoou a corte de gente jovem e bonita e ganhou do marido, agora chamado de Luís XVI, o charmoso palácio do Petit Trianon (que antes pertencera a Madame du Barry), em Versalhes. Maria Antonieta organizava corridas de cavalo e se divertia em passeios de carruagem a toda velocidade.

O que mais fascinava a rainha, entretanto, era o agito da noite parisiense (a cidade, então uma das maiores do mundo, tinha 600 mil habitantes). Além de freqüentar óperas e teatros, Maria Antonieta adorava participar de bailes a que as mulheres compareciam mascaradas. Assim, podia se misturar com plebeus sem ser reconhecida. Como Luís XVI adorava acordar cedo, ele não se incomodava em deixá-la ir se divertir sem ele. O rei, aliás, parecia satisfeito em fazer as vontades de sua esposa. Como ela gostava de jogar cartas, Luís XVI instalou um cassino particular em Versalhes. Na estréia da nova atração, a rainha jogou durante 36 horas seguidas. Perdeu uma boa quantia de dinheiro dos cofres da coroa. Nada comparável, claro, ao que ela gastava para aumentar sua coleção de diamantes

O PODER DO GLAMOUR

Por trás desse mundo de diversão e festas, Maria Antonieta tinha que suportar muitas pressões. Os nobres que haviam sido excluídos do convívio com a rainha não paravam de caluniá-la. Segundo Caroline Weber, o jeito de Maria Antonieta reagir era manipular sua aparência. "Ela usava a moda como um instrumento político, como forma de aumentar ou sustentar sua

autoridade em momentos em que ela parecia estar sob risco, como nos sete anos que se passaram antes que ela tivesse um filho", diz. Por meio de novas roupas, sapatos e penteados, a rainha se impôs, colocando-se acima de qualquer mulher francesa *(veja quatro na pág. 28)*.

"Foi uma atitude inédita para uma rainha", afirma Caroline. "Antes, as soberanas francesas tinham de projetar uma imagem dócil, vivendo longe dos holofotes. Quem tentava se envolver em política e exibir seu poder por meio de roupas luxuosas eram as amantes dos reis." A família real francesa sabia da influência que as amantes costumavam ter nos rumos do governo. Por causa disso, havia exigido, durante as negociações com a mãe de Maria Antonieta antes do casamento, que a futura rainha fosse sedutora o bastante para que o rei não encontrasse distração fora de casa. Deu certo. Fosse por causa da beleza de Maria Antonieta ou pela própria falta de apetite sexual, Luís XVI não dava suas escapadas. O problema é que ele tampouco deixava Maria Antonieta meter a colher na política, o que irritava profundamente Maria Teresa, que insistia que a filha tentasse transformar o monarca num fantoche a serviço de seus interesses.

A posição de Maria Antonieta na corte francesa melhorou bastante depois que ela e Luís XVI finalmente tiveram seu primeiro bebê. Em 1778, nasceu Maria Teresa, batizada em homenagem à avó (a imperatriz morreria dois anos depois). O tão esperado delfim, Luís José, veio em 1781. "Com o nascimento de um filho homem, Maria Antonieta assumia a posição tradicionalmente forte de qualquer rainha da França que tivesse produzido um delfim", conta a historiadora britânica Antonia Fraser, autora do livro *Marie Antoinette – The Journey* ("Maria Antonieta – a jornada", inédito no Brasil), que serviu de inspiração para o filme de Sofia Coppola sobre a personagem, que deve estrear por aqui em março.

Depois do nascimento do herdeiro, Maria Antonieta ganhou coragem para desafiar ainda mais os costumes de Versalhes. Quando teve os últimos dois filhos, um menino e uma menina, ela se recusou a dar à luz em público, quebrando a tradição da corte francesa. A essa altura, Maria Antonieta parecia viciada em flertar com a impopularidade. Flertar, aliás, tinha se tornado uma rotina na vida dela desde o fim dos anos 1770, quando conhecera o belíssimo conde sueco Axel Fersen. Se não existem provas de que eles chegaram a ter relações sexuais, há poucas dúvidas de que os »

Rainha do palco

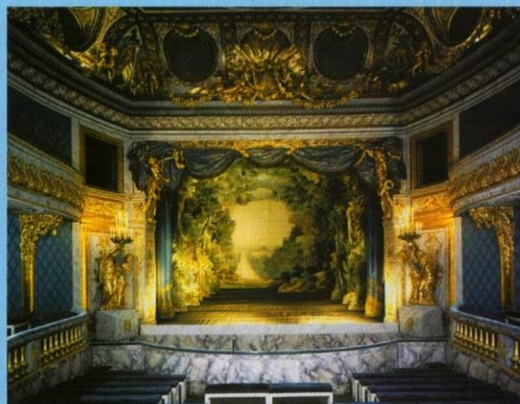
Maria Antonieta liderava uma trupe de nobres

A enjoada corte de Versalhes resistia às inovações trazidas por Maria Antonieta. Mas uma delas, pelo menos, caiu no gosto da nobreza: as apresentações de teatro em que a rainha bancava a atriz ao lado de outros nobres. Tudo começou em 1780, quando o rei, sabendo da paixão da esposa pelo teatro, a presenteou com um palco particular no palácio do Petit Trianon. O local passou a abrigar várias montagens da *troupe des seigneurs* ("trupe dos nobres", em francês), formada pela rainha e seus parentes. Eles puseram em cena diversas peças do repertório clássico francês, em que Maria Antonieta gostava de representar burguesas e simples camareiras. Luís XVI, que não tinha muito jeito para a coisa, limitava-se a assistir e vibrava com o desempenho da esposa. É claro que nem todos ficaram contentes em Versalhes. A rainha distribuía convites apenas para as pessoas de sua preferência, passando por cima da etiqueta da corte e sem respeitar o ranking dos títulos de nobreza. Ignorando as reclamações, Maria Antonieta ainda comprava outras brigas no mundo do teatro. Um caso famoso foi o do dramaturgo Pierre de Beaumarchais, autor da peça *As Bodas de Fígaro*. A obra incluía uma crítica pesada à nobreza da França e, por isso, foi censurada. Fã de Beaumarchais, a rainha conseguiu fazer com que Luís XVI liberasse a peça. A estréia em Paris foi tão polêmica que Beaumarchais passou cinco dias na cadeia. Mesmo assim, Maria Antonieta encenou ela mesma outra peça do autor, *O Barbeiro de Sevilha*, e ainda o convidou para assistir à montagem no Petit Trianon.



O teatro da rainha tinha pinturas representando o deus Apolo e divindades gregas





A platéia *(à dir.)* e o palco estão preservados no Petit Trianon até hoje

» dois se amavam: os diários de Fersen, em linguagem cifrada, falam de uma "Josefina", que certamente era Maria Antonieta.

TRAGÉDIA ANUNCIADA

Entre 1779 e 1782, Maria Antonieta e o conde Fersen tiveram que se separar. Ele estava na América, lutando ao lado das tropas francesas pela independência dos Estados Unidos. A saudade do amado foi o maior impacto que a guerra teve sobre o cotidiano da rainha. Nessa época, ela transformou parte do Petit Trianon numa réplica das vilas camponesas da França, com casinhas simples, vacas e ovelhas. Para completar o faz-de-conta, Maria Antonieta passou a se fantasiar de pastora.

Longe de Versalhes, os camponeses de verdade e o resto do povo francês viviam um período difícil. A economia cambaleava, com o governo atolado em dívidas. Os gastos com a guerra na América, que acabou em 1783, só pioraram o cenário. Maria Antonieta ganhou, então, um novo apelido: "Madame Déficit". Os gastos da rainha tinham um impacto mínimo no total das despesas da nação, é verdade. Mas seus hábitos extravagantes se tornaram o principal alvo da revolta popular contra tudo o que havia de errado no governo.

A péssima colheita de 1788 deixou os camponeses famintos e desesperados. Enquanto isso, a classe média (a burguesia) reclamava dos privilégios dos nobres. Debaixo de tantas críticas, Luís XVI tomou a pior decisão de seu reinado. Convocou, para maio de 1789, uma reunião dos chamados Estados Gerais: uma assembléia reunindo representantes do clero, da nobreza e do povo. Em vez de apoiar as tímidas reformas que o rei pretendia fazer, os Estados Gerais logo foram dominados pelos não-nobres. Em 9 de julho, eles conseguiram criar a Assembléia Nacional Constituinte. Enquanto os camponeses de toda a França se revoltavam contra seus senhores e o povo de Paris destruía a Bastilha (prisão-símbolo do autoritarismo do rei), a assembléia abolia o regime feudal e os privilégios da nobreza.

Em outubro, o povo rebelado invadiu Versalhes. Durante duas noites de agonia, Luís XVI e Maria Antonieta ficaram sitiados com os filhos, vários nobres e uns poucos guardas. Aos gritos, a multidão exigiu a presença da rainha no balcão do palácio. Quando ela apareceu, sua figura altiva acal-

Pãozinho da discórdia

Maria Antonieta nunca disse a frase do brioche

"Se não têm pão, que comam brioches!" A frase virou ditado usado até hoje para criticar qualquer governante insensível. Ela teria sido dita por Maria Antonieta durante sua coroação, em 1774, quando soube que o povo das províncias francesas não tinha pão para comer. Tudo isso, porém, não passa de lenda. É consenso entre os historiadores que a rainha nunca disse a frase, que acabou sendo usada contra ela durante a Revolução Francesa. Mas como é que esse dito foi parar na boca de Maria Antonieta? A pista mais provável vem do livro *Confissões*, do filósofo francês Jean-Jacques Rousseau, publicado pela primeira vez em 1778. Lá ele diz: "Recordo-me de uma grande princesa a quem se dizia que os camponeses não tinham pão, e que respondeu: 'Pois que comam brioche'". Os registros históricos disponíveis, entretanto, mostram que, na época de sua coroação, Maria Antonieta se preocupava com a situação dos pobres. Numa de suas cartas à mãe, ela chega a comentar o alto preço do pão. E acrescenta: "Tendo visto as pessoas nos tratarem tão bem, apesar de suas desgraças, estamos ainda mais obrigados a trabalhar pela felicidade deles". Outra controvérsia, que não tem nada a ver com Maria Antonieta, envolve as origens do protagonista da discórdia, o brioche. Com características mistas de pão e bolo, ele pode ser servido com coberturas e recheios doces ou salgados. Há quem diga que o brioche nasceu na Normandia (norte da França). Mas outras fontes apontam raízes austríacas, como as da família da rainha.



Chique de comer, fácil de fazer

Saiba como preparar deliciosos brioches

INGREDIENTES

- 1 kg de farinha de trigo especial
- 150 g de açúcar
- 20 g de sal
- 10 g de fermento biológico
- 650 g de ovos (cerca de 1 dúzia)
- 600 g de manteiga em temperatura ambiente

PREPARO

1 Misture os ingredientes até formar uma massa homogênea, que não grude

2 Deixe descansar por 20 minutos, cobrindo a vasilha com um pano úmido

3 Amasse novamente a massa durante 10 minutos

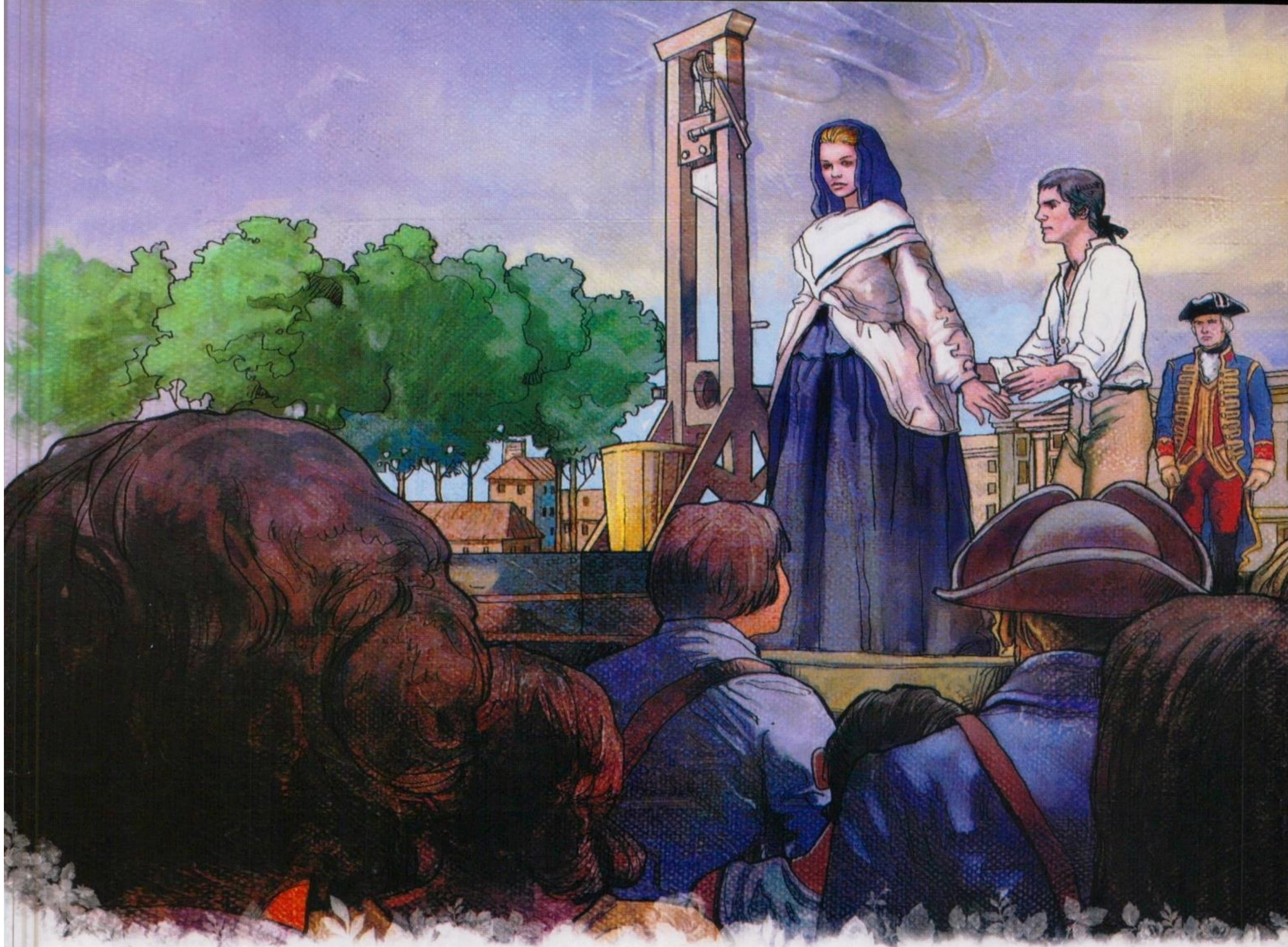
4 Divida a massa em 5 bolas de 500 g. Deixe descansar na geladeira por 12 horas

5 Transforme cada bola em uma bisnaga e coloque-as numa forma de pão untada

6 Deixe crescer por uma hora e meia ou menos, se a temperatura ambiente for maior do que 24 °C)

7 Pincele a parte de cima dos brioches com um ovo batido e leve para assar em forno pré-aquecido a 180 °C, de 35 a 45 minutos

© FONTE DA RECEITA: OLIVIER ANQUIER (WWW.OLIVIERANQUIER.COM.BR)



Depois de enfrentar um processo injusto, Maria Antonieta foi condenada sem provas e terminou guilhotinada em público

mou um pouco os ânimos. Mas a família real acabou aceitando as reivindicações do povo: aceitou abandonar a "ilha da fantasia" de Versalhes e se estabelecer em Paris.

A Assembléia Nacional exigiu então que o rei governasse com uma câmara de representantes do povo. Mas Luís XVI não aceitava dividir o poder. Em junho de 1791, ele e a rainha tentaram fugir da França, mas foram pegos e levados de volta a Paris. Sem alternativa, passaram a esperar ajuda da nobreza de outros países. Maria Antonieta manobrou nos bastidores para que seus parentes atacassem a França. A Assembléia Nacional acabou facilitando: como queria expandir a revolução pela Europa, ela deu apoio para que Luís XVI declarasse guerra contra a Áustria. Auxiliadas pela Prússia (hoje parte da Alemanha), as forças inimigas invadiram o país e ameaçaram marchar sobre Paris se a família real sofresse algo. O fato foi visto pelo povo como sinal de que Luís XVI era um traidor.

Em 20 de setembro de 1792, as forças francesas detiveram os invasores. No dia seguinte, a república foi proclamada e a família real foi presa. O ódio contra a nobreza atingiu o ápice. Uma das melhores amigas da rainha, a princesa de Lamballe, foi linchada. Enfiada na ponta de um pedaço de pau, sua cabeça foi levada até a janela da cela de Maria Antonieta, que entrou em pânico e desmaiou.

Em janeiro de 1793, Luís XVI foi guilhotinado. Isolada na prisão, Maria Antonieta passou a vestir apenas preto. Foi levada a julgamento, acusada até de incesto com o filho mais novo. O processo não trouxe qualquer evidência concreta contra Maria Antonieta. Quando o júri exigiu uma explicação sobre o incesto, a ex-rainha gritou: "Se não respondi, foi porque a natureza se recusa a responder tal acusação feita a uma mãe. Apelo às mães aqui presentes!" Foi o único momento em que o público protestou em sua defesa. Condenada à morte, Maria Antonieta viveu um papel que não combinava com ela, o de vítima. Em 16 de outubro de 1793, foi guilhotinada em praça pública. ■

SAIBA MAIS

LIVROS

***Maria Antonieta*, Antonia Fraser, Record, 2006**
Um guia extenso sobre a vida da rainha. Inspirou o filme sobre a personagem que deve chegar às telas brasileiras em março.

***Maria Antonieta – A Última Rainha da França*, Evelyne Lever, Objetiva, 2004**
Escrito por uma das mais respeitadas historiadoras francesas, dedica especial atenção à vida privada da rainha.

***Queen of Fashion – What Marie Antoinette Wore to the Revolution*, Caroline Weber, Henry Holt, 2006**
Interpreta a paixão da rainha pela moda como sinal de sua necessidade de projetar uma imagem de glamour e poder.

POST-SCRIPTUM

POR LÚCIA MONTEIRO

Trono francês, sotaque "brasileirrô"

Bisneta de dom Pedro II e neta da princesa Isabel, a condessa de Paris, Isabel de Orleans e Bragança, foi biógrafa (e fã assumida) de Maria Antonieta

Por telefone:
– Alô, é do Instituto da Casa Real da França?
– Sim.
– Por favor, eu gostaria de falar com o senhor Henrique de Orleans, o conde de Paris.
– Pois não, sou eu mesmo.

Em frente à igreja Saint Augustin, na região central de Paris:
– Princesa Chantal, a senhora chegou faz tempo?
– Não, não faz nem cinco minutos.
– Como a senhora veio?
– De metrô. É tão prático...

As cenas acima ocorreram quando a reportagem de HISTÓRIA em Paris entrou em contato com membros da família real francesa. Mais de dois séculos após a Revolução, pouca coisa os distingue do resto dos mortais. Se ainda houvesse monarquia na França, Henrique de Orleans, nascido em 1933, seria o mais provável ocupante do trono. Chantal, 13 anos mais nova, é sua irmã caçula. Ambos são filhos de Isabel de Orleans e Bragança, morta em 2003. O sobrenome parece familiar? Não é por acaso: Isabel era bisneta de dom Pedro II e foi batizada em homenagem a sua célebre avó, a princesa que assinou a nossa abolição da escravatura, em 1888. Parente distante de Maria Antonieta, Isabel representava como ninguém a ligação (sanguínea, inclusive) entre as nobrezas francesa e brasileira.



Isabel, a condessa de Paris, vivia na Europa, mas sempre visitava os irmãos Pedro e João no Brasil. Se a monarquia tivesse voltado à França, ela seria a rainha

Em 1931, aos 19 anos, Isabel tornou-se a condessa de Paris ao casar com o primo Henrique de Orleans, então postulante ao trono francês (ao morrer, em 1999, ele passou esse direito ao filho homônimo). No começo, o casal e seus 11 filhos tiveram que morar no exterior. Tudo por causa da Lei do Exílio, do fim do século 19, que proibia o pretendente ao trono de pisar em território francês. A família morou no Marrocos, na Espanha e em Portugal. Retornaram à França após a revogação da lei, em 1950.

Anos depois, Isabel chegou até a cogitar a possibilidade de se tornar rainha da França. Segundo a princesa Chantal, o general Charles de Gaulle, eleito presidente em 1958, insinuou a seu pai que criaria uma monarquia constitucional no país. "Foi nossa única ilusão", diz Chantal. "Ele seduziu meu pai e nós todos começamos a imaginar como seria nossa vida no Palácio do Elysée, onde hoje é a sede da presidência."

Nos anos 1970, o casamento de Isabel acabou. Um dos motivos foram os gastos de Henrique, que dilapidava o patrimônio da família real com suas extravagâncias. Ela passou, então, a viver sozinha num apartamento em Paris. Mas Isabel não virou uma senhora reclusa. À noite, arrumava sempre uma festa para ir (como ainda ocorre com seus filhos, ela recebia dezenas de convites para jan-

tares e coquetéis). Nunca saía mal vestida, estava sempre de coque ou de chapéu. E não era raro que, ao reconhecer Isabel, pessoas dobrassem os joelhos diante dela, em sinal de reverência.

Quando morreu, em julho de 2003, Isabel tinha viagem marcada para o Rio de Janeiro. Ela falava português fluentemente e era muito próxima de seus irmãos Pedro e João (morto em 2005) no Brasil. A condessa iria com a secretária Françoise Bertrand, sua fiel escudeira por 16 anos. "Ela tinha fascinação pelo Brasil", diz Françoise. "Sonhava organizar uma exposição sobre a nobreza brasileira na cidade de Eu, no castelo onde nasceu." O castelo, aliás, foi vendido à prefeitura local pela família, mas a condessa manteve um chalé no jardim, onde passava temporadas. Até os 81 anos de idade, quando sofreu um acidente na estrada (saiu ilesa após bater de frente com um caminhão), ia para lá dirigindo sozinha seu Audi.

Isabel adorava escrever. Publicou seis livros, sobre sua própria vida e a de nobres de outras épocas. Em *Moi, Marie-Antoinette* ("Eu, Maria Antonieta", inédito no Brasil), escrito em primeira pessoa, a condessa encarna a rainha às vésperas da execução. Rememora desde a infância na Áustria até a prisão.

Nas 200 páginas do livro, a narradora descreve com detalhes, por exemplo, "seu" romance com o príncipe sueco Axel Fersen (e pede perdão a Deus por ter traído o marido). Mas por que Isabel escreveu um livro de memórias de Maria Antonieta? A própria condessa responde, na introdução: "Tenho um pouco do sangue de Maria Antonieta nas veias. Talvez por isso eu entenda tão bem seu calvário e a angústia que sentiu em suas últimas horas de vida".

Vida (real) de princesa

Chantal de Orleans e Bragança, caçula da família real francesa, começou a andar sozinha de ônibus aos 11 anos

HISTÓRIA – **O que representa ser princesa na França de hoje?**

PRINCESA CHANTAL – Em primeiro lugar, é um dever. Preciso estar sempre à altura das pessoas que me convidam para as mais diversas coisas. Em alguns momentos, penso que gostaria de esconder que sou uma princesa para poder ser eu mesma. Ficar o dia inteiro de calça jeans, pintando... Mas não me permito ficar isolada, me fechar.

Como foi sua infância?

A gente morava em Louveciennes, a 20 quilômetros de Paris. Tínhamos um Chrysler grande, com dez lugares, mais o do motorista. Ele saía para Paris todo dia no mesmo horário. Na volta, devíamos nos encontrar num determinado local. Quem perdesse a viagem pegava o trem. Comecei a andar sozinha de ônibus aos 11 anos e, de trem, aos 13.

Mas isso não parece uma infância de princesa...

Lembro a primeira vez que fui reconhecida na rua, eu tinha 12 anos. O ônibus que me levava todas as semanas para o colégio interno quebrou e todas as meninas puderam descer para dar uma volta enquanto o motorista fazia o conserto. Uma mulher passou e gritou: "Olha lá, é a filha do conde e da condessa de Paris!" Fiquei com medo e voltei para o ônibus. Era como se minha privacidade tivesse sido invadida. Quando cheguei em casa, contei o ocorrido para minha mãe, que me disse que isso era normal, que eu não deveria ter medo. Ela era sempre reconhecida nas Galeries Lafayette *(um dos mais tradicionais magazines de Paris)*, onde comprava de tudo, para todo mundo. E gostava disso.

Você tem orgulho de pertencer à família real francesa?

Sim, às vezes. Faço parte da história, tenho parte da história da França em minhas veias. Mas isso para mim é algo natural, pois fui criada assim. Só houve uma vez em que me vali realmente da minha situação. Estava em uma recepção em Mônaco e o duque de La Rochefoucault estava impaciente para entrar na sala de jantar, mas tínhamos de esperar a princesa. Fiquei tão irritada que lhe falei para respeitar o protocolo. Na hierarquia, ele só poderia entrar depois de mim e, na sala de jantar, teria direito apenas a um banquinho.

Como assim?

Antigamente, os reis ganhavam as melhores poltronas, príncipes e princesas sentavam-se em cadeiras e os duques tinham direito a bancos, no fundo.

Mas isso é passado, não?

Nem tanto. São tradições que continuam sendo respeitadas.



Na primeira vez que foi reconhecida, Chantal teve vergonha. Hoje, se sente parte da história da França

©2

QUE FIM LEVOU?

O que aconteceu com Freud e Napoleão (quase) todo mundo sabe. Mas o destino dos objetos de grandes nomes da história, como o divã e a espada dos respectivos, você vai conhecer aqui

POR ANDRÉ SANTORO E CRISTINA VENTURA **DESIGN** FABIO OTUBO **ILUSTRAÇÕES** JEGUE BOY

Durante o califado de Omar I, entre os anos de 634 e 644, instituiu-se uma lista de pensão chamada divã. Os guerreiros que tinham seu nome na tal lista eram agraciados com os bens dos povos conquistados pelo recém-formado exército islâmico. Alguns anos depois, o termo passou, por extensão, a se referir a uma instituição financeira. Durante o Império Turco-Otomano, no século 16, divã virou a sala onde se reunia o conselho de Estado. E, ufa, passado mais algum tempo, transformou-se no nome pelo qual era chamado o típico almofadão turco que mobiliava essas salas. Tudo isso para contar a história do objeto mais famoso que foi batizado com este nome. Um desses almofadões, que chegou à Europa no começo do século 18, foi parar na casa de um promissor médico austríaco. E acabou coadjuvante de um grande acontecimento.

Em 1891, Sigmund Freud ganhou um divã azul de presente de uma paciente. Nessa espécie de sofá, deitaram-se centenas de pessoas atendidas pelo neurologista. O divã foi muito mais do que reles testemunha do nascimento da psicanálise. Mas que fim levou este móvel? Nesta reportagem, além do paradeiro do divã de Freud, você vai saber por onde anda o revólver que Getúlio usou para se matar, a espada que Na-



poleão usava na bainha, a guitarra mais notória de Jimi Hendrix e outros pertences curiosos. São histórias de objetos que ajudaram a fazer história.

O DIVÃ DE FREUD

Hoje, quase todos os psicanalistas têm em seus consultórios divãs onde os pacientes se deitam para contar suas histórias. A moda foi introduzida pelo próprio Sigmund Freud, que ganhou seu divã nove anos antes de ter publicado a parte mais conhecida de sua obra, o livro *A Interpretação dos Sonhos*. Em uma entrevista em 1938, sua esposa, Martha, disse que o móvel foi um presente oferecido a ele por uma paciente chamada madame Benvenisti, que, satisfeita com o tratamento recebido, resolveu dar um mimo ao doutor. Com o avanço do nazismo, Freud e sua família tiveram que deixar a Áustria e passaram a viver em Londres. Em 1938, todos os seus pertences – entre eles o divã – foram despachados para o novo endereço.

Depois da morte do criador da psicanálise, em 1939, a filha de Freud, Anna, continuou morando na casa. Em 1982, ano em que ela morreu, o imóvel passou a abrigar o Museu Freud. Apesar de ter seguido a mesma profissão do pai, Anna tinha seu próprio consultório e resolveu não usar os objetos deixados por ele. "Pode ser, porém, que uma amiga da família, chamada Dorothy Birmingham, também psicanalista, tenha usado por algum tempo a sala de Freud", diz a brasileira Rita Apsan, assessora de comunicação do museu. "Se isso ocorreu, o divã deve ter sido usado por seus pacientes." Desde a criação do museu, o móvel não saiu de lá. E faz um sucesso danado entre os visitantes – mais de 40 mil por ano.

O divã de Freud pode ter sido usado depois de sua morte também em sessões de análise

©1

A CANETA DE MACARTHUR

Em 2 de setembro de 1945, o navio de batalha americano Missouri estava ancorado na baía de Tóquio. Algum tempo antes, aquilo seria considerado uma afronta à soberania dos japoneses. Mas, naquele dia, eles não só engoliram a presença do inimigo ocidental como subiram a bordo do navio. Lá, assinaram o tratado de rendição que selaria o fim da Segunda Guerra. O representante japonês era o ministro das Relações Exteriores, Shigemitsu Mamoru, enviado pelo imperador Hiroito. Do lado americano estava o célebre general Douglas MacArthur, enviado pelo presidente Harry Truman para representar os aliados na cerimônia de rendição.

Graças à importância daquele momento, a caneta usada na ocasião ganhou status de relíquia. Segundo a versão oficial, MacArthur assinou os documentos com uma caneta da marca Orange Parker Duofold que pertencia a Jean, sua mulher. Mas o que quase ninguém sabe é que ele usou seis canetas para assinar a papelada no Missouri. Como eram vários documentos, diversos oficiais presentes na cerimônia fizeram questão de dar suas canetas para MacArthur assinar partes do tratado.

Uma das canetas ficou com o gene- »



©2

Uma das canetas da rendição japonesa ficou com MacArthur até sua morte

» ral Jonathan Wainwright, que acompanhou a cerimônia de rendição no navio. Outra, com o general britânico Arthur Percival – ele e Wainwright haviam sido libertados fazia pouco tempo de campos de prisioneiros no Japão. Uma terceira caneta foi parar com o secretário militar Courtney Whitney. Duas delas ficaram com o próprio MacArthur até sua morte, em 1964, quando foram incorporadas à coleção do Memorial MacArthur, na Virgínia, nos Estados Unidos. A última, a mais famosa, que pertencia a Jean, foi guardada por ela durante muito tempo em seu apartamento no Waldorf Astoria, em Nova York, mesmo após a morte do marido. Mas o objeto foi roubado do hotel – não se sabe quando nem como – e nunca mais foi recuperado.

A ROCA DE GANDHI

No início do século 20, a Índia estava sob domínio britânico. E um movimento de independência agitava o país. O nome mais importante desse processo é o de Mohandas Karamchand Gandhi – ou Mahatma ("a grande alma") Gandhi. O líder nacionalista ficou famoso não apenas por suas posições políticas, mas também por ter mostrado ao mundo que era possível realizar um protesto de forma pacífica.

Um dos símbolos da resistência de Gandhi ao poderio britânico foi a roca de fiar que ele costumava usar e citar em vários de seus textos. Ao sugerir a utilização de instrumentos para a produção artesanal de tecidos, como a sua roca, ele propunha que os indianos deixassem de comprar os produtos industrializados que vinham da Europa. Em 1947, o país finalmente conquistou sua independência. No ano seguinte, Gandhi foi assassinado.

"Desde então, a roca permanece exposta no Museu Nacional de Gandhi, em Nova Délhi, na Índia. Ninguém a utilizou, mas as pessoas continuam usando as suas próprias rocas", diz o pesquisador Sandhya Mehta, do centro de estudos Mani Bhavan Gandhi Sangrahalaya, em Bombaim. Ele se refere aos instrumentos de fiar, ainda usados por muitas famílias indianas, e a filosofia de vida que eles simbolizam, como escreveu Gandhi no jornal *Young India*, em 17 de setembro de 1925. "A mensagem da roca é muito maior do que sua circunferência. Ela mostra que podemos viver sem ferir os outros e criar uma ligação indissolúvel entre os ricos e os pobres, o capital e o trabalho, o príncipe e o mendigo. Essa mensagem mais ampla é naturalmente para todos".

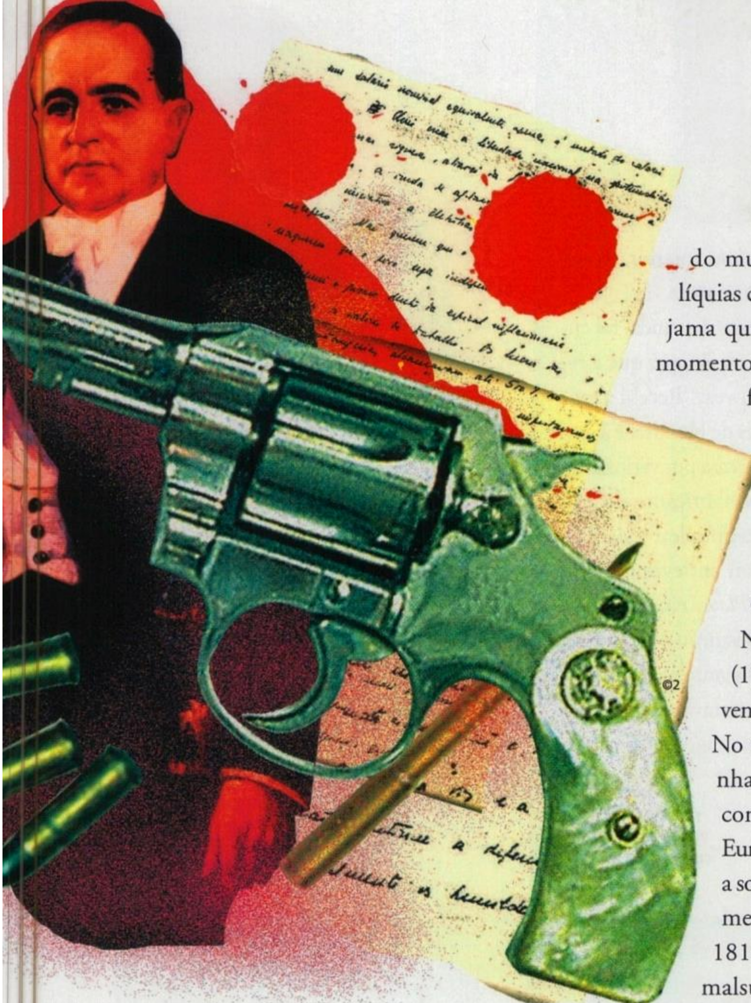
O REVÓLVER DE GETÚLIO

Em agosto de 1954, o Brasil vivia dias turbulentos. Pressionado pela imprensa e pelos militares, o presidente Getúlio Vargas tentava se defender das acusações de que sua guarda pessoal havia planejado e executado um atentado que matou um oficial da Aeronáutica e deixou ferido o jornalista Carlos Lacerda, no dia 4 daquele mês. No dia 22, Vargas recebeu um ultimato dos militares e, na madrugada do dia 24, após uma reunião com seus ministros, resolveu se licenciar do cargo. Mas a decisão nem chegou a ser anunciada. Por volta das 8 da manhã, o presidente se matou com um tiro no peito

Como ele mesmo disse, Getúlio saiu da vida para entrar na história. A arma que ele usou para isso, porém, repousa sem tanta celebridade no Museu da República, antigo Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, sede do poder



A roca foi usada por Gandhi como metáfora para a resistência pacífica



O revólver que matou Getúlio foi guardado por sua mulher na fazenda da família

Executivo de 1897 a 1960. O revólver Colt calibre 32, com cabo de madrepérola, está exposto no terceiro andar do museu. Fabricado nos Estados Unidos, o revólver tem capacidade para seis tiros, pesa cerca de 500 gramas e tem 20 centímetros de comprimento. Ele só foi incorporado à coleção do museu em 1998, após ser doado pela neta de Getúlio, Celina Vargas do Amaral Peixoto, junto com outras peças que pertenceram ao presidente.

Antes disso, segundo a museóloga Regina Capela, do Museu da República, parte do acervo – inclusive o famoso revólver e o projétil que matou Getúlio – era guardada pela mãe de Celina, Alzira, em uma fazenda da família na cidade de Petrópolis. Ao lado da arma, os visitantes do museu encontram relíquias como o paletó do pijama que Getúlio usava no momento em que se matou – furado pelo tiro na altura do bolso esquerdo.

A ESPADA DE NAPOLEÃO

O general francês Napoleão Bonaparte (1769-1821) lutou – e venceu – várias batalhas. No auge de sua campanha militar, chegou a controlar boa parte da Europa continental. Mas a sorte do imperador começou a mudar em 1812, ano do início da malsucedida invasão da Rússia. Em 1814, Napoleão foi forçado a abdicar do trono e passou cerca de dez meses exilado na ilha de Elba, na costa italiana. Mas ele retornou ao poder em 1815 e organizou uma ampla ofensiva contra os países que se opunham ao seu regime: Inglaterra, Rússia, Prússia, Áustria, Suécia, Países Baixos e pequenos estados alemães. Em 15 de junho do mesmo ano, o general invadiu a Bélgica para combater os exércitos inimigos. Os duelos aconteceram a alguns quilômetros da vila de Waterloo, que deu nome à batalha. Mas, em vez de ser o retorno triunfal de Napoleão, a peleja acabou selando seu futuro. No fim do dia 18 de junho, encurralado pelas tropas inimigas, o grande conquistador foi retirado à força do campo de batalha por seus subordinados.

"Com o recuo das tropas, Napoleão fugiu a galope. E os prussianos capturaram sua carruagem com tudo que ela continha", diz Douglas James Allan, presidente da Sociedade Napoleônica da América. Entre os pertences está uma espada forjada em 1809 pelo ourives Martin-Guillaume Biennais, que produzia boa parte das peças cerimoniais de Napoleão. Depois de Waterloo, o general Blücher, que comandava o Exército da Prússia, e o duque de Wellington, britânico que liderava a coalizão dos países que se opunham à França, dividiram o espólio do comandante. Hoje, a espada, com bainha de couro vermelho, empunhadura de ouro e lâmina de aproximadamente 90 centímetros – um exagero para um baixinho como Napoleão »



O espólio do general francês foi dividido entre os vitoriosos de Waterloo

» – está em exposição na Apsley House, em Londres, mansão pertencente à família de Wellington. A peça repousa ao lado da espada do duque vitorioso. Essa os franceses tiveram que engolir.

A GUITARRA DE HENDRIX

Trinta e um de março de 1967. Durante uma apresentação na casa de shows London Astoria, na Inglaterra, o guitarrista Jimi Hendrix (1942-1970) ateou fogo à própria guitarra, uma Fender Stratocaster Sunburst. Provocou delírio da platéia, mas foi parar no hospital com queimaduras nas mãos. Restaurado, o instrumento foi novamente usado por Hendrix durante um show no Miami Pop Festival, nos Estados Unidos, em maio de 1968. Lá, ele repetiu a performance do ano anterior e queimou a guitarra mais uma vez.

A peça, praticamente destruída, foi entregue ao músico Frank Zappa, que a recuperou pela segunda vez. "Recebi a guitarra de um dos *roadies* de Hendrix e a deixei no porão de minha casa por vários anos antes de entregá-la ao fabricante de guitarras Rex Bogue para que ele a restaurasse", disse o músico em entrevista concedida à revista *Guitar Player* em 1977. No depoimento, Zappa resumiu o estado em que o instrumento foi parar em suas mãos: "O braço da guitarra estava quebrado, o corpo estava todo queimado e os capta-

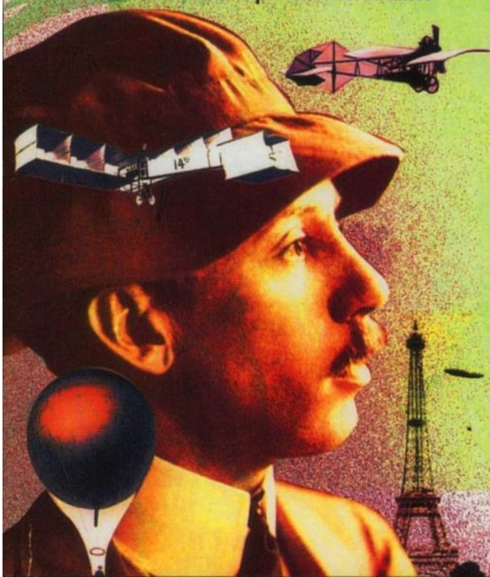


A guitarra foi recuperada duas vezes até ir parar com outro músico

O relógio de Santos Dumont

Ninguém sabe, ninguém viu o objeto feito por Cartier para o pai da aviação

No início do século 20, aviadores de vários países corriam contra o tempo para tirar suas máquinas do chão durante o maior período possível para bater novos recordes. Um desses pioneiros foi, como todos já sabem, o brasileiro Alberto Santos Dumont. Polêmicas com os irmãos Wright à parte, Dumont sentia falta de um instrumento que registrasse com precisão o tempo de suas façanhas aéreas e que pudesse ser consultado rapidamente durante os vôos. Afinal, os relógios de bolso, muito usados na época, não eram nada práticos para os pilotos.
Em 1901, após o vôo histórico sobre Paris em que contornou a Torre Eiffel com seu dirigível, em 8 de agosto, Dumont pediu ao amigo Louis Cartier – sobrenome que deu origem à famosa grife de jóias e relógios – que desenhasse um modelo de pulso especialmente para ele. Um protótipo foi entregue ao brasileiro entre 1904 e 1908 e, três anos depois, o modelo passou a ser vendido para outros clientes. A coleção tinha o nome do homenageado – Santos – e foi relançada em 1978. (Ao contrário do que muitos pensam, a peça de Cartier não foi o primeiro relógio de pulso fabricado. Modelos semelhantes já eram comercializados no fim do século 19 pela empresa suíça Patek Philippe.) Depois da morte do aviador, em 1932, seus objetos foram doados para vários museus. Entre eles estava outro relógio antigo, este de bolso, que foi retirado em 1970 do Museu da Aeronáutica, em São Paulo, por Alberto Villares, sobrinho-neto de Dumont. Ele levou a peça para Paris, onde foi fotografada pela Cartier para o relançamento da marca Santos, e a devolveu ao museu. Na década de 1980, o objeto foi roubado do local, segundo Marcos Villares Filho, sobrinho-bisneto de Dumont. Mas e aquele relógio encomendado a Louis Cartier? Esse está desaparecido. Ninguém – nem a família, nem pesquisadores – sabe o que aconteceu com ele.



O protótipo do relógio de pulso que Cartier desenhou: o objeto mesmo está desaparecido





dores, danificados". Depois da reforma, Zappa usou a guitarra em shows nas décadas de 1970 e 1980 e na gravação do disco *Zoot Allures*, de 1976.

Em 1991, dois anos antes da morte de Zappa, um de seus filhos, Dweezil, encontrou o instrumento despedaçado no estúdio do pai e o recuperou mais uma vez. Em 2002, 11 anos depois de ter reformado a guitarra, Dweezil resolveu leiloá-la, mas os lances ofertados não atingiram o preço mínimo estipulado – cerca de 1,4 milhão de reais, em valores atuais. Quer dizer: a guitarra continua com ele.

Outra Fender Stratocaster foi destruída por Hendrix em junho de 1967, no Festival de Monterey, nos Estados Unidos. Mas a performance foi tão intensa que não sobrou quase nada – um pequeno fragmento pode ser visto no Experience Music Project, espécie de museu de relíquias do rock da cidade americana de Seattle. Em 1987, a imagem do guitarrista ateando fogo ao instrumento foi estampada na capa da revista *Rolling Stone* para celebrar os 20 anos do Festival de Monterey.

A MESA DE EINSTEIN

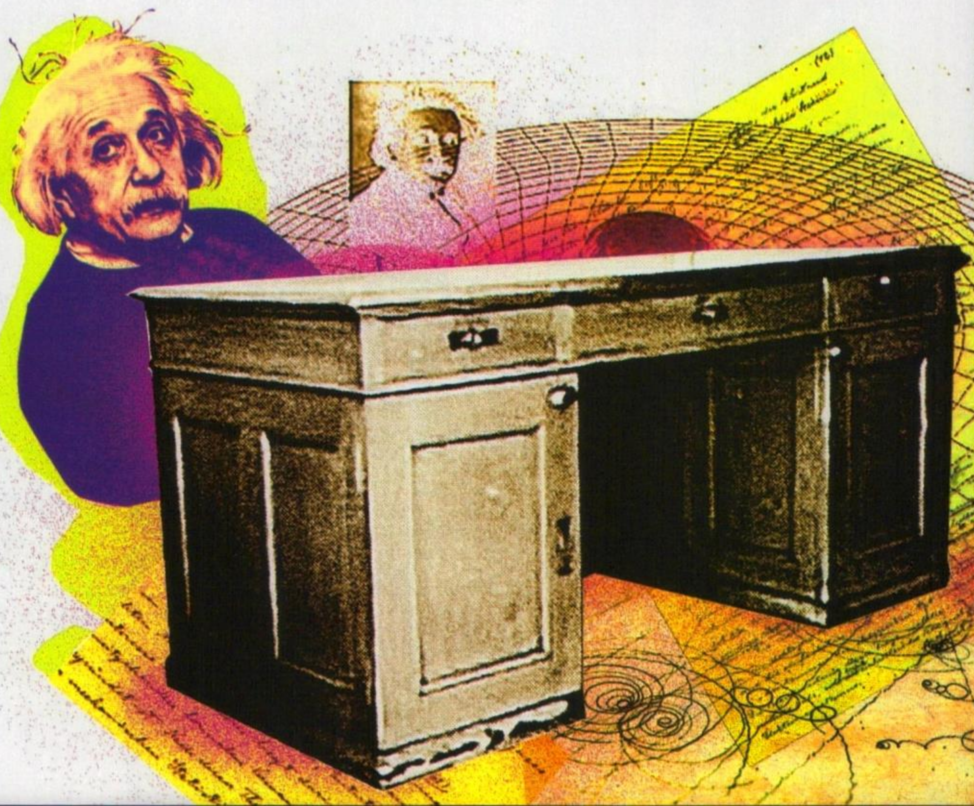
O físico alemão Albert Einstein é lembrado no mundo todo por suas teorias revolucionárias – em especial pela da relatividade. Mas, assim como Freud, teve que deixar sua terra natal depois que os nazistas chegaram o poder. Em 1933, quando Hitler assumiu o posto de chanceler, o pesquisador renunciou à nacionalidade alemã e saiu do país. Pouco depois, aceitou o convite para ser um dos fundadores da escola de matemática do Instituto de Estudos Avançados em Princeton, nos Estados Unidos, cidade em que viveria até sua morte, em 1955. Parte de seus bens foram enviados da Alemanha à nova residência. Um desses objetos era sua mesa de trabalho, uma peça de madeira que, acredita-se, tinha sido construída entre os séculos 17 e 18 na Alemanha ou na Suíça.

Depois da morte do antigo dono, a casa de Princeton e a mobília foram utilizadas por outros pesquisadores. "Em 2004, parte da mobília, incluindo a mesa, foi doada para a Sociedade Histórica de Princeton", diz Christine Ferrara, relações-públicas do Instituto de Estudos Avançados. Ela está em exposição lá até hoje.

Além da mesa que ficava na casa de Einstein, outras duas foram usadas por ele durante sua estadia em território americano. A primeira amparou por pouco tempo os cotovelos do gênio: até 1939, enquanto o prédio principal do Instituto não ficava pronto, Einstein ocupou uma sala da Universidade Princeton. De acordo com o assessor de imprensa de lá, Cass Cliatt, a mesa foi usada até 1999 pelo diretor do departamento de Física e hoje está guardada em um depósito de móveis velhos. A segunda mesa foi usada por Einstein no Instituto até sua morte. Ela permanece na mesma sala até hoje. ■

SAIBA MAIS

MAIS NO SITE — Veja uma lista com os links para os sites dos locais onde cada um dos objetos famosos mencionados nesta matéria se encontra atualmente.



Einstein fez sua mesa de trabalho viajar da Alemanha até os Estados Unidos

PERSONAGENS



Pouca gente sabe, mas boa parte de nossa mania de organização nasceu com Taylor



O SENHOR DO TEMPO

Pioneiro da consultoria empresarial, ele fez a alegria dos patrões e a tristeza dos operários. Depois de Frederick Taylor e seu implacável cronômetro, o mundo nunca mais trabalhou do mesmo jeito

POR CÁSSIO STARLING CARLOS **DESIGN** GLENDA CAPDEVILLE

Não é de hoje que as pessoas se queixam da falta de tempo para executar as tarefas diárias. No trabalho, na escola ou no lazer. No fim do século 19, um homem resolveu parar de reclamar e encarar esse problema crônico. Acabou revolucionando o capitalismo. Até então, a produção não tinha perdido o lado artesanal: na maior parte das indústrias, os operários trabalhavam do modo que achavam melhor. E no ritmo que queriam.

A grande idéia do americano Frederick Winslow Taylor foi usar um pouco de ciência nas fábricas. Ele começou a cronometrar o tempo gasto por trabalhadores em cada uma de suas ações – de martelar um prego a empilhar caixas. Depois de padronizar todos esses movimentos, ele era capaz de prever quanto um bom operário demoraria para terminar seu serviço. Bingo! Nascia um jeito de os empresários controlarem seus empregados, exigindo que eles dessem o máximo de si no dia-a-dia e cumprissem metas realistas – evitando o desperdício de tempo e de matéria-prima.

As inovações criadas por Taylor ajudaram a salvar o capitalismo de uma séria crise. Com a chamada Revolução Industrial, que tinha começado no século 18, fábricas pipocaram e a oferta de produtos manufaturados, como roupas e sapatos, explodiu. Cada mercadoria lançada era uma novidade, e havia um monte de gente afoita para comprar tudo o que aparecia. Por volta de 1880, essa febre de consumo começou a diminuir. Faturando menos, os empresários tiveram que conter os altos custos de produção. O jeito foi tentar fazer os trabalhadores produzirem mais usando os mesmo recursos de sempre.

Foi aí que entrou a ciência de Taylor. Quando seus métodos de planejamento se generalizaram, a partir do início do século 20, o que se viu foi um baita aumento da produtividade. Só entre 1907 e 1915 (ano em que ele morreu), a quantidade produzida por cada trabalhador americano cresceu, em média, 33% ao ano. A diminuição do desperdício de tempo nas empresas garantiu anos de ouro para o capitalismo. Por causa disso, Taylor é considerado o primeiro grande "guru" da administração de empresas.

O problema é que, naquela época, os trabalhadores odiaram as inovações do taylorismo (como ficou conhecida sua doutrina). Afinal, vários deles simplesmente perderam o emprego para seus colegas mais produtivos. Por causa disso, Taylor acabou eternizado como um frio explorador da mão-de-obra. Ele próprio não ajudava muito a desmentir sua fama: uma de suas máximas era a de que, numa empresa, o sistema de produção é mais importante do que as pessoas.

OPERÁRIO PATRÃO

Filho de um rico advogado, Taylor nasceu em 1856, na cidade da Filadélfia, no estado da Pensilvânia. Quando ele era estudante, teve um professor de matemática que, depois de ensinar cada lição, dava exercícios para a turma resolver no tempo restante da aula. O jovem Taylor sempre terminava antes dos colegas. Em »

© MONTAGEM COM FOTOS ROGER VIOLLE, BETTMANN/CORBIS, LUIS CRISPINO E DANIELA TOVIANSKY

» vez de aproveitar para fazer bagunça, ele não se conformava em ficar ocioso. Desde então, Taylor ficou obcecado por comparar o tempo gasto por diferentes indivíduos na execução de uma mesma tarefa.

Após concluir o ensino médio, Taylor pretendia estudar Direito na Universidade Harvard. Mas problemas na visão o impediram de fazê-lo – há quem diga que sua saúde havia ficado debilitada por excesso de estudo noturno. Em 1875, ele começou a trabalhar como aprendiz numa empresa das redondezas que fazia bombas a vapor. O promissor estudante havia virado um simples operário.

Aos 22 anos, Taylor foi contratado pela metalúrgica Midvale Steel Company, na Filadélfia. Começou na linha de produção, mas, dois anos depois, assumiu o cargo de gerente. A rápida ascensão ocorreu graças à sua incomum obsessão por produzir mais e mais. Naquela época, enquanto os patrões tentavam, sem sucesso, diminuir o valor dos salários, os operários procuravam convencer os chefes de que não era possível trabalhar mais rápido.

Não demorou para que Taylor entrasse em conflito com seus subordinados, teimando em exigir deles um esforço acima do habitual. Em 1881, ele realizou seu primeiro "estudo de tempo" (que, no futuro, se tornaria a base de seu método). Taylor observou e cronometrou as atividades dos trabalhadores, iniciando sua busca pelo *one best way* (o "melhor jeito de fazer"), envolvendo desde as ferramentas até o treinamento dos operários. Em 1884, um ano depois de se formar em engenharia, Taylor foi promovido à chefia da Midvale. A partir daí, ele padronizou um jeito e um prazo para cada operário realizar sua função, como o corte de chapas de aço.

Mas o taylorismo não inclui só impor regras e pegar no pé dos trabalhadores. Um dos princípios essenciais de Taylor era recompensar os operários pelo esforço, pagando um bônus aos que conseguissem produzir mais. Outra inovação fundamental, iniciada na Midvale, foi a divisão da fábrica em dois níveis de hierarquia. Planejar, conceber e dirigir a produção ficava nas mãos dos gerentes. Enquanto isso, os operários tinham só que executar tarefas repetitivas, sem pensar ou questionar.

Parece um pouco discriminatório? Sem dúvida. Taylor não tinha pudor em comparar um trabalhador fabril com um reles animal. Segundo escreveu em seu livro *Princípios de Administração Científica*, a qualidade mais esperada de um carregador de peças, por exemplo, era ser "tão estúpido e fleumático que sua constituição mental mais se assemelhe à de um boi do que a qualquer outra coisa".

ATÉ TU, LÊNIN?

Com as mudanças, a Midvale dobrou os níveis de produção. Na onda do sucesso, Taylor pediu demissão e, em 1890, virou o diretor geral da Manufacturing Investment Company, que produzia papel na Filadélfia. Nessa época, começou a visitar empresas, oferecendo-se para ajudá-las a produzir mais e melhor. Taylor se tornou, assim, um pioneiro na profissão de consultor, atendendo desde fábricas até lojas. Para se dedicar apenas a isso, ele se demitiu novamente em 1893.

Cinco anos depois, Taylor foi chamado para trabalhar na metalúrgica da cidade de Bethlehem, na Pensilvânia, que tinha o maior conjunto de máquinas do mundo. Em três anos, graças a métodos e equipamentos criados por ele, a produ-

Mera coincidência?

O célebre Ford nunca admitiu ter se inspirado em Taylor

Em 1903, o industrial americano Henry Ford fundou a Ford Motor Company, na cidade de Detroit. Naquele tempo, o produto que essa empresa fazia, o automóvel, ainda era uma novidade. Cinco anos depois, com o lançamento do modelo Ford T, o sucesso foi tão grande que o jeito tradicional de produzir carros não dava mais conta das encomendas. A solução encontrada por Ford, em 1913, foi implantar linhas de montagem. Em vez de cada um dos trabalhadores, sozinho, fazer um carro do começo ao fim, eles passaram a atuar todos juntos, dividindo as tarefas e passando adiante o veículo em construção. Para que tudo desse certo, era preciso saber precisamente quanto tempo cada operário demorava para fazer sua parte. Ninguém podia se atrasar, senão a linha de montagem ficava parada. Cada carro passou a ficar

Enquanto Taylor foi perseguido, Ford ficou milionário

ção triplicou. E os salários haviam ficado 60% maiores, para a satisfação dos trabalhadores. Dos poucos que tinham sobrado, claro (só no pátio em que vagões de trem eram carregados, Taylor conseguiu fazer com que 140 homens executassem tarefas que antes exigiam 500 operários).

O caso de Bethlehem tornou Taylor famoso nos Estados Unidos. Mas, por ter sido tão bem sucedido na fábrica, Taylor acabou causando prejuízo em outro setor da empresa: o que alugava casas e tinha como principais clientes os trabalhadores – que estavam sendo demitidos um atrás do outro e deixando as residências vazias. Ele acabou saindo da firma em 1901.

Taylor jamais voltaria a ter um emprego convencional. Empenhado em divulgar suas idéias, o consultor viajava dando palestras, conquistando cada vez mais adeptos. Em 1908, quando Harvard criou um dos primeiros cursos de Administração de Empresas, baseou parte do currículo no taylorismo. Quando seus métodos chegaram às fábricas de armas, aconteceu o de sempre: os trabalhadores se revoltaram. Mas eles acabaram organizando greves e – como armas sempre foram prioridade nos Estados Unidos – a confusão atraiu a atenção do Congresso. Em 1912, Taylor foi convocado a ir diversas vezes para Washington e explicar seu sistema de gestão a um comitê de deputados.

As idas à capital tornaram Taylor ainda mais famoso, mas o deixaram exausto. Em 1915, ele pegou uma pneumonia. Ao comemorar 59 anos, em 20 de março, estava numa cama de hospital. Morreu na madrugada do dia seguinte, momentos após dar corda no seu cronômetro de estimação. Deixou uma viúva, três filhos adotivos e princípios que seguiram sendo aplicados ao redor do mundo.

Desde a morte de Taylor, seus críticos têm sido mais barulhentos que seus defensores. "Os contramestres egípcios tinham chicotes para levar os operários a produzirem. Taylor substituiu o chicote pelos escritórios e pelos laboratórios, com a cobertura da ciência", escreveu a filósofa Simone Weil no livro *A Condição Operária e Outros Estudos sobre a Opressão*. Mas o taylorismo se tornou tão influente que foi usado até pelos inimigos do capitalismo. Em 1918, um ano depois da Revolução Russa, Lênin falou sobre o assunto no jornal *Pravda*. Disse que Taylor combinava "crueldade" com "valiosas conquistas científicas". E concluiu: "Devemos introduzir na Rússia o estudo e o ensino do sistema de Taylor" – o que acabou ocorrendo.

Hoje é possível encontrar aspectos do taylorismo em qualquer grupo que trabalhe junto – seja numa fábrica, seja num hospital. E seu impacto não se reduz ao mundo empresarial. "Em múltiplos campos da sociedade, no esporte ou no trabalho doméstico, procura-se obter o máximo rendimento do tempo, não raro obedecendo-se às bulas e guias 'científicos' de racionalização do agir, do sentir e do pensar", diz a historiadora Luzia Margareth Rago em *O que É Taylorismo*. Assim, Taylor acabou tornando concreto o provérbio forjado pelo estadista americano Benjamin Franklin no século 18: "Tempo é dinheiro". ■

SAIBA MAIS

LIVRO
***O que É Taylorismo*, Luzia Margareth Rago e Eduardo F. P. Moreira, Brasiliense, 1984**
Explica a origem do taylorismo, as reações dos trabalhadores contra ele e como Taylor foi usado até por comunistas.

MAIS NO SITE
Saiba o que é o toyotismo, método japonês criado na década de 1950 que quebrou a rigidez do taylorismo e deixou a produção ainda mais eficiente.

pronto em 93 minutos, cerca de oito vezes mais rápido que antes. Esse modelo de cadeia produtiva, que logo ganhou o mundo, passou a ser chamado de fordismo – e Ford, até hoje, é celebrado como um dos maiores gênios da indústria. Mas até que ponto ele foi influenciado por Taylor e sua obsessão pelo cronômetro? Antes de ser usada na Ford, a linha de montagem já existia em algumas empresas americanas, incluindo o setor de armas de fogo, que tinha sido alvo das inovações tayloristas. E, em 1911, Taylor já tinha sistematizado suas idéias no livro *Princípios de Administração Científica* – dois anos antes, portanto, de carros começarem a ser feitos em linhas de montagem. Sempre que pôde, contudo, Ford negou ter tido acesso às idéias de Taylor. Ele dizia que não gostava de ler livros.



Em 1913, um Ford é feito numa das primeiras linhas de montagem

©2

GANGUES DO RIO

No início do século 19, grupos de capoeiristas usavam as ruas cariocas para exibir suas habilidades e resolver as diferenças. Enquanto a polícia reprimia os lutadores, a elite temia uma revolta dos escravos

POR ANTONIO NETO **DESIGN** FABIO OTUBO **ILUSTRAÇÕES** JAYME LEÃO

O escravo Felipe Angola caminhava sozinho pelas vielas do Rio de Janeiro. Naquele 10 de setembro de 1810, estava longe dos olhos do seu senhor, o comerciante Francisco José Alves, mas era observado de perto. De repente, foi surpreendido por uma patrulha da Guarda Real. Emboscado, tentou uma manobra que dominava: atacou os guardas com um movimento de pernas. Sua habilidade e força não bastaram para conter os três policiais, que o levaram preso. Felipe se tornou o primeiro escravo a ir para trás das grades no Rio de Janeiro por ser capoeirista. A arte marcial (ainda) não era um crime. Só o suficiente para transformar seus adeptos em criminosos em potencial, para uma polícia que agia à revelia da lei.

Praticada por negros de diversas origens africanas, a capoeira não era proibida no início do século 19. A elite carioca, entretanto, se sentia ameaçada pela presença marcante dos capoeiristas (ou "capoeiras") nas ruas. Enquanto as gangues de lutadores usavam sua arte marcial para disputar território e se defender da polícia, os brancos assistiam a essa agitação temendo que os escravos resolvessem se rebelar para valer. Esse medo tinha sido potencializado pelas notícias da revolta ocorrida no Haiti em 1791. Na ilha caribenha, os escravos tinham abandonado as plantações de cana, destruído engenhos e massacrado proprietários de terra e colonizadores franceses.

Entre os cariocas, a proporção de escravos não parava de aumentar. Em 1808, quando a família real portuguesa chegou ao Rio fugindo dos exércitos de Napoleão, houve uma explosão demográfica na cidade. Os mais de 15 mil portugueses que deixaram Lisboa para acompanhar o rei dom João VI fizeram crescer a demanda por cativos. Em 1821, os escravos eram 46 mil, metade da população do Rio.

Nas freguesias onde viviam, muitas vezes isoladas pela geografia carioca, os capoeiras passaram a se reunir em "maltas". Essas gangues, formadas por negros africanos e brasileiros, escravos e alforriados, quando se encontravam lutavam até sangrar. "As maltas viviam uma rivalidade crônica, o que era esperado em uma sociedade regida pela violência, e não pela harmonia entre as raças", diz o historiador Carlos Eugênio Líbano Soares, autor de *A Capoeira Escrava e Outras Tradições Rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Graças aos arquivos policiais que documentavam as prisões dos capoeiras, historiadores como Soares reconstituíram o que ocorria nas ruas daquela época.

Os registros da polícia também ajudaram a entender o nascimento da arte marcial. Como a maioria dos escravos brasileiros ficava na zona rural, durante muito tempo chegou-se a acreditar que a capoeira teria nascido em senzalas ou quilombos. "A capoeira aparece nos documentos do século 19 como hegemonicamente urbana", afirma Soares, que considera o Rio como um dos berços da luta, no século 17. Nos documentos históricos em que Soares fez sua pesquisa, há apenas »

Em março de 183[illegible], o confronto entre negros e portugueses espalhou tensão pelo Rio



Ginga secular

Os movimentos descritos nos arquivos policiais do Império se parecem com os golpes de hoje



CABEÇADA
Como o próprio nome diz, trata-se de uma cabeçada aplicada contra o peito ou o queixo do oponente, aproveitando um momento de vacilo

"Crispim Quissamã e José Benguela foram encontrados a jogar as cabeçadas e castigados com 300 açoites e três meses de prisão." (25 de agosto de 1819)

um caso em que a palavra "capoeira" é mencionada sem se referir à luta. Esse era o nome de um tipo de cesto de palha usado pelos escravos para carregar mercadorias na zona portuária do Rio. Esses estivadores negros foram os primeiros a exibir as técnicas da arte marcial, competindo entre si nas praias para ver quem era o mais hábil. O nome "capoeira" teria passado dos cestos para os escravos e para seus movimentos de ataque e defesa.

Quando saiu das praias, a capoeira deixou de ser apenas diversão e passou a arma de combate. As disputas se espalharam pelas ruas que hoje formam o centro histórico da cidade. Os escravos eram obrigados a cruzar a cidade para realizar suas tarefas diárias, e as brigas entre os capoeiras costumavam ocorrer quando rivais se encontravam ao longo do caminho.

A maioria dos escravos urbanos tinha como rotina fazer compras em armazéns e quitandas, livrar-se do lixo e, principalmente, trazer água limpa para uso doméstico. "Não havia água encanada e era preciso buscá-la todos os dias. Assim, para manter seu domínio informal, escravos de uma determinada área tendiam a repelir cativos de outros lugares", diz Soares. As fontes da cidade estavam sempre rodeadas de gente. O maior reservatório público ficava no largo da Carioca. Seu chafariz, construído em 1723 (e demolido em 1925), assistiu a exibições dos capoeiras.

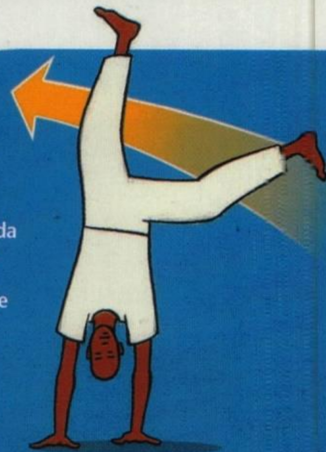
A ausência de leis que proibissem a capoeira não impediu que os castigos contra seus praticantes se tornassem cada vez mais severos, principalmente após a chegada da família real portuguesa. Para as autoridades, qualquer manifestação cultural dos negros passou a ser malvista. A capoeira era alvo das patrulhas mesmo quando não provocava desordem. Em 31 de maio de 1815, por exemplo, dez escravos de uma mesma malta foram presos pela Guarda Real sob a alegação de que estavam praticando "capoeiragem".

CHIBATADAS E SERVIDÃO

A prisão foi apenas a primeira punição para os capoeiras. Mas ela passou a ser acrescida de castigos corporais. Um edital oficial de 6 de dezembro de 1817 estabeleceu a pena de 300 chibatadas aos praticantes da arte presos em flagrante. Em abril de 1821, o intendente geral de polícia, Paulo Fernandes Viana, recomendou ao governo que as festas de negros (palco de prática de capoeira) fossem banidas.

No Brasil de dom Pedro I, os capoeiras detidos pela polícia do Rio de Janeiro ganharam um destino certo: os trabalhos forçados, que haviam se tornado comuns no fim da colônia, combinados às chibatadas. Em agosto de 1824, começou a ser erguido um dique para o conserto de grandes navios na ilha das Cobras, próxima à orla carioca (a construção só ficaria pronta em 1861). A necessidade de mão-de-obra fez com que muitos dos capoeiras presos no Arsenal da Marinha (então a maior casa de detenção do Rio) fossem obrigados a trabalhar lá. Seus senhores ficavam indignados. Não necessariamente por razões humanitárias – os cativos eram vistos como propriedades caras que não deviam se desgastar trabalhando de graça para o Estado.

O africano Francisco Congo foi um dos que receberam a pena de três meses de trabalhos forçados no dique da ilha das Cobras. Às 5 da tarde de 29 de setembro de 1824, ele foi preso com outros três escravos por praticar capoeira no cruzamento das ruas do Sabão e da Vala (atual rua Uruguaiana, no centro do Rio). O senhor de Francisco, Domingos José Fontes, apelou ao imperador para que tivesse seu escravo devolvido. Alegou que o cativo lhe servia há mais de dez anos. Ao pedido escrito, Fontes anexou uma certidão médica dizendo que Francisco não podia com trabalhos pesados. Lamentou em vão a falta do escravo, que seguiu à disposição do Arsenal da Marinha e ainda recebeu 200



AÚ
Movimento de entrada na roda de capoeira, que também pode ser usado como golpe ofensivo. O jogador leva as duas mãos ao chão e estica as pernas para o alto

"José Moçambique fugiu da Ucharia Real, onde estava preso em correção, e foi apanhado na rua de São Pedro, em gestos de capoeiragem, jogando pernas para o ar para se defender." (31 de janeiro de 1820)



O enorme chafariz do largo da Carioca era um dos pontos de encontro preferidos dos capoeiristas

açoites, conforme estipulado por uma nova lei daquele ano.

Em poucos anos de Império, a arbitrariedade na aplicação das penas aos capoeiras parecia sem limite. O forro Manoel Crioulo, por exempo, foi sentenciado a dois anos de trabalhos em obras públicas e mandado ao Arsenal da Marinha em 14 de maio de 1827, por ter dado "uma bofetada de mão aberta". Mas, mesmo sendo considerados marginais e desordeiros pelo Estado, os capoeiras acabaram sendo solicitados para, quem diria, manter a ordem. Em junho de 1828, as tropas estrangeiras do Exército Imperial, formadas principalmente por irlandeses e alemães, ameaçaram um levante militar por conta do atraso no pagamento de seus soldos. Armados, com o apoio das autoridades, escravos e capoeiras formaram milícias e conseguiram conter a agitação dos mercenários amotinados. Foi uma demonstração de poder e tanto.

GUERRA NAS RUAS

O ano de 1831 foi marcado pela oposição dos liberais ao reinado de dom Pedro I. Eles acusavam o imperador de discriminar os brasileiros e cometer abusos. Em contrapartida, portugueses defendiam a manutenção do monarca e de antigos privilégios. Os ânimos andavam exaltados.

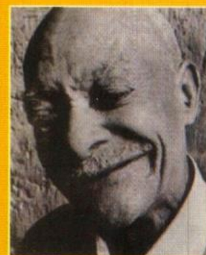
Em 11 de março os portugueses enfeitaram janelas e sacadas de suas casas e comércios na região da Candelária. Saudavam o imperador, que chegava de uma viagem a Minas Gerais. Quando passeava pela rua da Quitanda, o sapateiro negro José Antônio foi insultado por um grupo de lusos. Eles exigiam que ele e suas duas acompanhantes tirassem do braço os laços que ostentavam, com as cores da pátria »

Uma arte, dois mestres

Legalizada por Getúlio Vargas, a capoeira ganhou o mundo

Proibida logo no começo da República, a capoeira continuou, por muito tempo, vista como hábito de delinqüente. Sua prática só deixou de ser crime em 1937, na onda nacionalista do Estado Novo de Getúlio Vargas. Foi nesse mesmo ano, em Salvador, que a academia de Manuel dos Reis Machado, o mestre Bimba, recebeu licença para funcionar (antes disso, existira ilegalmente por cinco anos). Bimba, que viveu entre 1900 e 1974, foi o primeiro a criar um projeto esportivo e pedagógico para o jogo, com 52 golpes e contragolpes. O resultado foi a capoeira regional, cujos movimentos privilegiam o ataque e buscam atingir o tronco do adversário para derrubá-lo. A outra vertente de capoeira praticada hoje foi criada por Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha, nascido em 1889. Defensor das tradições escravas, ele manteve características lúdicas na sua técnica, chamada de capoeira angola. Na academia de Pastinha, aberta em 1935 (dois anos antes de sua morte), os alunos aprendiam um jogo com bastante dança,


A capoeira regional, criada por mestre Bimba, privilegia as ações de ataque


O mestre Pastinha foi o pai da capoeira angola, que preserva movimentos lúdicos



MEIA-LUA DE COMPASSO
Agachado sobre uma das pernas, com ao menos uma das mãos apoiadas no chão, o jogador faz um movimento de rotação e ataca com o calcanhar

"O escravo Antônio Mina tentou matar seu senhor com golpes de compasso e depois tentou fugir, sendo perseguido pelos outros escravos." (31 de julho de 1839)

» brasileira. Os três se recusaram e se queixaram à polícia sobre a agressão. A partir daquele momento, o acirramento entre portugueses e brasileiros entrou numa escalada sem volta.

Durante o dia 13, enquanto militares se insurgiam contra o "imperador tirânico", um grupo de negros armados de paus ocupou as ruas ao redor do largo da Carioca bradando "constituição" e "independência". Os monarquistas saíram a campo com o apoio de marinheiros e caixeiros portugueses. Xingamentos deram lugar a pedras, cacos e garrafas. Capoeiras distribuíam golpes certeiros enquanto os brancos se defendiam como podiam. Foram feitos disparos de pistolas e pelo menos dois negros caíram mortos. A multidão se dispersou, temporariamente.

O temporal que caiu sobre a cidade naquela noite acalmou os ânimos, mas os conflitos seguiram. Já era madrugada do dia 15 quando uma patrulha da polícia evitou que mais de mil homens armados se digladiassem em pleno Paço Imperial. A sorte de dom Pedro, contudo, foi selada por esses episódios, conhecidos como "as noites das garrafadas". A elite brasileira e o Exército seguiram pressionando por mudanças no regime, até que, em 7 de abril de 1831, o monarca abriu mão do trono em favor do filho de 5 anos. Como o menino era jovem demais, os liberais assumiram o governo, no período chamado Regência.

Nos anos 1830, a desunião das gangues de lutadores facilitou a repressão feita pela polícia carioca

O apoio dado pelos capoeiras à queda do imperador, entretanto, não garantiu a eles nenhum privilégio. Pelo contrário: o sucesso de sua atuação nos conflitos de rua acabou sendo interpretado pela elite como uma ameaça. Afinal, se voltassem a agir juntas, as gangues de escravos do Rio representariam um sério perigo para os senhores. Dessa forma, os primeiros anos do período regencial foram marcados pela expectativa de um levante da chamada "gente preta".

O temor acabou se traduzindo em repressão. Mas a Polícia da Corte não fez uso só da força. Com táticas de espionagem e delação, ela sufocou uma a uma todas as agitações promovidas sob a liderança dos capoeiras. A pior ocorreu em1835, com a repercussão da Revolta dos Malês, iniciada em 25 de janeiro, em Salvador. Contida na Bahia em dois dias, a insurreição acabou não chegando ao Rio. Os poucos negros que tentaram insuflá-la foram detidos. Nos anos posteriores, as gangues não conseguiram atuar de forma coesa. Isoladas, eram presas fáceis para as autoridades e não tinham força para articular um movimento que exigisse direitos e liberdade. "Os cativos não representavam um grupo social coeso. A população escrava brasileira era fragmentada", afirma o historiador Soares. "Se aqui tivesse havido uma suposta unidade racial, pensamento só vigorante a partir do fim do século 19, a escravidão teria sido eliminada em dias, como ocorreu no Haiti."

Nem mesmo a abolição da escravidão e a proclamação da República serviram para acabar com a repressão contra os capoeiras. Em 11 de outubro de 1890, foi promulgado o código penal do novo regime. Em seu artigo 402, ficou estabelecida uma pena de dois a seis meses de prisão para quem praticasse a arte marcial nas ruas. Para os chefes das maltas, essa punição seria aplicada em dobro, enquanto os reincidentes poderiam ficar presos por até três anos. A capoeira, finalmente, havia se tornado crime, para o alívio da elite que vivera amedrontada por quase um século. ■

**centrado na ginga das pernas e na defesa, com golpes dados para tentar apenas desequilibrar o oponente.
O curioso é que a imagem dessa arte tão brasileira começou a melhorar graças a um espanhol. Radicado no Rio, o arquiteto e engenheiro Adolfo Morales de los Rios Filho publicou uma série de artigos sobre o tema no jornal *Rio Sportivo* em agosto de 1926. Segundo ele, a capoeira deveria ser vista como um tipo de defesa pessoal "tão poderoso quanto o boxe britânico e norte-americano, a savate francesa e parisiense, o jiu-jítsu japonês e a clássica luta romana". Dito e feito. Hoje a capoeira é ensinada em diversos países. Até mesmo Hollywood se rendeu a ela, que chegou a tomar o lugar do caratê e do kung fu em alguns filmes dos anos 1990. A partir daí, sua prática acabou sendo adotada por estrelas de cinema como Halle Berry e Charlize Theron (o interesse começou quando elas treinavam para os filmes de ação *Mulher Gato* e *Aeon Flux*, respectivamente).**

SAIBA MAIS

LIVRO
***A Capoeira Escrava e Outras Tradições Rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*, Carlos Eugênio Líbano Soares, Unicamp, 2001**
Registro fiel da vida escrava no Rio de Janeiro na primeira metade do século 18, descreve como os negros forjaram a capoeira como jogo e como arma no Brasil.

MAIS NO SITE
Escute trechos e confira as letras de alguns cantos tradicionais da capoeira regional e da capoeira angola. Veja ainda um mapa indicando o Largo da Carioca, no Rio.

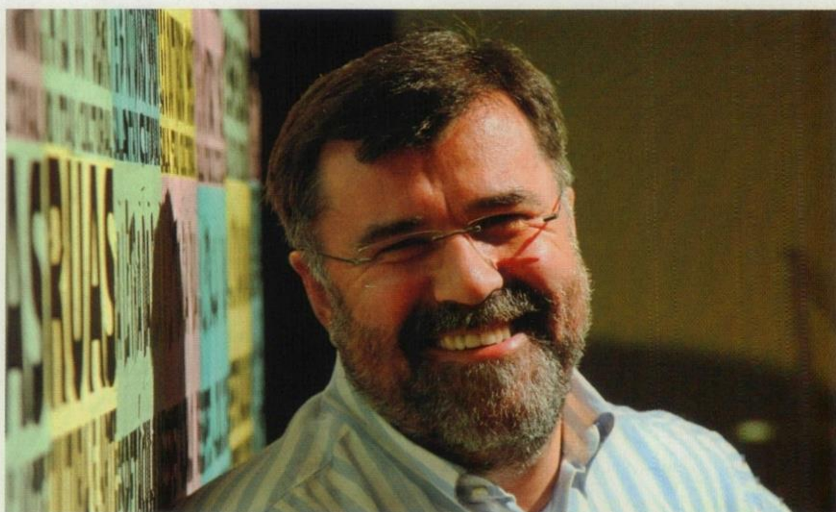
NAS ONDAS DA RESISTÊNCIA

Em vez de armas, eles usaram rock e bom humor. À frente da rádio B92, o sérvio Veran Matic e sua equipe ajudaram a derrubar a ditadura do sanguinário Slobodan Milosevic na Iugoslávia

POR MARIANA DELLA BARBA **DESIGN** BERNARDO BORGES

O jornalista Veran Matic, 44 anos, diretor da rádio B92, sempre sonhara em noticiar a queda do ditador sérvio Slobodan Milosevic. Quando chegou a hora, em 5 de outubro de 2000, a emissora estava, havia meses, fechada pelo regime. Mas, naquele dia, Matic e sua equipe conseguiram, ilegalmente, botar a B92 de novo no ar. A data marcou também a estréia da TV B92, que fez as primeiras imagens do fim do governo de Milosevic na Iugoslávia (país então formado por Sérvia e Montenegro). Meio milhão de manifestantes tomou as ruas da capital, Belgrado, celebrando a derrota do ditador na eleição para presidente. Nunca mais calaram a B92.

Conhecido como "açougueiro dos Bálcãs", Milosevic assumira o poder em 1989, ano da queda do Muro de Berlim e do declínio do comunismo no Leste Europeu. Mas ele não entrou na onda da democratização. Quando a Croácia e a Bósnia se separaram da Iugoslávia, em 1991 e 1992, o ditador apoiou a revolta de milícias sérvias que viviam nessas regiões. Os sangrentos combates e massacres só terminaram em 1995. Quatro anos depois, sob pretexto de conter uma revolta na província sérvia do Kosovo, ele promoveu um genocídio que matou milhares de pessoas de origem albanesa.



©1

Veran Matic dirige a B92 desde que ela foi fundada, em 1989. Hoje ele tem motivos para sorrir

Em 2001, o derrotado Milosevic foi preso e levado a julgamento na Corte Internacional de Justiça em Haia, na Holanda, onde morreu em 2006. E Veran Matic pôde noticiar tudo isso à vontade. Nascido numa aldeia perto de Belgrado, ele comanda a B92 desde a fundação, em 1989. Durante a ditadura, mesmo perseguido, Matic fez de tudo para manter o ânimo dos sérvios. Em vez de batidas canções tradicionais, a B92 trazia o melhor do rock. Em vez de se submeter ao governo, ela satirizava Milosevic. E os protestos organizados pela rádio ajudaram a minar o regime. Em visita a São Paulo, no fim do ano passado, Matic conversou com HISTÓRIA sobre os anos de resistência (como ele preferiu falar em sérvio, contamos com um intérprete).

HISTÓRIA – Em 1990, quando a B92 tinha apenas um ano, Slobodan Milosevic fraudou as eleições para continuar no poder. Como vocês faziam para não sucumbir ao pessimismo?

VERAN MATIC – Nós criamos uma espécie de mundo paralelo. Só assim conseguíamos manter a mente sã e combater a pressão, a miséria, a desilusão, o isolamento. E tínhamos a rádio para nos expressar.

Você nunca pensou em sair de Belgrado e ir, por exemplo, para alguma capital da Europa ocidental, como mais de 400 mil sérvios fizeram?

O mais triste é que a maioria dessas pessoas eram jovens com potencial, que simplesmente não tinham o que fazer em Belgrado. E mais triste ainda é pensar que muitos jamais voltaram ou voltarão. Mas eu jamais pensei em deixar a Sérvia! Para mim, seria uma perda muito grande, seria como esquecer o que foi e é a minha vida.

Mas, com a grande importância que a rádio alcançou, você chegou a correr o risco de ser preso e até desaparecer nas mãos da polícia de Milosevic?

Sim, é verdade. Mas nem quando minha vida estava em perigo pensei em deixar o país. Apenas saí da Sérvia por dois meses, no auge da guerra, em 1999. Mas fiquei em Montenegro, que, na época, ainda era o mesmo país.

Como era a repressão à imprensa? No começo, a rádio teve uma certa liberdade, mas depois Milosevic foi acabando com ela...



©2

Em março de 1991, enquanto manifestantes eram reprimidos nas ruas, Milosevic tirou a B92 do ar pela primeira vez

Era muito complicado. Milosevic fazia da nossa vida um inferno. Nos primeiros oito anos, trabalhamos quase como ilegais. Não havia meio de conseguirmos uma autorização formal para funcionar, e esse era um dos argumentos que ele usava para ameaçar fechar a rádio. Era uma batalha constante entre nós e o regime.

A B92 chegou a ser tirada do ar várias vezes, certo? Qual foi a primeira?

> “Em 1991, nós mesmos resolvemos parar de transmitir para ver a reação do povo. Jovens protestaram nas ruas e quebraram seus rádios”

Foi em março de 1991, depois que fizemos uma manifestação pela liberdade de imprensa que reuniu 40 mil pessoas. Houve diversos momentos extremos, em que Milosevic mandou sua polícia ir até a rádio para fechá-la. Nessas horas, a ajuda dos ouvintes era fundamental. Os jovens da Sérvia estavam de certa maneira ligados uns aos outros pela rádio. Era como uma grande família. Eles nos apoiavam, nos incentivavam. Só assim a B92 sobreviveu.

Como os ouvintes ajudavam? O que acontecia quando a rádio saía do ar?

Havia protestos. Um bom exemplo do quanto a rádio significava para as pessoas aconteceu em 1991, pouco depois de Croácia e Eslovênia declararem independência da Iugoslávia. Fizemos um teste: nós mesmos fechamos a B92. A idéia era ver qual seria a reação do povo e passar uma mensagem para o regime. Foi uma confusão. Jovens saíram às ruas para protestar, quebravam seus rádios. Foi um claro sinal para Milosevic do que ocorreria se o governo fechasse a B92 de vez.

Como a música ajudava a B92 a driblar a censura de Milosevic? »

© 1 GABRIEL BOIERAS 2 SIPA PRESS

» Era algo quase natural. Certa vez o regime não fechou a rádio, apenas colocou a polícia lá dentro. Eles permitiram que a gente transmitisse apenas o programa oficial do governo. É óbvio que recusamos. Então, depois de muitas negociações, eles liberaram apenas a transmissão de músicas, sem comentários de locutores. Nossos DJs imediatamente assumiram o comando e começaram, espontaneamente, a tocar músicas com mensagens de luta, de protesto, de incentivo, como "Nothing Can Stop Us" (da banda inglesa Saint Etienne, cujo título significa "Nada Pode nos Deter") ou "Movin' On Up" (algo como "Me Levantando", do grupo escocês Primal Scream). Como as canções eram todas em inglês, a censura não entendia. Entretanto, os jovens captaram a mensagem e saíram para protestar. Com a pressão que fizeram, Milosevic acabou liberando a rádio em menos de 24 horas.

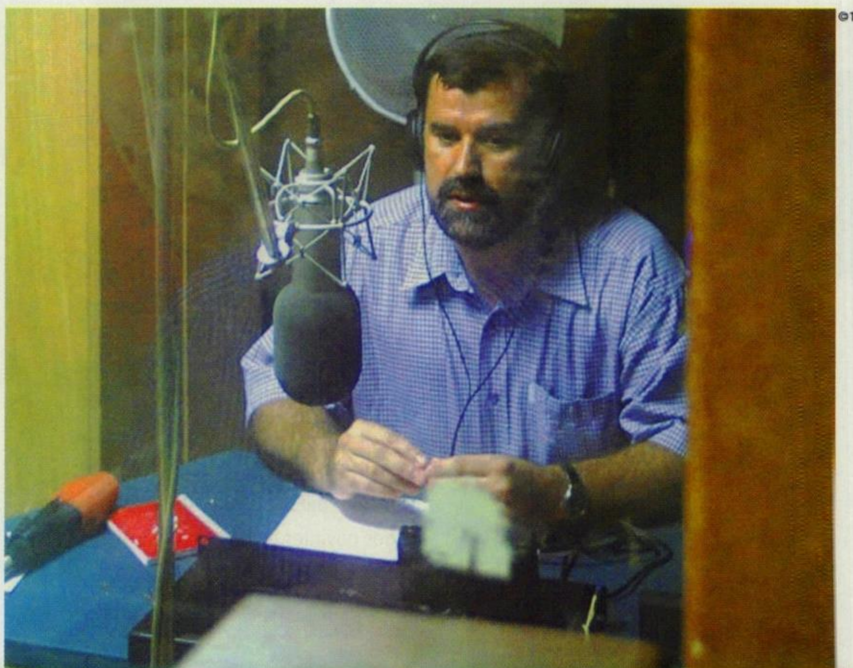
> "Com a polícia dentro da rádio, nossos DJs começaram a tocar músicas de protesto. Como as letras eram em inglês, a censura não entendia"

Como eram os protestos organizados com a ajuda da rádio?
Variavam bastante. A única coisa que não faltava era a música. Funcionava como uma defesa contra o desânimo. Transformávamos os protestos em shows para não ficar algo pesado, para que todos liberassem o medo, o estresse. E, claro, o regime não aceitava o rock, era algo muito progressista para eles. Nós éramos a única emissora que tocava rock, que quase foi extinto na Sérvia.

Além de falar diretamente com os jovens, a B92 também lutava contra medidas que afetavam a população em geral, como no protesto contra o aumento de preços de produtos para bebês, em 1992. Como foi?
Convocamos as mães de toda Belgrado a levar seus filhos para a frente da casa de Milosevic. Centenas de bebês choravam ao mesmo tempo. Foi incrível. A gente sempre usava muita descontração e bom humor. Era um tipo de tática útil porque batia de frente com a sisudez do regime. A força de Milosevic podia vencer qualquer um, mas seu regime não sabia lidar com o humor.

O humor, aliás, era uma das características marcantes da B92. Como vocês faziam para ridicularizar o regime?
Os programas eram uma provocação só, não perdoávamos nada. Em 1994, por exemplo, resolvemos comemorar o aniversário de Milosevic no ar. Abrimos as linhas telefônicas da rádio para o público cumprimentá-lo. O país inteiro ligou. Alguns o xingaram, mas a maioria das pessoas dizia coisas engraçadas. E o regime não podia fazer nada. Afinal, estávamos celebrando o aniversário do presidente!

A partir da guerra na Bósnia, em 1992, qual foi o pior momento que a população de Belgrado viveu? Foi em 1999, com os bombardeios feitos por causa do massacre no Kosovo?
Acho que os bombardeios foram mesmo o fundo do poço. Ninguém acreditava que a Otan *[a aliança militar ocidental, encabeçada pelos Estados Unidos]* realmente iria bombardear nossa cidade. Era uma guerra invisível. Os aviões voavam muito alto, não os víamos. Eu morava em frente à TV do governo, que era um alvo certo. Pensei em me mudar, mas não sabia para onde, já que não sabíamos qual seria o próximo alvo. Não era justo, porque não havia um inimigo visível a ser combatido. Teoricamente, as bombas eram inteligentes, deveriam atingir só lugares estratégicos, do governo. Mas freqüentemente elas caíam em prédios civis. Certa vez, uma delas acertou uma fila de refugiados albaneses.



©1

Durante os bombardeios a Belgrado feitos por forças ocidentais, em 1999, Matic teve que trabalhar escondido

©2



Sobrevivente de massacre na Bósnia assiste ao julgamento de Milosevic, transmitido pela B92 via rádio e televisão

Um horror! Nunca me esquecerei do barulho desses mísseis teleguiados. Foram três meses de desespero. A B92, claro, foi fechada novamente pelo regime, que endurecera ainda mais. O dono de um jornal oposicionista foi assassinado. O medo era constante.

E você também foi perseguido?

Fui. Eu me mudei para um apartamento escondido, do qual quase ninguém sabia o endereço. E foi nessa época que a internet e as novas tecnologias foram fundamentais não só para a sobrevivência da rádio, mas para a minha também.

Por quê?

Elas nos davam segurança. Nesse apartamento secreto, eu tinha uma conexão de internet normal e outra via rádio, com uma antena ilegal. Sabia que, se algo acontecesse, eu conseguiria avisar alguém do outro lado da tela. Nessa época, tínhamos um outro apartamento, vazio, só com um computador. Era de lá que fazíamos a transmissão da B92. Os repórteres e DJs ficavam em suas casas, mandavando os programas via internet para esse computador. De lá enviávamos o sinal para fora do país. Emissoras internacionais, como a inglesa BBC, nos emprestavam satélites para retransmitir nossos programas de volta à Sérvia. Tínhamos muito medo que Milosevic fechasse o país. A internet nos afastava dessa idéia e permitia que o mundo ficasse mais a par do que estava acontecendo lá.

Então a B92 também tocava no exterior?

Sim. Quando começamos essas transmissões internacionais, correu o mundo a notícia de que uma rádio independente de Belgrado estava chegando a 100 mil ouvintes e convocando manifestações gigantescas contra Milosevic. Nos Estados Unidos, saímos até no *The New York Times*, no *The Washington Post*... E assim o mundo ficou mais atento e fez mais pressão pela queda do regime.

Em março, qual foi sua reação ao saber que Milosevic morreu enquanto era julgado por seus crimes de guerra?

A B92 era a única que transmitia o julgamento na íntegra, ao vivo. Era importantíssimo dar aos sérvios a chance de acompanhar o processo, o depoimento das testemunhas e dos sobreviventes de seus massacres, para que eles pudessem acreditar que Milosevic seria condenado. Mas, quando fiquei sabendo que ele tinha morrido na prisão, fiquei decepcionado. Senti que meu trabalho não estava completo, já que o julgamento nunca chegou ao fim.

Como estão hoje as pessoas que colaboraram com o regime de Milosevic?

Infelizmente, o Exército e a polícia secreta não sofreram nenhuma transformação desde a mudança do governo. Muitos dos ex-soldados e aliados de Milosevic não apenas continuam soltos como estão em cargos públicos. É preciso acabar com essa herança da era Milosevic, em que criminosos faziam parte da polícia. Até hoje, é difícil reconhecer quem é do crime organizado e quem é policial! Enquanto isso não mudar, não vamos progredir. ■

> "Quando soube que Milosevic tinha morrido na prisão, enquanto era julgado, fiquei decepcionado. Foi como se meu trabalho não tivesse terminado"

SAIBA MAIS

LIVRO
***Rádio Guerrilha: Rock e Resistência em Belgrado*, Matthew Collin, Barracuda, 2006**
Com muitas entrevistas e uma extensa pesquisa histórica, o jornalista inglês reconstitui a história da B92, intrinsecamente ligada às da própria Sérvia e da Iugoslávia.

SITE
www.b92.net/eng
Versão em inglês do site da rádio, traz principalmente notícias sobre a Sérvia (de política a diplomacia, passando por esportes). Tem artigos sobre Kosovo e os anos de guerra.

MAIS NO SITE
Saiba como Veran Matic e um grupo de jovens fundaram a B92, usando uma festa comunista como desculpa. E ouça trechos da entrevista (em inglês e sérvio).

OBRA-PRIMA

AS LIÇÕES DO PELOPONESO

A disputa entre Atenas e Esparta, no século 5 a.C., foi muito parecida com as décadas de tensão da Guerra Fria. A diferença é que as duas potências gregas não ficaram só nas ameaças

POR FABIANO ONÇA **DESIGN** MICHELE KANASHIRO **ILUSTRAÇÕES** SATTU



"Hesitação prudente passou a ser covardia; moderação tornou-se sinônimo de falta de hombridade. A sociedade ficou cindida em dois campos, nos quais homem nenhum confiava em um amigo." Essas palavras horrorizadas foram escritas pelo grego Tucídides, que acompanhou a Guerra do Peloponeso, travada entre 431 a.C. e 404 a.C. Um dos fundadores da ciência que hoje chamamos de história, ele previu que aquele duelo, que opôs Atenas e Esparta, mudaria para sempre o mundo grego.

Ali não estavam em jogo apenas território e riqueza, mas dois estilos opostos de vida. De um lado, a democracia de Atenas. De outro, a conservadora Esparta, comandada por uma pequena elite militarizada. E as duas não lutaram sozinhas. Atenas liderava as cidades-estado filiadas à Liga de Delos, promovendo seu modelo democrático em todas elas. Já Esparta era a líder de outro grupo de comunidades, a Liga do Peloponeso, em que a regra era o governo oligárquico.

"Generais, diplomatas, políticos e estudiosos comparam as condições que levaram à guerra na Grécia com o que poderia ter ocorrido na época da Guerra Fria", diz o historiador americano Donald Kagan em *A Guerra do Peloponeso*. Lançado no Brasil no fim de 2006, o livro une os textos clássicos de Tucídides a descobertas recentes para compor um retrato detalhado do conflito. E, conhecendo de perto essa trágica história, não é difícil encontrar semelhanças entre a situação bipolar vivida pelos gregos e a rivalidade que assombrou o mundo na segunda metade do século 20. A tensão entre os Estados Unidos e a União Soviética surgiu depois do fim da Segunda Guerra, em 1945. Após se unirem para derrotar a Alemanha de Hitler, os dois países emergiram como superpotências rivais. Os americanos pretendiam espalhar pelo mundo o capitalismo e a democracia, enquanto os soviéticos buscavam disseminar o socialismo.

A rixa entre Atenas e Esparta também começou após uma estrondosa vitória conjunta. Em 479 a.C., na batalha de Platéia, as duas cidades-estado tinham liderado os gregos na expulsão dos invasores persas. Pouco depois, entretanto, a desconfiança mútua tomou conta de ambas as aliadas. Esparta temia a supremacia naval de Atenas, que continuou à frente dos gregos na luta para libertar as cidades-estado da Ásia ainda sob domínio persa.

Nos anos seguintes, Atenas encheu o »



Quando a diplomacia foi trocada pelo confronto direto, em 431 a.C., Atenas e Esparta saíram perdendo

» cofre com pilhagens das batalhas e estendeu sua esfera de influência por todo o mar Egeu, consolidando a Liga de Delos.

Mas os atenienses também se sentiam inseguros diante dos espartanos. Enquanto Atenas tinha expandido sua influência pelo mar, Esparta havia utilizado seu disciplinado exército para ganhar a supremacia no interior da península do Peloponeso, ao sul da Grécia. Com o "quintal" em ordem, o que impediria os espartanos de clamar por mais poder?

A paranóia de Atenas acabou se concretizando num tipo de construção que, nos anos 1960, viraria o grande símbolo da Guerra Fria em Berlim, na Alemanha. Temendo um ataque repentino de Esparta, os atenienses decidiram erguer um muro em volta de si. Os espartanos nada disseram (segundo Tucídides, ficaram "secretamente amargurados"). Mas, depois que a muralha foi construída, os radicais de Esparta propuseram um ataque imediato. Foram contidos após um intenso debate.

A situação, porém, se complicaria ainda mais. Em 465 a.C., Esparta enfrentou uma revolta de escravos. Como oficialmente todas as cidades-estado que haviam lutado contra os persas ainda eram aliadas, várias partes da Grécia saíram em seu socorro. Atenas não foi exceção: mandou um grupo de hoplitas (soldados que usavam armaduras). Os espartanos, porém, pediram que eles se retirassem dali, levando junto suas "idéias perigosas". O medo, claro, era de que o povo de Esparta se sentisse atraído pela democracia. Os atenienses se retiraram, mas ficaram ofendidos. Desmancharam a aliança com Esparta e firmaram um pacto com a cidade-estado de Argos, o pior inimigo dos espartanos. E mais: acolheu de braços abertos os escravos sobreviventes do levante, expulsos de Esparta.

Em 459 a.C, 20 anos após a vitória sobre os persas, a relação entre as duas superpotências gregas já estava deteriorada. Cidades-estado menores começaram, então, a tirar proveito da instabilidade para lutar entre si. Foi o caso de Corinto e Megara, que entraram numa disputa por fronteiras. Ambas estavam na esfera de influência de Esparta, que optou por não intervir no conflito. Megara, sentindo-se prejudicada, foi buscar a ajuda de Atenas, que topou entrar na guerra a seu favor. O problema é que Corinto fazia parte da Liga do Peloponeso, encabeçada pelos espartanos.

O conflito localizado deu origem a quase 15 anos de batalhas entre os aliados de Atenas e os de Esparta. As duas apoiaram seus protegidos, mas não chegaram a se enfrentar diretamente em conflitos de larga escala. Quando Esparta por fim se preparou para invadir Atenas, os pacifistas dos dois lados conseguiram, na última hora, forjar um acordo chamado de "Paz dos Trinta Anos", encerrando as hostilidades em 446 a.C. O tratado estabelecia que nenhuma das superpotências podia interferir nas áreas de influência da rival e que os membros das alianças não podiam mudar de lado. O mundo grego foi formalmente dividido em dois. Como ocorreu com americanos e soviéticos, mais de 2 mil anos depois, o medo de atenienses e espartanos parecia maior que a vontade de brigar. Parecia.

Cidadãos, às armas!

Quando Atenas perdeu seus marinheiros, o povo assumiu os remos

Durante a Guerra do Peloponeso, Atenas nunca perdeu a supremacia marítima. O segredo estava na habilidade de seus remadores, capazes de realizar manobras complexas sem desorganizar as três fileiras de remos dos trirremes (os barcos de combate gregos). Mas havia um ponto fraco: os marinheiros eram mercenários. Sabendo disso, em 406 a.C. Esparta se envolveu em negociatas com os persas e conseguiu dinheiro para comprar os serviços dos remadores de Atenas. Em pouco tempo, a maré pareceu estar mudando: depois de alguns combates, a combalida frota ateniense foi encurralada na ilha de Lesbos, no mar Egeu. Atenas fez, então, um último esforço de guerra. A primeira vítima, ironicamente, foi a estátua da deusa da vitória, Nike, que enfeitava a cidade. Ela foi derretida e seu ouro foi usado para montar uma nova frota. Mas quem iria remar? Só os escravos não bastariam. A solução foi convocar os cidadãos. Em vez de usar o voto para decidir os destinos da cidade, eles agora teriam que fazer isso no braço. Com muito improviso, Atenas e seus aliados reuniram 155 barcos. O combate teve lugar nas ilhas Arginusas, perto da costa da atual Turquia, onde Esparta tinha 120 trirremes. Apesar da inexperiência, os atenienses souberam usar sua superioridade numérica: em vez de dispor seus barcos numa fileira única, como era o costume, eles montaram linhas duplas, em que os de trás davam cobertura aos da frente. Surpresos, os espartanos não conseguiram evitar a mais humilhante das derrotas, que incluiu a morte de seu comandante, Calicrátidas. Acostumada a perder um quarto da frota toda vez que enfrentava Atenas, Esparta viu a proporção se inverter. Só um quarto de seus barcos voltou para casa.

VIAS DE FATO

A paz foi posta em xeque pela primeira vez em 440 a.C., quando Samos, poderoso membro da Liga de Delos, revoltou-se contra Atenas. O que era uma fogueira virou um incêndio, pois os insurgentes logo conseguiram apoio da Pérsia. Sabendo disso, os radicais espartanos convocaram uma assembléia, reunindo toda a Liga do Peloponeso. Segundo eles, era a hora ideal de atacar Atenas. Manobrando nos bastidores, os pacifistas prevaleceram de novo (e Atenas esmagou a revolta).

Apesar de manter até o fim o domínio dos mares, os atenienses acabaram derrotados por Esparta

A situação se inverteu tempos depois, quando a Córcira, uma cidade neutra, entrou em guerra contra Corinto. Vendo que iam levar a pior, os córciros apelaram para Atenas. Relutando em entrar no jogo contra um membro da Liga do Peloponeso, os atenienses concordaram apenas em enviar uma pequena força de dez navios para atuar de modo defensivo, caso Corinto tentasse atacar a frota da Córcira. Foi o que ocorreu. Graças aos atenienses, os coríntios acabaram levando uma surra. Corinto reclamou a Esparta, acusando Atenas de interferência indevida no conflito. Os espartanos, entretanto, resistiram a ir à guerra.

Testada pela terceira vez, a paz não resistiu. Megara, que havia se aliado a Esparta, foi punida por Atenas com um bloqueio comercial. Em 432 a.C., diante das reclamações contra o "imperialismo" de Atenas, os espartanos convocaram seus aliados para uma assembléia. Os atenienses também foram chamados a se explicar. Seus diplomatas não queriam entrar em guerra contra Esparta. Mas escolheram o jeito errado de evitar o conflito. Diante da assembléia, em tom ameaçador, disseram que enfrentar os atenienses seria uma insensatez. Arquidamo, o rei espartano, era amigo do líder ateniense Péricles e entendeu o jogo de cena: apesar da fanfarronice, os atenienses queriam paz. A interpretação dos aliados de Esparta, entretanto, não foi a mesma. Tomados por décadas de ressentimento, exigiram guerra contra os arrogantes atenienses. Obrigada a aceitar a decisão, Esparta partiu para o confronto. Atenas não teve como recuar. E, a partir de 431 a.C., o conflito tragou toda a Grécia.

Os gregos lutavam seguindo um rígido código de batalha, que não permitia abusos de violência. Mas, dessa vez, as partes deixaram a ética de lado. "Ódio, frustração e desejo de vingança resultaram em uma progressão de atrocidades, que incluíam mutilação e assassinato dos inimigos capturados. Cidades inteiras foram destruídas, seus homens mortos, suas mulheres e crianças vendidas como escravos", escreveu Kagan. A guerra terminou com a vitória de Esparta e seus aliados, mas não houve muito o que comemorar. O resultado dos combates arrasou a Grécia e jogou seus habitantes num período de barbárie. Fragilizadas, Atenas e Esparta foram submetidas ao domínio de uma nova potência, a Macedônia.

No século passado, por sorte, Estados Unidos e União Soviética não imitaram atenienses e espartanos. Se a diplomacia grega se parece muito com a nossa, as armas contemporâneas ficaram muito mais letais. O livro de Kagan permite imaginar o que teria ocorrido se a tensão da Guerra Fria tivesse irrompido numa guerra direta. Com mísseis nucleares no lugar de barcos e hoplitas, tudo teria sido ainda mais triste que a legítima tragédia grega do Peloponeso. ▌

SAIBA MAIS



LIVRO
***A Guerra do Peloponeso*, Donald Kagan, Record, 2006**
R$ 69,90

Ilustração da Primeira Cruzada: para os muçulmanos, católicos eram bárbaros

CLÁSSICO

Invasões bárbaras

Livro mostra como os cavaleiros medievais foram vistos por quem estava do lado de lá

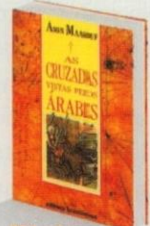
Depois que o papa Urbano II fez um sermão ao ar livre na cidade de Clermont, na França, no ano de 1095, o mundo jamais seria o mesmo. É que foi nesse sermão que o pontífice incitou bispos, nobres e cavaleiros a tomar Jerusalém das mãos dos muçulmanos. Pronto: teve início aí a primeira de uma série de cruzadas, movimento que moldou o futuro da Europa e o embate entre cristãos e muçulmanos nos séculos seguintes.

No imaginário ocidental, as cruzadas foram vistas como o palco em que cavaleiros demonstraram seus mais nobres valores em nome da cristandade. Mas como esses mesmos cavaleiros foram vistos pelos muçulmanos que tocavam tranqüilamente suas vidas na região antes de os cruzados chegarem?

Em 1983, o escritor libanês Amin Maalouf escreveu *As Cruzadas Vistas pelos Árabes* (Brasiliense) para responder a essa pergunta. E a resposta foi perturbadora: para os seguidores de Maomé, a tomada de Jerusalém pelos cruzados foi uma verdadeira invasão bárbara. Maalouf conta como os muçulmanos ficaram horrorizados diante de milhares de guerreiros louros matando adultos, velhos e crianças, estuprando mulheres e saqueando mesquitas. E as vítimas do ataque, conta o autor, não foram apenas os muçulmanos. Milhares de judeus que viviam na cidade morreram queimados ao buscarem refúgio em uma sinagoga de Jerusalém incendiada pelos invasores cristãos.

Dessa primeira invasão, no século 11, até a derrocada final dos cruzados no século 13, Amin Maalouf narra os eventos em tom de aventura épica, sem perder de vista os principais personagens que participaram das batalhas. A impressão, para quem lê, é a de que os primeiros cristãos que chegaram por lá foram vistos, com certa razão, como selvagens e ignorantes, já que eram compostos também de maltrapilhos pobres que desconheciam a civilização islâmica. Nunca é demais lembrar que, na época, o império islâmico era bem mais sofisticado culturalmente do que os reinos cristãos medievais.

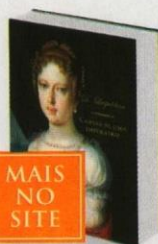
RODRIGO CAVALCANTE



254 págs.
R$ 40

LANÇAMENTOS

Correspondência real



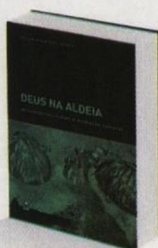
Se pouco ou nada se sabia sobre a vida privada da esposa de Pedro I, *D. Leopoldina – Cartas de uma Imperatriz* (Estação Liberdade) veio resolver o problema. O livro traz 315 das cerca de 850 missivas que ela escreveu até 1826 (quando morreu aos 29 anos) para, entre outras pessoas, o rei dom João VI e sua irmã Maria Luísa, dada em casamento a Napoleão Bonaparte. A edição inclui cópias das cartas reais.

PAULO ARAÚJO

MAIS NO SITE

496 págs.
R$ 72

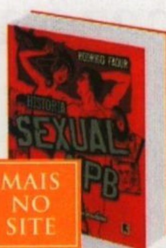
Choque de civilizações



Quais relações sociais e simbólicas se estabeleceram quando os padres jesuítas e os índios se encontraram em solo brasileiro no século 16? Os 11 ensaios de *Deus na Aldeia – Missionários, Índios e Mediação Cultural* (Globo), organizado pela professora de antropologia da Universidade de São Paulo Paula Monteiro, respondem a essa complexa questão. Sem tomar partido, o livro também promove uma revisão sistemática e crítica de como a antropologia deve muito a esses "choques de civilizações". P.A.

582 págs.
R$ 36

Do machismo ao funk carioca



História Sexual da MPB (Record) é um daqueles livros que se propõem um objetivo e acabam atingindo alvos adiante. O autor, Rodrigo Faour, pesquisou mais de 15 mil músicas feitas no Brasil desde o século 18 para mostrar como a mulher e o sexo foram vistos pelas canções populares. Mas ler o livro é muito mais que um passeio pela história musical brasileira (estão lá, por exemplo, o nascimento de ritmos quentes como maxixe e funk). Ele também mostra como a sociedade evoluiu durante os últimos 300 anos.

CLÁUDIA DE CASTRO LIMA

MAIS NO SITE

588 págs.
R$ 63,90

TRECHO DO LIVRO

"O funk carioca chutou o pau da barraca e, em meio ao calor tropical reinante, abriu as pernas e mandou ver, provando que, em termos de sexo, a chapa deles é mesmo muito quente. O mais divertido deles remete aos velhos forrós ou marchinhas, com o melhor do duplo sentido. Satirizando a popular marca de fogões Dako, Tati Quebra-Barraco – sempre ela! – faz sucesso com... *Dako é bom!*: 'Entrei numa loja/ Estava em liquidação/ Queima de estoque/ Fogão na promoção/ Escolhi da marca Dako/ Porque Dako é bom/ Calma, minha gente/ É só a marca do fogão'. Se fosse em ritmo de forró, Genival Lacerda e Clemilda poderiam até gravá-la."

SAIBA MAIS

MAIS NO SITE

Você pode conhecer um pouco mais sobre o livro *História Sexual da MPB*, que teve um parágrafo reproduzido no quadro acima. Todas as obras desta página marcadas com o selo "Mais no site" têm seus primeiros capítulos disponíveis aos leitores em nosso site. Acesse e confira.

BIBLIOTECA BÁSICA

Um passeio pelos bastidores da história política do Brasil

POR RONALDO COSTA COUTO*

A Ditadura Envergonhada, A Ditadura Escancarada, A Ditadura Derrotada, A Ditadura Encurralada
ELIO GASPARI, COMPANHIA DAS LETRAS, 2002 A 2004



Mágica viagem aos bastidores da ditadura de 1964-85. Fruto de quase 20 anos de trabalho, ilumina a compreensão do período. Escancara as entranhas do regime, analisa e interpreta fatos relevantes, desvenda mistérios, desfaz segredos. A qualidade do texto é atração à parte. Aguarda-se o quinto e derradeiro volume.

O Brasil sem Retoque: 1808-1964
CARLOS CHAGAS, RECORD, 2000



Em dois volumes, um passeio fascinante pela história brasileira, da chegada de dom João VI até o golpe de 1964, contada por jornais e jornalistas. Aulas de jornalismo e história da imprensa. Pesquisa cuidadosa, análise sensata, visão crítica. Linguagem enxuta, clara, limpa. Espera-se o terceiro volume.

Do Golpe ao Planalto
RICARDO KOTSCHO, COMPANHIA DAS LETRAS, 2006



Depoimento e memória de 40 intensíssimos anos de vida de repórter. Da ditadura e da redemocratização ao governo do presidente Lula, de quem o autor foi secretário de imprensa até o fim de 2004. Aventuras, histórias e historinhas, intimidade do poder, revelações esperadas e inesperadas. Uma delícia.

* RONALDO COSTA COUTO
Doutor em História pela Sorbonne, é autor, entre outros, de *História Indiscreta da Ditadura e da Abertura* e *Brasília Kubitschek de Oliveira*.



Uma das cenas de *Amazônia*, que a Globo exibe em janeiro

TELEVISÃO

100 anos de Amazônia

Minissérie aborda a conquista do Acre e o cotidiano dos seringueiros

Amazônia — De Galvez a Chico Mendes, minissérie da Rede Globo cuja estréia está prevista para 2 de janeiro, é uma combinação de história e ficção. A trama, que começa no fim de 1899, aborda três fases da conquista do Acre, somando 100 anos da história da região e passando por heróis como o espanhol Luis Galvez, o militar Plácido de Castro e o seringueiro Chico Mendes *(veja quadro ao lado)*.

"A minissérie começa no período áureo da borracha, quando, em plena revolução industrial, apenas a região amazônica produzia borracha no mundo, despertando o interesse e a cobiça de outros países", afirma a autora Glória Perez. Segundo ela, a história da Amazônia, em especial a da região do Acre, é desconhecida do grande público e em vários momentos a realidade poderá ser confundida com a ficção. "O 'brasileiro do Acre' sempre foi tratado como pessoa distante da nossa realidade. E desde sempre. As pessoas mais ricas que moravam lá iam para a Europa com mais freqüência do que para o Sudeste, Rio ou São Paulo", diz a autora – que, aliás, é natural do Acre.

O glamour da *belle époque* estará nas cenas de Manaus, onde moravam as famílias dos seringalistas no auge do Ciclo da Borracha. No início do século 20, Manaus era uma das cidades mais prósperas do mundo por conta do lucro obtido com o látex. Locais da época, como o Teatro Amazonas e o Palácio da Justiça, serviram de locação para a minissérie.

CAROL KNOPLOCH

Amazônia – De Galvez a Chico Mendes
Estréia: 2 de janeiro
Direção: Marcos Schechtman

Mocinhos amazônicos

Os líderes dos movimentos na região

LUIS GALVEZ
Em 1899, o Acre, ocupado por migrantes nordestinos, pertencia à Bolívia, que quis retomá-lo. Os acreanos se revoltaram e foram liderados pelo espanhol Luis Galvez (interpretado por José Wilker), que criou o Estado Independente do Acre.

PLÁCIDO DE CASTRO
Militar gaúcho (Alexandre Borges na minissérie) que treinou um exército de seringueiros em 1903 e venceu o bem equipado Exército da Bolívia. Na época, a Bolívia arrendara o Acre para um conglomerado americano.

CHICO MENDES
Na década de 1980, o seringueiro (Cássio Gabus Mendes na trama) uniu seringueiros e índios num movimento de resistência para impedir o desmatamento dos seringais, que eram transformados em pasto para gado. Foi assassinado em 1988 por fazendeiros.

EXPOSIÇÕES

O tempo de Aleijadinho

A exposição *Aleijadinho e seu Tempo – Fé, Engenho e Arte* traz dezenas de peças originais esculpidas pelo mestre do barroco mineiro, como estátuas, objetos sacros e oratórios. A mostra está dividida em 11 módulos e conta também com réplicas autorizadas da obra mais famosa do artista, os 12 profetas de Congonhas do Campo (Minas Gerais), e objetos típicos do século 18, como moedas e lingotes.
CLÁUDIA DE CASTRO LIMA

Até 11 de fevereiro, no Centro Cultural Banco do Brasil, rua Primeiro de Março, 66, Rio de Janeiro, RJ



©2

Obras originais do mestre do barroco mineiro estão no Rio de Janeiro



©2

O Brasil do século 19 foi retratado por Marc Ferrez

O país há 100 anos

Depois de passar por Paris, Rio de Janeiro, Poços de Caldas e Porto Alegre, está em São Paulo a exposição *O Brasil de Marc Ferrez*. São mais de 350 cópias de fotografias feitas por Ferrez a partir do início da década de 1860 – entre elas, um retrato de dom Pedro II de 1885 e uma rara imagem de Machado de Assis de 1890. C.C.L.

Até 4 de março, na Galeria de Arte do Sesi, avenida Paulista, 1313, São Paulo, SP

Coleção hereditária

Quarenta e duas gravuras francesas do século 19 colecionadas pelo pai do empresário Castro Maya, Raymundo, formam o conjunto da mostra *Société des Amis de L´Eau-Forte – Uma Coleção de Pai para Filho*. As gravuras foram feitas por membros de uma sociedade francesa, a Sociedade dos Amigos da Água-Forte. C.C.L.

Até 26 de fevereiro, no Museu Chácara do Céu, rua Murtinho Nobre, 93, Rio de Janeiro, RJ



©2

Esta é a primeira vez que as gravuras são expostas

DVD

INTRIGAS ROMANAS
Já está disponível em DVD a primeira temporada da série *Roma*, exibida pelo canal a cabo HBO no ano passado e co-produzida pela BBC britânica. A série, uma superprodução avaliada em 100 milhões de dólares, tem 12 episódios e mostra a política na época da República e as intrigas que aconteceram nos bastidores até a formação do Império Romano. A trama é amarrada com a história de dois soldados da Legião Romana, que interagem com personagens famosos, como Júlio César, Otávio, Pompeu e Cleópatra.
Roma – 1ª temporada
Distribuidora: Warner

ONLINE

ACERVO AFRICANO
Entrou no ar no fim do ano passado o novo site do Museu Afro Brasil. Além de toda a parte institucional (que conta a história do museu e seus objetivos, por exemplo), o site tem informações sobre cursos e oficinas, exposições temporárias e também sobre seu acervo, que está todo organizado por temas (religiosidade, trabalho e escravidão, entre outros). Dá para obter dados sobre os objetos expostos e ver imagens deles.
www.museuafrobrasil.prodam.sp.gov.br

GAME

GUERRA MEDIEVAL
Foi lançado nos Estados Unidos o game *Medieval II: Total War*. O jogo tem como cenário quatro séculos e meio de uma turbulenta fase durante a Idade Média (entre 1080 e 1530), que aborda, entre outros acontecimentos, as Cruzadas, a Inquisição e a Renascença. As batalhas são travadas entre exércitos europeus antes do descobrimento da América – mas o game também oferece ao jogador a opção de lutar contra os astecas. Em *Medieval II*, você também tem autonomia para, por exemplo, optar por obedecer ou não às ordens do papa e fraudar eleições.
www.totalwar.com



©2



MEMPHIS

Mansão de Graceland

Foi lá que Elvis Presley passou a melhor fase da vida. Lá também morreu – embora exista quem não acredite nisso



Graceland, em Memphis, no Tennessee, Estados Unidos, foi a moradia de um músico que já vendeu mais de 1 bilhão de discos: Elvis Aaron Presley, até hoje cultuado como o maior nome que o rock já conheceu. A mansão era seu local preferido, o lugar onde ele passou os melhores anos de sua vida. Foi lá que morreu, aos 42 anos, em 1977. É lá que está enterrado. Graceland é também o lugar onde seus fãs tentam acreditar que ele ainda vive.

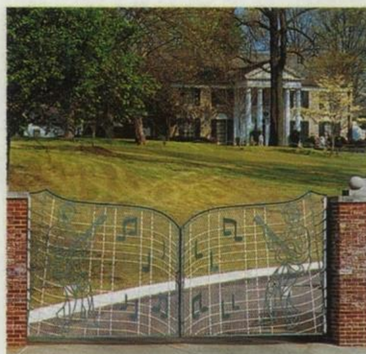
A mansão foi aberta para visitação em 1982 e, em 1991, virou museu. Atrai atualmente cerca de 600 mil pessoas por ano. Graceland é hoje, por causa desse número, a segunda residência mais importante dos Estados Unidos – fica atrás apenas do quartel-general dos presidentes do país, a Casa Branca.

A mansão em que Elvis morou por 20 anos foi construída em 1939 pelos antigos proprietários, o casal Thomas e Ruth Moore. O nome Graceland (algo como "terra de Grace") foi dado em homenagem à tia de Ruth, Grace Toof. Elvis a comprou em 1957, com apenas 22 anos, por 102500 dólares. Ele deu 10 mil dólares em dinheiro vivo mais a casa que possuía na época, que valia 55 mil dólares. O restante, 37500 dólares, foi hipotecado.

ENDRIGO COELHO

SAIBA MAIS

www.elvis.com/graceland



1 PORTÃO DOS DESESPERADOS

A mansão onde Elvis viveu em Memphis é suntuosa do começo ao fim. O portão principal, chamado de Portão Musical, foi, durante muito tempo, ponto de encontro de fãs enlouquecidos, que se aglomeravam freqüentemente para tentar um autógrafo do rei. Elvis costumava atender aos pedidos e passava minutos grudado no portão, assinando discos e papeizinhos.



2 CAROS AMIGOS

Para receber os amigos, Elvis decorou a sala de estar de sua mansão com esmero. Chamada de White Room – por sua cor, branca –, ela é repleta de espelhos e de vidros pintados com desenhos de pavões. Além disso, o local tem uma passagem para uma salinha ao lado, onde o músico colocou um piano.

3 SALÃO DO AUTOMÓVEL

Elvis era um aficionado por Cadillacs. A mansão já chegou a abrigar 40 deles ao mesmo tempo. O mais famoso é este rosa, um 1955 Fleetwood 60 Special, que segue exposto por lá. A máquina foi um agrado dele para mamãe, mas ela nunca dirigiu. Elvis emprestava seus Cadillacs para os amigos. Todos, menos este.

4 VELHA ROUPAGEM

Um dos cômodos que mais impressionam na mansão é o que reúne os prêmios e roupas. Nas paredes estão pendurados os 68 discos de ouro, 50 de platina e 32 de multiplatina que Elvis recebeu. Nas redomas, quatro de suas roupas preferidas. O figurino era inspirado nos quimonos de caratê, esporte pelo qual ele era apaixonado.



5 FAMÍLIA REUNIDA

Elvis foi enterrado no cemitério de Memphis, mas, depois que tentaram roubar seus restos mortais (em 29 de agosto de 1977, 11 dias após o enterro), a família o levou para o Jardim da Meditação, em Graceland. Pouco tempo depois, os corpos dos pais e de uma das avós fizeram o mesmo caminho.



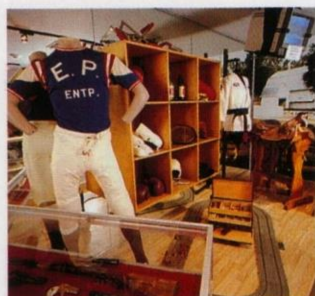


Na mansão, Elvis viveu e está enterrado



6 MURO DAS PICHAÇÕES

Num pedaço do extenso muro de pedra que contorna a mansão, os visitantes resolveram deixar seus "autógrafos" para o ídolo. Tem de tudo: desde fãs que apenas assinam o nome até agradecimentos e declarações de amor ao homem que deu forma ao rock.



7 SALA DOS PRAZERES

Quando não estava em um dos mais de 1 200 shows que fez na vida, Elvis se divertia lutando caratê ou curtindo seus cavalos. Um anexo na mansão mostra os hobbies: tem um autorama, a coleção de armas de fogo, as selas de cavalo, o quimono, as luvas de boxe.

8 JAQUETA DOURADA

A roupa predileta do astro era a famosa jaqueta dourada de lamê. O rockstar a usou muito antes de servir o Exército americano, entre 1958 e 1960. Mas a peça ganhou fama depois que apareceu na capa do disco *Elvis Gold Records Vol. 2*, de 1959, considerado uma das compilações mais importantes da história da música.



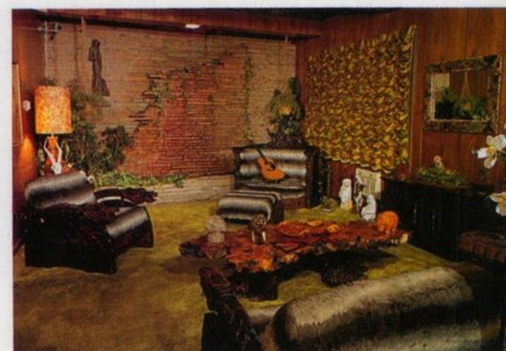


10 ANDAR PROIBIDO

A escadaria com vários violões é uma espécie de sinal de "pare". Dali ninguém passa. Lá em cima, onde ficam, por exemplo, o banheiro, o quarto e o escritório da mansão, visitantes não são permitidos. Assim, o museu preserva uma tradição, já que o músico não tinha o hábito de subir com as visitas.

9 ESTÚDIO PARTICULAR

A acústica de Graceland é especial e foi um dos motivos que levaram Elvis a comprá-la. A mansão foi construída com um sistema de som tecnicamente perfeito, já que a filha do antigo dono da casa era pianista. Na Jungle Room, o estúdio particular do rei (que hoje está sem os equipamentos), ele gravou *The Jungle Room Sessions*, em 1976.



POR NEGREIROS

O PICHADOR DA PRÉ-HISTÓRIA

